DA MINHA TERRA:

FIGURAS GRADAS

IMPRESSÕES DE ARTE

Do presente livro foram tirados cincoenta exemplares especiaes, em papel de Hollanda, numerados e rubricados pelo auctor, que serão vendidos pelo preço de cinco mil réis, tendo preferencia as pessoas que ficaram com os correspondentes exemplares da Ceramica Portugueza.

José Queiroz

DA MINHA TERRA:
FIGURAS GRADAS
IMPRESSÕES DE ARTE

Illustrações
de
ROQUE GAMEIRO E SANTOS SILVA

LISBOA
Imprensa Libanio da Silva
29, Rua das Gaveas, 31
1909

Do mesmo auctor

Ceramica Portugueza — Primeira publicação neste genero em lingua portugueza. Recebida com louvor pela critica do paiz e do estrangeiro. Um volume de 463 paginas, in-folio, sobre *satiné* especial, com mais de 240 illustrações no texto e 249 marcas das louças, antigas e modernas, portuguezas, na maior parte ineditas. Titulos dos capitulos:

A ceramica em Portugal (esboço historico). Caracter geral da ceramica. Influencia das fórmas romanas e da olaria arabe. Manifestações artisticas em Portugal. A ceramica portugueza anterior ao seculo XVIII. A influencia oriental. O seculo XVIII. Typos decorativos.—As fabricas (notas e documentos). Lisboa e seu districto. Caldas da Rainha, Juncal, Alcobaça. Aveiro e seu districto. A porcelana. A fabrica da Vista Alegre. Alemtejo e Algarve. Vianna do Castello e seu districto. Ilhas adjacentes. — Azulejos. — Esculptores-barristas.—Tijolo.—Diccionario de marcas. Introducção. Louças de estimação. Conselhos aos colleccionadores. Collecções existentes no paiz. Generalidades sobre as marcas. Marcas e monogrammas. Algarismos e datas. Marcas figurativas.—Diccionario de ceramistas, profissionaes e amadores.

PREFACIO

Neste livrinho encontrarão os leitores, antes d'alguma coisa sobre as artes applicadas, impressões varias, e perfis, a largos traços, de pessoas gradas, cujo valor litterario é fundamentalmente artistico — artistas, portanto, que, na nossa terra, devem ter um logar á parte.

Sob a mesma impressão, tenciono tratar de outras figuras litterarias, de artistas que em absoluto se occupam das artes plasticas, e, ainda, de outras individualidades que, pelo seu elevado prestimo, têem engrandecido o nosso paiz. Fica para subsequentes volumes a continuação da tarefa.

DA MINHA TERRA:

FIGURAS GRADAS

IMPRESSÕES DE ARTE

Joaquim de Vasconcellos
Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Evora

Numa noite fria de fevereiro de 901, aguardava eu na estação de Evora a chegada de Joaquim de Vasconcellos e de sua mulher, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. A minha pessoa partira de Lisboa vinte e quatro horas antes, a marcar alojamento para os illustres escriptores, que a cidade eborense ia receber com orgulho. Sim! Evora devia orgulhar-se de os receber na sua intimidade.

Os monumentos, até então, não haviam de certo franqueado o seu culto, a sua arte e as suas sumptuosidades a sabedores mais grados, como nunca teriam sido vistos e encarecidos por seres mais distinctos do que esses que iam chegar — unidos

pelos laços matrimoniaes, pelo affecto e pelo grande valor intellectual, que reciprocamente muito consideram.

Subitamente, fui abraçado por um amigo — Augusto Ennes — que exclamatoriamente me dirigiu estas plausiveis interrogações:

— Você em Evora!? Que faz aqui!? E' singularissimo!

Respondi, e pedi-lhe desculpa de lhe não ter batido ao ferrolho...

— Ah! bem sei: do Porto. São dois eruditos!

— Sim, meu amigo, duas almas que têem passado a vida a engrandecer o nosso torrão!

— Perfeitamente, perfeitamente! Elle é quem mais subsidios tem dado para a historia da arte e das industrias em Portugal, e ella tem contribuido grandemente para a historia das bellas-lettras, da poesia, desde os Cancioneiros até Sá de Miranda!

— Tudo isso, e os seus auctores vão entrar em Evora, nesta noite de inverno, sem foguetes, sem philarmonicas, sem vivas berrantes e sem discursos forçados e vexatorios, simplesmente, unicamente recebidos pelo mais humilde dos seus amigos, para lhes dizer que os esperam um aposento modesto, um caldo asseado e uma cidade encantadora!

— Mas elle não é a primeira vez que vem a Evora...

— De certo. A senhora é que pela primeira vez a visita.

— Quem me fallava muito d'elles, quando aqui vivia, era Gabriel Pereira, homem singularissimo a quem Evora muito deve!

— Certamente! Devemos exaltar o seu nome, quando o pronunciamos!

Instantes depois, o silvo estridente da locomotiva avisava de longe o pessoal, a postos na *gare,* e, poucos minutos passados, assomava na curva, como sol que desponta, a luz reflectida e multiplicada pela aureola metallica do farol, que, á maneira que se acercava, diminuia de intensidade, emquanto a machina augmentava de volume.

Automaticamente, a ancia da locomotiva parou; corri para a carruagem, d'onde Joaquim de Vasconcellos vinha mostrando o busto, enquadrado no caixilho da portinhola; dei-lhes as boas vindas e ajudei a descer a Senhora, que declarou vir encantada com o caracter da região! Depois, peguei numa das *valises,* indiquei a sahida, e, em caleça tirada por muares, deixámos a estação e seguimos, com pressa, até ao Hotel Annes, onde o caldo reparador esperava os viajantes.

A' mesa, trocaram-se impressões sobre a paisagem alemtejana, recordaram-se factos historicos da velha cidade resgatada aos sarracenos por Geraldo

sem pavor, Sertorio, a torre dos Coelheiros, os Cogominhos, etc.

Quando se deram as boas noites, o relogio batia meia hora depois das onze.

Ao outro dia, bem cedo, quando eu esperava por Joaquim de Vasconcellos, já o meu erudito amigo não estava no hotel.

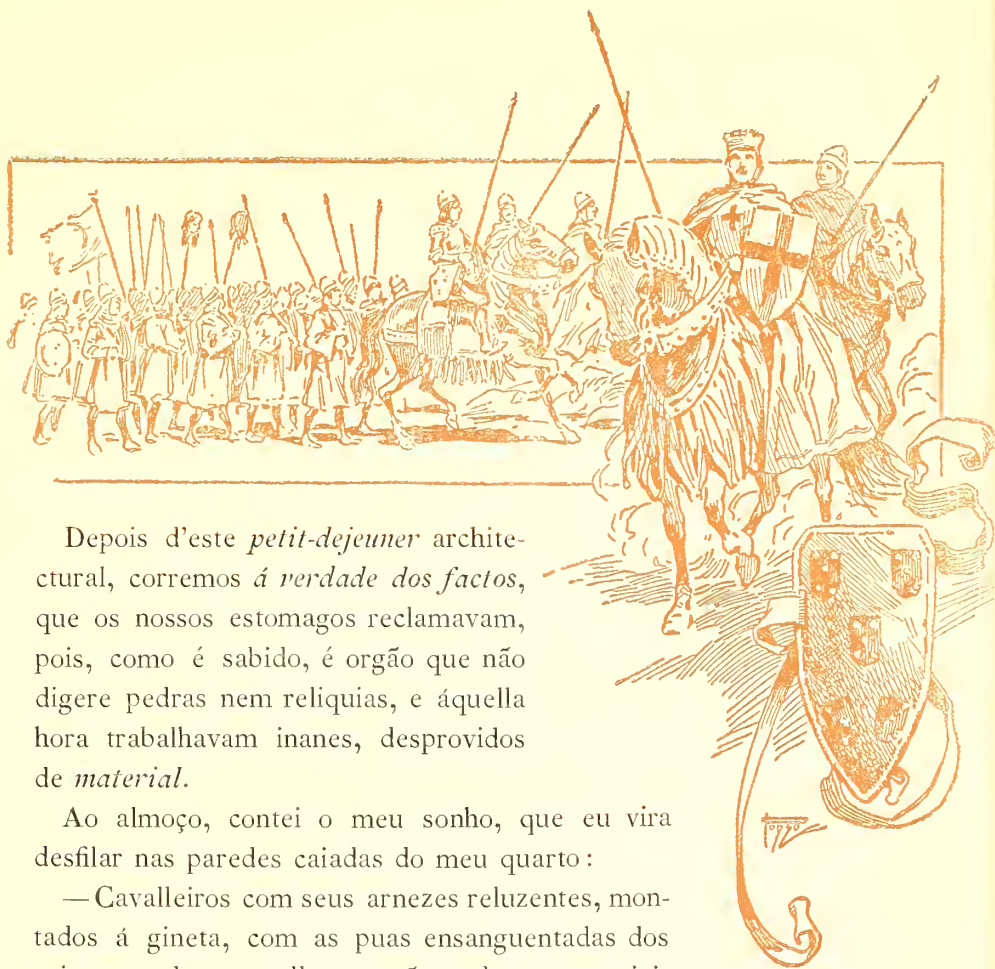
Sahi, e, á porta, o criado, que limpava o calçado dos hospedes, deu-me os bons dias e o recado do *Senhor do 18* e perguntou-me se dormira bem.

— Isso sim! Toda a noite a sonhar com *Santiago!*

— Pois bem, contestou o *toca-extremos.*

Fui encontrar Vasconcellos em S. Francisco, ás oito da manhã, com o seu caderno de notas, o seu lapis, o seu metro e o seu binoculo.

Começaram por este templo — que tem sobre as portas de entrada, abrigadas pela galilé, o *pelicano* de D. João II e a *esphera armilar* de D. Manuel — a peregrinação admirativa e estudiosa, que durou desde esse sabbado, 9, até 15 do segundo mez do nosso anno, dia em que os meus amigos partiram no comboio da noite para Estremoz e Villa Viçosa.

D'aquella egreja, que foi principiada e concluida, respectivamente, por aquelles monarchas, deu-se uma saltada a Santo Antão, cuja fabrica deve ter tido começo — segundo se diz — no fim do seculo XII.

Depois d'este *petit-dejeuner* architectural, corremos *á verdade dos factos*, que os nossos estomagos reclamavam, pois, como é sabido, é orgão que não digere pedras nem reliquias, e áquella hora trabalhavam inanes, desprovidos de *material*.

Ao almoço, contei o meu sonho, que eu vira desfilar nas paredes caiadas do meu quarto:

— Cavalleiros com seus arnezes reluzentes, montados á gineta, com as puas ensanguentadas dos acicates e dos martelletes; mãos cobertas por vieiras imbricadas, na dextra a lança, na esquerda firme a redea, e — um que outro — no braço de defesa o lampejante escudo com as quinas portuguezas.

Os cavallos relinchavam, de venta aberta, bracejando soberbamente, num passo garboso e caden-

ciado, parecendo querer fazer luzir mais vistosamente os vencedores, cujas cabeças ostentavam elmos com paquifes, de viseiras levantadas, sob os quaes brilhavam os olhos de Affonso Henriques, de Geraldo, de Cogominho e de Sancho II!

Após estes, outros ginetes, com peitos d'aço, cotas imbricadas, anneladas e d'outras malhas medievaes, mostravam categoria.

Na cauda, uma alluvião de peões marchando triumphantemente, com as cabeças defendidas por chapeus de ferro, cervilheiras e almafres; ao hombro, lanças, clavas, martellos, maças, partazanas, achas e, nos braços, resistentes broqueis.

Seguiam-nos bésteiros de cavallo, de garrucha e de conto.

No meio d'est'ultimo troço d'almogavares de correria, servidores, cavallos resfolegantes, com as sellas nuas, fazendo telintar as ferragens, pendentes das bridas, dos arções, das retrancas, os estribos e mais peças dos jaezes; bandeiras verdes, farpadas, com crescentes d'oiro quente, e, bem alto, para que se vissem, duas cabeças, espetadas em farpões, de moiro e de moira!

Nas physionomias, nos olhos scintillantes do sagaz cabo de guerra e da vencedora peonagem, lia-se gloria, não tanto de vencer homens como de fazer reviver crenças!

De todo esse tropel de gente e de corceis o echo batia na muralha romana da cidade, subia no espaço, acompanhado pelo pyrilampar dos metaes, tocados de sol. Pairava o effeito, e o som repercutia-se na planicie, para alem dos muros, num decrescendo chromatico, até se extinguir no horizonte!

— Bravo! Para sonhar assim, seria melhor viver dormindo — disse, com affabilidade, a auctora da monumental obra sobre o Sá de Miranda.

— O que não me explico, minha Senhora, é a razão por que toda esta sonhadora visão se não passava aos meus fechados olhos sómente em Evora. Tão depressa estava aqui como em outros pontos do Alemtejo, no Algarve e em Guimarães! E — extraordinaria persistencia! — continuamente via em movimento, — cavallo e cavalleiro brancos, muito brancos, na abobadilha branca do meu quarto — o famigerado Santiago. Que viria aqui fazer o apostolo gallego?

Joaquim de Vasconcellos, que ingeria com apetite uma fritada de ovos com chouriço, atalhou:

— Ideias associadas, meu amigo.

— Sim, ideias associadas; repetiu a Senhora amavelmente, e proseguiu:

— Ninguem sonha com coisas que não tenha visto ou lido... Se não tivesse já estado na monumental Compostela, onde, sobre o tympano da

fachada do Consistorio, se exhibe a estatua equestre do Apostolo, que os gallegos quasi todos os annos, pelas festas de julho, branqueam a tinta, para que o lendario guerreiro resplandeça mais intensamente aos olhos dos christãos, sob o sol da Hespanha, não teria visto agora aqui, em Evora e no tecto do seu quarto, o notavel matamoiros, que, segundo a lenda, appareceu em visão aos hespanhoes na batalha de Cavite. Ainda pela mesma associação de ideias e pontos de affinidade que ha na symbolisação do padroeiro compostelano e de Geraldo *sem pavor* nas armas d'esta cidade, se explica a persistencia do santo cavalleiro na alcova do Hotel Annes.

Aqui interviu, ao concluir uma nota sublinhada no seu livro de apontamentos, o auctor do *Francisco de Hollanda*, ajudando a recompor nitidamente o quadro historico que o meu tumultuoso sonho esboçára:

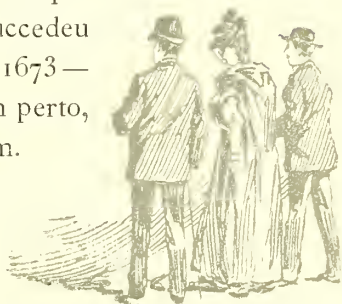
— As correrias a Guimarães—disse elle, fechando o livrinho — justificam-se pela estatua, que você alli viu, do fundador da nossa monarchia, que começou por derrotar moiros, magistralmente posta de pé pelo genial Soares dos Reis. O que minha mulher acabou de dizer é assim: ninguem sonha com coisas que ignora completamente. Se quizesse darse a um pouco de trabalho, coordenaria facilmente,

em sequencia historica, tudo quanto baralhou dormindo mal, e veria que os outros pontos do Alemtejo e do Algarve, por onde divagou a noite passada, são seus conhecidos...

Depois do almoço, subiu-se a Sellaria, em direitura á Sé, e, nesse pequeno trajecto, não houve um estylo architectonico, um resalto de parede, um *sgrafitto,* um papagaio de sacada, um ferrolho de porta, que não fosse julgado dentro da sua epocha, segundo a sua utilidade e o seu valor artistico.

Quando, timidamente, eu adiantava alguma lembrança, em que julgava dar alguma novidade, tinha invariavelmente esta resposta: — «Ah! sim; é muito interessante»; e o objecto era descripto com minuciosidade! Assim me succedeu ao citar a data de um *sgrafitto*—1673— no friso d'uma janella, alli bem perto, que eu desenhára no meu album.

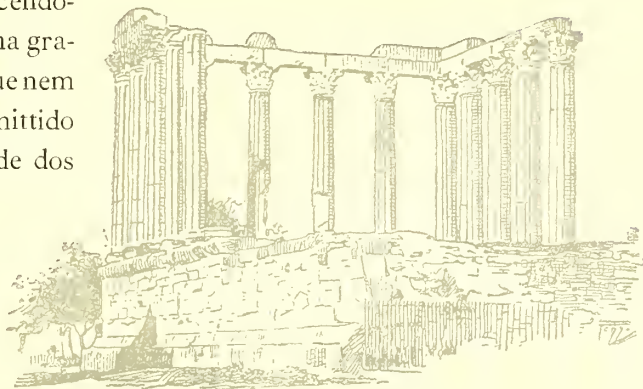
Desde o portico da velha Sé Metropolitana, cuja fundação, no seculo XII, se attribue ao Bispo D. Payo, até á capella do Esporão, delicadamente trabalhada em marmore branco e datada de 1529, e ao côro, esculpido em madeira, no estylo da Renascença, no anno de 1562, tudo foi visto, em conjuncto e no detalhe, sob uma analyse desconvencionada, segura na retrospectivi-

dade historica, apreciando-se devidamente a concepção, a mão d'obra, e, se sim ou não, segundo a materia prima, o lavor e a luz, tudo estava absolutamente d'accordo. E ahi ficava, completa, a critica de uma obra, o conhecimento das noções genericas das coisas, philosophicamente vistas e sentidas, como sentida alli estava toda a sciencia das sensações, como se fôra um extracto de raros e aromaticos perfumes!

E assim a metaphysica e a esthetica supplantavam, com a visitação d'esses dois seres mais do que cultos, o culto divino do magestoso templo sagrado.

Bem differentemente considerava eu, como se passasse das trevas para um fóco intenso de luz pura, que me envolvesse a cabeça, como um resplendor; bem differente era, para mim, a concepção humana e o labor das creaturas, que eu nunca tinha sentido e visto tão enormemente!

A grandeza do edificio multiplicava-se, a sua expressão vivia com novos effeitos, côres desconhecidas, *nuances* delicadas, como as vitragens nunca haviam projectado nas lages

pavimentaes. E toda essa sensação, que jámais havia experimentado, em tantas vezes que a minha cabeça descoberta passára por baixo d'aquella abobada sacrosanta, eu a devia agora á exposição despretenciosa de dois espiritos privilegiados, e, se não ajoelhei a seus pés, agradecendo-lhes tamanha graça, foi porque nem tudo é permittido á sinceridade dos homens...

Quando deixámos o templo romanico para admirarmos o templo de Diana — eu, que imaginava saber alguma coisa do que Evora possuia de bello — considerei-me um ignorante *chapado*, e, ante as columnas canneladas do templo romano, só pude dar uma noticia inedita: algumas pontas dos capiteis corinthios foram partidas pelo raio que, numa noite tempestuosa, visitou Evora! E por aqui me deixei ficar com toda a minha erudição, com o proposito de não fallar mais de historia, de archeologia artistica e de sensações transcendentes, e ouvir, ouvir e ouvir...

Nestas preciosas ruinas, esteve muitos annos — até 1870 — installado o açougue! Subitamente, sahiu do grupo esta allusão:

— Seriam aqui abatidas as novilhas que puxaram o carro da filha de Jupiter?...

Ainda nessa mesma tarde se visitaram os restos do convento do Paraiso, em demolição, onde dominava o estylo da Renascença. A capella de D. Alvaro da Costa, fundador da Misericordia de Lisboa, trabalho em marmore branco, com as datas do inicio e da conclusão — que jogam com a tumular — estava ainda de pé. Ao fundo, sobre o tumulo, um retabulo de azulejos, do principio do seculo XVII, representando N. S. do Rosario. Da campa, que fôra já violada, a inscripção é rematada pela data: 1535 [1].

A peregrinação no dia dez de manhã foi ao Museu Archeologico, installado nos baixos do Paço de D. Manuel. Entre as pedras raras, estava exposta uma imagem — a Annunciação — do seculo XIV, muito notavel e em perfeito estado de conservação. A seguir, uma rapida vista d'olhos aos restos da egreja da Graça, onde encontrámos n'uma *cartouche,* entre os lavores ornamentaes do marmore, a data — 1537.

---

[1] A capella está actualmente no Museu da Bibliotheca.

Desde o almoço ao toque da sineta para a grande refeição, boas cinco horas de trabalho foram dedicadas aos apontamentos minuciosos de seis esplendidos pannos da Flandres, tecidos a lã e seda, que o seu possuidor, o Senhor Francisco de Barahona Fragoso, nos deixou admirar.

Joaquim de Vasconcellos, a quem algumas vezes eu escrevera exaltando o valor de tão extraordinaria collecção de pannos do seculo xv, dizia-me nessa manhã :

— Tenho visto as melhores tapeçarias que se guardam na Hespanha, na França, na Italia, na Allemanha e noutros paizes da Europa. Como quer você que me deslumbrem as que vamos vêr ?

Mas, agora, em frente d'ellas, o meu erudito amigo dava-me razão e confessava que nunca as havia visto mais valiosas.

Um d'esses pannos — o maior — que, se bem me lembro, representava o «Juizo Final», tem mais de cem figuras e mede 7 ½ metros de largo por 3 ½ d'alto. Os outros : «Apresentação no templo», sessenta figuras ; «O Paraiso», trinta e seis ; o do «Rei David», vinte e cinco. Tenho ainda ideia da figura da vaticinadora Sybilla.

Parte do dia onze, depois de vermos os magnificos azulejos de S. Salvador, foi dedicado á Bibliotheca Publica, dia chuvoso e triste, que tenho

apontado no meu *Diario* como um dos mais afflictivos da minha vida! Encontrava-me na sala de leitura e os meus companheiros no Museu, installado no pavimento terreo, inferior áquelle que eu pisava, entregue a investigações, meio aturdido pelo babylonico repositorio de lettras que me cercava, ao mesmo tempo que elles tranquillamente decifravam enigmas pre-historicos, evidenciavam segredos das legendas mussulmanas, faziam fallar as pedras dos sarcofagos romanos e das sepulturas gothicas, e tudo sahia da quietação dos seculos, quando no objecto exposto houvesse uma fórma, uma sigla, uma folha, um trecho ornamental, rude ou civilisado!

Quando eu conseguia encontrar o movimento de uma famosa illustração quinhentista, intercalada num texto manuscripto allusivo á vida de Santa Helena, o bibliothecario, o meu amigo Antonio Francisco Barata, que andava fazendo as honras do Archivo aos illustres visitantes, com um d'estes sorrisos que deixam na espectativa, entre a boa e a má noticia, disse pausadamente:

— E' você reclamado lá em baixo, para decidir um caso difficil, archeologico!

— Como assim!?

— Tal como lh'o digo. São os seus amigos que esperam a sua opinião.

Fiz-me branco, larguei o meu album e, lentamente, dirigi-me para a escada, como se caminhasse para um sacrificio!

O bibliothecario desceu, como um juiz que desce da tribuna ao acabar de proferir as ultimas palavras d'uma sentença terrivel, e eu detive-me, certo de que se cumpriria a condemnação, com o meu grande fiasco!

Então, fui assaltado por essa interrogação, sempre tardia: — Para quê?...

Para que tinha eu ido a Evora? Ah! se eu pudesse destruir a bibliotheca, como Santa Helena destruiu o templo pagão erguido no Calvario! Para que teria D. Fr. Manuel do Cenaculo instituido esse armazem de volumes; para que o defendeu da invasão franceza... e, para cumulo da minha pouca sorte, para que lhe haviam de annexar o Museu? Era bem certo o axioma: «Debaixo dos pés se levantam os trabalhos»!...

O Duque de Bragança, julgado e decapitado naquella mesma Evora, dentro do ferragoulo negro não subíra os degraus do cadafalso, quentes por esse torrido e memoravel dia de julho, tão horrorosamente ennegrecido e angustiado, como eu ia descer aquelles de pedra fria!

Ah! mas era preciso reagir contra a minha preoccupação de não querer passar por ignorante, e,

sobretudo, contra o desdenhoso sorriso do meu amigo Barata, em cuja expressão li sobeja vontade de me offerecer um copo d'agua, quando me viu mudar de côr...

Aturdidamente, galguei, quatro a quatro, os degraus e entrei no Museu, ruminando evasivas...

Quando, de volta, subia a escadaria de pedra, de espinha direita e arcabouço dilatado, o meu amigo Barata, ainda com o mesmo ar sorridente, estalando de curiosidade, perguntou-me:

— Então? Quem tinha razão?

Respondi vingativamente:

— Os dois...

Ainda neste memorativo dia se inspeccionaram, as obras de arte do Paço Archiepiscopal, onde, sob todos os aspectos, se impõe a pintura.

O mais notavel dos quadros é o da capella—*a Coroação da Virgem*. Este, como outros alli existentes, participam da influencia do celebre pintor flamengo, Jean-van-Eyck, que, como é notorio, veiu a Portugal retratar a Infanta D. Isabel, filha de D. João I, que, pouco depois, casou em Bruges com Filippe *o Bom* e foi mãe de Carlos *o Temerario.*

Nas quatro paredes de uma sala, estão collocados dezenove paineis, onze maiores e oito de menor tamanho; estes, conhecidos pela *serie da Vir-*

gem e de factura semelhante á das nossas taboas pintadas sob aquella influencia; e aquelles, extranhos a essa maneira, e representando:

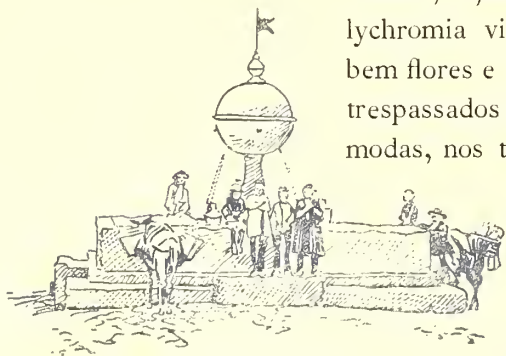
Encontro de S. Joaquim e de Santa Anna, Primeira visita ao Templo, Casamento de S. José com Nossa Senhora, a Annunciação, Nascimento de Christo, Nossa Senhora no leito, Circumcisão, Apresentação no Templo, Adoração dos Reis, Fuga para o Egypto, Transito de Nossa Senhora.

Na secretaria, pinturas a claro-escuro — caçadas — attribuidas a Antonio de Hollanda, illuminador que viveu entre nós desde 1495 até 1557.

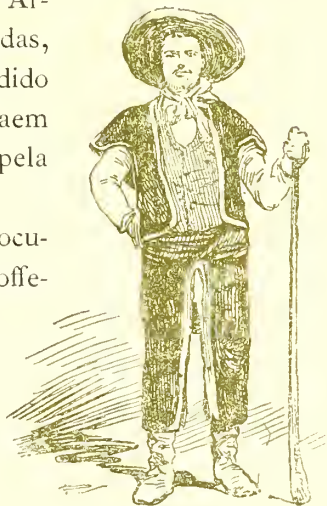
Nos dias seguintes, as visitas repetiram-se: — Á Sé, para vêr o quadro gothico que está na capella de Santa Helena, e o do claustro, que representa a Resurreição de Lazaro; á Bibliotheca, para admirar o celebre triptyco de Limoges. Alem d'isso, visitaram-se a Egreja dos Loyos, que foi concluida no fim do seculo XV (?); o Palacio Cadaval, denominado *das cinco quinas,* pela fórma da torre que dá para o norte; a Torre de Sertorio; o Espinheiro — capella de Garcia de Resende, com a data em que este a mandou, sob o seu risco, edificar — 1520 — e onde está sepultado; — A Egreja de S. Braz; o Arco romano; o Aqueducto da Prata, construido pelo mestre André de Resende, assim conhecido por ter sido professor dos filhos de D. João III;

Manisola — vivenda e bibliotheca do Visconde da Esperança, 30.000 volumes, illuminuras gothicas, manuscriptos e muita amabilidade do proprietario; Theatro de Garcia de Resende, decorado pelos pintores Antonio Ramalho e J. Vaz; Casa do Dr. Barahona — quadros e marmores de artistas portuguezes, outros objectos d'arte e um rarissimo tapete persa, tecido a seda, com bicharia, dois metros por um de largo (pouco mais ou menos), em que tive o prazer de pôr os meus pés e que valia a bagatella de vinte contos de réis.

Depois, como o dia estivesse lindissimo, passeou-se pela cidade, a vêr a sua industria do mobiliario, cujos motivos, numa polychromia viva e risonha, exhibem flores e folhagens, corações trespassados por settas, nas commodas, nos toucadores, nas cadeiras com assentos de tabúa, nos catres e nos berços; a vêr os ferreiros, os cesteiros, os esteireiros, os teares manuaes, os curtidores das Alcaçarias e as lãs carmiadas, os tijoleiros, os tanoeiros, a carpintaria dos carros e dos utensilios de lavoira, os borracheiros, que fazem odres e borra-

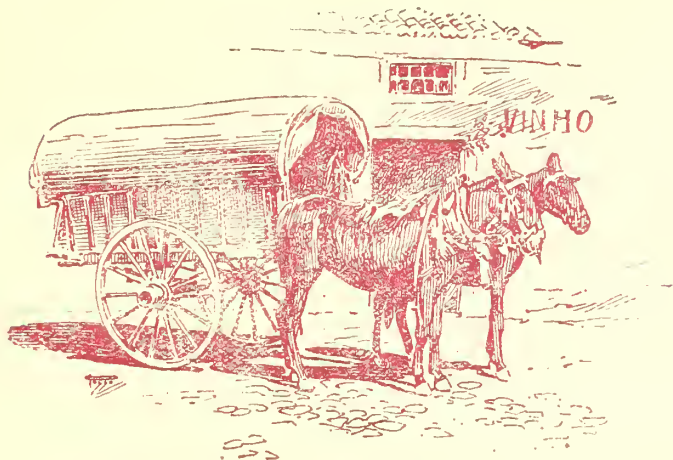
chas; a vêr as tapeçarias de Arrayollos e sua industria de carnes ensacadas; a vêr as doçarias e comer os doces.

A vêr, ainda, a vetusta cidade pelo seu aspecto commercial e através do seu pittoresco, a buscar impressões das suas praças com suas fontes, das ruas, travessas, vielas e becos com seus nomes caracteristicos: — Largo da Porta da Moira, Rua do Alfayate da Condessa, Rua das Amas do Cardeal, Beco do Chantre, Alcarcova, Rua do Toiro, Rua das Donzellas, Rua dos Mercadores, Rua de Alconchel, Rua de Alcoutim, Rua dos Aferrolhados, Travessa do Cavaco e outros; a vêr transitar os homens de tez morena, com chapeus carregados aos olhos, capotes de almafega, de lã churra, com cabeções e gualdrapas, embrulhados em mantas d'Almodovar ou com samarras e ceifões de lã negra de ovelha, e, num que outro sitio — carros de canudo, tirados por muares com xaireis pintados e cabeçadas de lãs garridas, bordadas pelas mulheres de Arrayollos, ou parados á porta das vendas, onde o vinho das talhas de barro é medido em canecas sobre alcadefes, e d'onde saem plangentes cantares, acompanhados pela adufa arabe.

Extramuros, em caleça, foram procurados os pontos nos quaes Evora se offe-

rece mais monumental. As chuvas torrenciaes da vespera haviam-na posto muito asseada, e, áquella hora da tarde, o sol cobria-a de luz ardente, fazendo scintillar as vidrarias das rosaceas, das janellas, dos azulejos, como pedras preciosas em collos palpitantes de moiras! E assim luzida, dentro de suas muralhas e vigias, encimada por seus eirados, torres, minaretes e corucheus, a contemplaram os meus doutos companheiros, sob o mesmo culto espiritual.

Passados alguns momentos, absorvidos pelo inolvidavel espectaculo, encontraram-se as opiniões, cruzaram-se os apropositos, e o céo, a terra e a arte alli foram exaltados com palavras conscientes, que eu attentamente escutei:

— Neste céo, por vezes irrequieto, carregado de informes tintas vigorosas, domina agora o anil intenso, que se reflecte no torrão cerbuno, e que, fundido com o rispido verde das azinheiras e o vermelho quente dos descascados sobreiros, dá reverberações de castos e doces tons opalinos. D'este phenomeno, que mais visivelmente se verifica na paisagem alemtejana, é imagem a nossa antiga pintura. Sob este céo, e nesta mesma terra, por onde passaram as civilisações romana, goda e arabe, viveu uma côrte nobre e soberana, rodeada de cavalleiros, de sabios, de escriptores e de artistas; e ainda hoje, sob esse anil infinito, se acolhe o

povo mais caracteristico e a provincia mais rica de Portugal! Vamos indo; temos que fechar as malas...

E agora, como nas outras tardes, quando o horizonte rubra, o céo esfria e o branco azula, eu voltava apprehensivo ao hotel, como o mendicante

volta ao casebre com a sacola cheia de trigo fino, sem tempo para aproveitar toda a esmola... Eu não tinha cabeça para deter e aproveitar tamanho obulo!

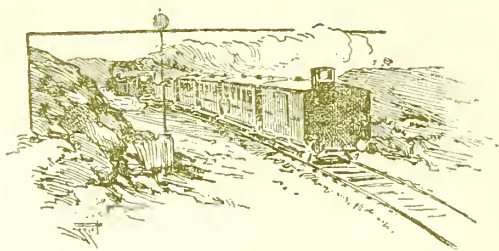
Decididamente, não ia a Extremoz.

Privava-me, é certo, da melhor e mais instructiva companhia, de elementos solidos que me enriqueciam; mas era necessario não complicar mais a va-

liosa lição que recebera; era preciso coordenar parte do muito que me aturdia a cabeça, para não perder tudo e, sobretudo, para evitar alguma *raia* em historia, má figura nalguma apreciação, em que fatalmente teria de incorrer, e... eu ainda tremia do sorriso do meu amigo Barata...

— Para estar á vontade na companhia de Joaquim de Vasconcellos e de sua mulher, numa excursão em que a historia, a archeologia, as sciencias naturaes, a arte e a litteratura nos surprehendiam a cada passo — conclui — ou ser tão sabedor como elles, ou ignorante a ponto de os não entender.

Eu não estava em nenhum dos casos: elles partiram e eu fiquei...

Ao outro dia, com o meu album, um livro de notas, um lapis, um metro e um binoculo, eu seguia, pela mesma ordem, as pisadas dos eruditos mestres.

José Maria e Carlos Alberto Eça de Queiroz

Uma das raras vezes que estive na companhia do escriptor foi no *atelier* de Columbano.

A seu pedido, emquanto o romancista *posava* para um retrato de perfil, que o pintor modelava com caricia, eu explicava-lhe a manufactura da tapeçaria de Arrayollos, que o auctor da «Reliquia» desejava conhecer, e que a esse tempo eu conseguira reconstituir pelo processo primitivo, isto é, banindo da tinturaria das lãs anilinas e empregando para esse fim côres vegetaes.

Quando, em Paris, o procurei, na sua qualidade de consul de Portugal, nunca o encontrei no consulado, e ainda bem, porque Eça de Queiroz prestava mais relevantes serviços á Patria, escrevendo em Neuilly a «Correspondencia de Fradique Mendes», do que nas salas do consulado, na rua de

Berry, *apaparinhando* os compatriotas, de estada ou de passeio na capital da França.

Assim, a falta de cumprimentos á nossa gente foi vantajosamente compensada pelo extraordinario trabalho litterario que elle legou ao seu paiz!

Mas, se não tive o grande prazer de me abeirar muitas vezes de Eça de Queiroz, conheci-o, com intimidade, na pessoa de seu irmão, não só pelo que este d'elle me contava, mas porque entre essas duas almas havia a mais intima correlação; e, se Carlos Alberto Eça de Queiroz fallasse mais ponderadamente e escrevesse livros como José Maria, os dois irmãos seriam um e o mesmo homem.

Conto aqui um episodio das nossas relações:

Carlos Alberto fallava alto, ria alto, e em todo o seu ser transparecia essa aureola que a felicidade dá. Quem não conhecesse de perto as preoccupações d'esse rapaz, de mediana altura e bastante delgado, veria nelle sómente um ironico, e, por vezes, um cynico.

Nada d'isso. Elle era, verdadeiramente, um bom moço, cheio de sentimento, juntando a estas a qualidade de homem de fino espirito, com a força de vontade para dissimular os seus profundissimos desgostos.

Quantas vezes não tirou elle á minha vista a mascara de sorrisos, com que cobria tantissimas maguas!

A' mesa do restaurante me disse elle que tencionava suicidar-se. A convicção, a serenidade com que m'o revelou, fizeram-me tremer!

Logo nessa mesma noite, o eterno problema foi discutidissimo com exaltação. Por vezes, os seus argumentos foram apparentemente convincentes, pelo brilho com que eram expostos, mas careciam de base solida e de razão justificada.

Então, deixei-o esgotar o impeto com que defendia os seus paradoxos, e meia hora sem opposição bastou para que se calasse, desconsoladamente. Nada para estafar um teimoso, como não teimar com elle.

— Meu caro amigo, se a ideia é disparatada só por si, defendida pelo proprio auctor é criminosa!

O suicida, quando não é um desvairado, é um impostor ou um cobarde; sendo este, dos tres estados morbidos, mais que o da insensatez, mais que o do snobismo, o que mais faz augmentar o numero dos suicidas.

Disseste ha pouco: — «E' necessario ter coragem, valor, para acabar com a vida». E' absolutamente mentirosa a tua asserção. Para pôr termo, para não continuar, não é preciso valor... Valor, coragem, são qualidades precisas para luctar, e não para deixar-se vencer. Vou contar-te a historia do caçador, tal como me foi contada, quando eu era bem novo ainda:

«Occulto no mato, o caçador esperava uma entrada de rolas. O ponto que havia escolhido ficava na eminencia d'um despenhadeiro, sobranceiro ao mar. Quando o emboscado porfiava um bando de rolas que apontava do sul, sentiu passos, espreitou e viu um homem que caminhava apressadamente, subindo a encosta. O aspecto do homem deixava adivinhar o seu intento. Bruscamente, retrocedeu para apanhar o chapeu, que uma haste silvestre lhe tirára da cabeça.

De novo continuou a subir — olhos injectados de sangue, olheiras profundas, molhadas pelo suor que lhe escorria da fronte, bocca aberta, labio cahido, mãos ensanguentadas das silvas a que se vinha amparando, e, por fim, trocando as pernas, desalentado!

Num ultimo arranco, correu para a beira do precipicio!... Então, o caçador gritou-lhe, e, de espingarda á cara, ameaçou-o de morte. O suicida detem-se... com medo de morrer!...

Dize-me qual a qualidade de coragem ou valor d'essa especie de homem? Dize-me que differença fazia a esse alarve morrer de um tiro, ou deixando-se despenhar sobre a agua fresca, que em baixo batia na rocha? Dize-me tambem porque é que esse estupido egoista não queria morrer descarapuçado?...

Não tenhas duvida, meu amigo; este, como quasi todos os suicidas, representa o prototypo da cobardia; e, se fosse possivel pôr neste mundo os que têm realisado o seu estupido intento, para os fazer bater, com risco da vida, no campo da honra, defendendo a sua propria honra, ou no campo da batalha, luctando pela Patria, deitavam a fugir, ou morriam de medo antes do signal de combate.

Não quero dizer que na tua pessoa exista, ou venha a existir, um cobarde ou um impostor; mas póde vir a existir um criminoso, não só porque te lembraste de roubar a sociedade, privando-a da tua pessoa, como pelo terrivel exemplo que lhe darias, pondo em pratica a tua inqualificavel ideia!

A noticia de um suicidio é como um cartaz attrahente a *reclamar* mercadoria a incautos consumidores, os quaes, sem o espaventoso *réclame*, não fariam uso d'ella!...

Seja qual fôr a tua situação, o teu dever é esperar. — Doença? eu tambem sou um doente e não me mato por isso; e, se algum medico for tão cruel que me annuncie o dia da morte, na vespera mando fazer um par de botas de duas solas...

O que dirias tu, se, do continuo estudo dos homens de sciencia, que, dia e noite, corajosamente se sacrificam por nós, resultasse o remedio para o teu mal?...

Dada esta hypothese, suppõe, por momentos, o inconsolavel desgosto que darias aos que te estimam, se, horas depois de pôres termo á vida, recebessem a noticia d'essa conquista?...

Ouve-me: nada de replicas cançadas; tens que me ouvir, visto que me incommodaste. Quem te diz que, em virtude da casual combinação dos differentes alimentos d'uma refeição — por exemplo, d'esta que acabamos de ingerir — não possa operar-se no teu organismo a cura do teu mal?...

Entre outras coisas, fiz-lhe prometter-me que não se isolaria nunca. O isolamento, em pessoas d'este proposito, é o peor dos symptomas!

Chegámos, dias depois, tornando elle ao mesmo assumpto, a promettermos um ao outro, debaixo de palavra sacratissima, que elle me faria saber o dia, a hora e o local em que poria fim á sua *invalida* existencia; e que eu não impediria, nem revelaria, a sua ultima determinação.

*

*   *

Já a luz do alvorecer banhavava debilmente a fachada da egreja dos Martyres, e, atravez da vidraça reles da janella, punha um tom frio na face

do meu desconsolado amigo. O criado trazia-nos a conta.

— E' tarde, Joaquim? perguntou Eça de Queiroz.

— Sim, meu senhor. São horas d'irmos á vida...

— Pois, só para te contrariar, vaes dar-me, meu optimo cidadão de Tuy, outra chicara de bom café...

Esperando mais alguns goles da agradavel e enervante bebida, o meu espirituoso amigo cahiu numa meditação profundissima, como profundissimo era agora o socego em todo o restaurante, tumultuoso mercado de magnas orgias...

D'ahi a pedaço, o Joaquim trouxe o café. Vinha bocejando pelo corredor, e, ao pousar o *moka* sobre a mesa, allegou que a demora tinha sido devida a estar o fogão apagado e ter que fazer lume novo.

A distracção do meu companheiro era tal, que não deu pelo criado, e machinalmente despejou na chicara a requentada infusão, servida numa leiteira de casquinha ingleza.

Áquella hora, o aspecto do gabinete era desolador e cada accessorio infecto! Nada resistiria a um exame a frio...

As lithographias, enquadradas em estreitas *baguettes* a oiro falso, representavam odaliscas de seios nús, com olhos lubricos, de moças de baixo preço. Sobre o tabique, papel caro e de mau gosto, com

um sulco marcando a altura das cadeiras; os reposteiros, de juta, encolhidos em vincadas pregas, estavam sebentos das mãos dos criados.

Ao canto, uma *chaise-longue* de forro vermelho, já no fio e com as molas desconjunctadas. No angulo opposto, um cabide-bengaleiro, de industria austriaca, com braços movediços, columna semsabor, tendo por base um prato torneado, de grossa madeira.

Sobre a mesa, rectangular, disposta ao meio do cubiculo, a toalha ostentava provocantes nodoas de ferro. A louça exhibia, em monogramma, as lettras R. C., e o seu esmalte riscado dava-lhe, a modos, aspecto pelintra. Ao centro, sobre um guardanapo que occultava manchas de vinho aguado, erguia-se um fructeiro, que lembrava cargo florido de arraial saloio, e cujas flores sédiças eram tocadas pela extremidade inferior de um lustre de cristal, a gaz, com moscas fallecidas, que causava fastio.

Simultaneamente, levantámo-nos, e, sem trocarmos uma palavra, dirigimo-nos ao esqueletico cabide, atirámos com os chapeus ás nossas tresnoitadas cabeças e desenfiámos as bengalas do enxertado bengaleiro, com impetuosidade!

Toda esta contra-scena foi alarmada pelo estrepitoso rodar d'uma tipoia, que, ao estacar junto á valeta, pôz de sobre-aviso o Joaquim, que nos pe-

diu que não sahissemos, com o convincente argumento: que não lhe *convenia*, áquella hora, abrir a bebedos e bebedas...

Pouco depois, a tipoia largava a porta, com dizeres sujos, proferidos por andaluzas, que nem *Dios* escapou, secundados, em mau hespanhol, por masculos descendentes de subditos do Senhor D. João IV..., e nós alcançavamos o ar livre, puro e fresco, da manhã, desempestador da atmosphera de que nos haviamos impregnado durante quatro largas horas!

Em cima, no mais elevado ponto do frontispicio dos Martyres, a cruz doirava pelos primeiros raios do sol, que transpunham as coberturas telhadas da casaria opposta.

—Eis, unidos, dois elementos fundamentaes para a vida: Luz e Fé...

Eça de Queiroz, depois de sublinhar ironicamente esta symptomatica phrase, desceu silencioso todo o Chiado.

Eu, silenciosamente, marchava a seu lado, recordando dos seus desolados desgostos o terrivel presagio que elle me havia revelado.

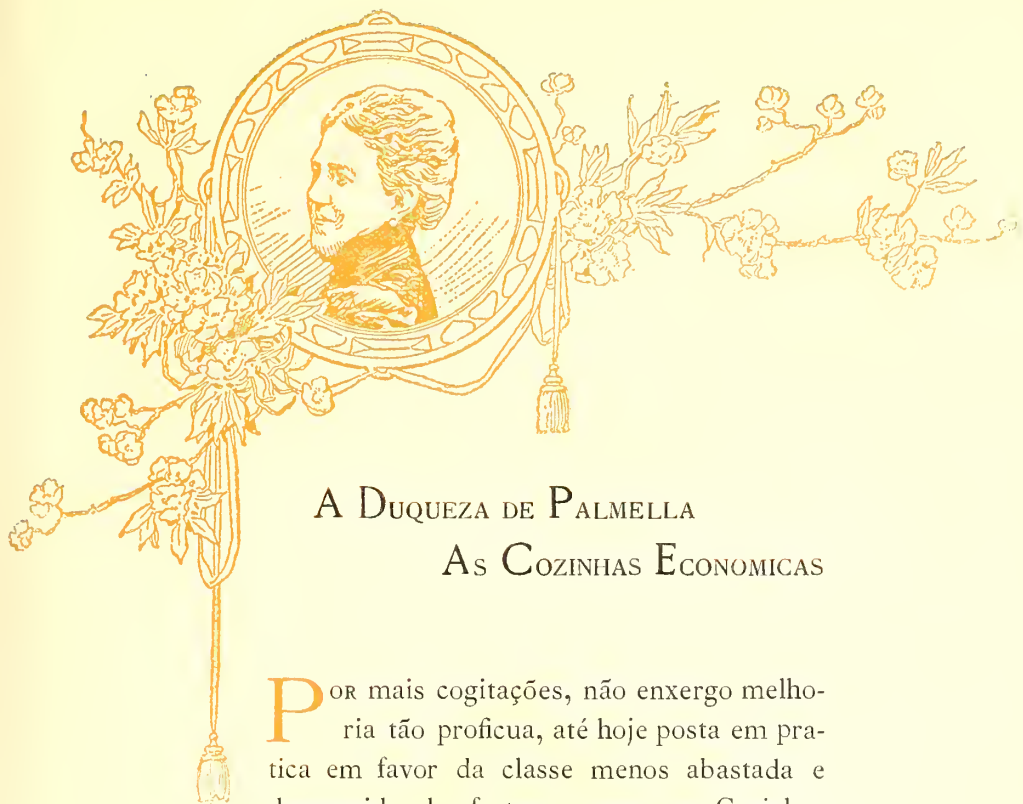
Na madrugada seguinte ao perecimento de pessoa sua muito querida, chegou á janella da casa onde morava — por cima da tabacaria Monaco — e, quasi sem alento, na vaga escuridão da noite, pensando alto, perguntou:

—Qual de nós irá agora?

De baixo, da rua, uma voz respondeu, nitida e vivamente:

— E's tu.

E foi elle, de facto!

Se não tem morrido da doença que tanto o preoccupava, não sei se cumpriria para commigo a sua solemne palavra. Qanto a mim — confesso — muitas vezes me lembrei de faltar a ella, como um perjuro!...

A Duqueza de Palmella
As Cozinhas Economicas

Por mais cogitações, não enxergo melhoria tão proficua, até hoje posta em pratica em favor da classe menos abastada e desprovida de fortuna, como as Cozinhas Economicas.

Como de todos é sabido, deve-se esta benemerita instituição á Duqueza de Palmella. Digo-o, porque, querendo eu agradecer á Illustre Senhora a magnifica refeição que me proporcionou, não o podia fazer sem exaltar o seu nome e sem me referir á sua benefica obra!

Por circunstancias de trabalho, falta de tempo e de alimento, longe de outro recurso, de um restaurante, de uma taberna, onde, de resto, se paga

caro e poucas vezes se come bem, tive que recorrer á Cozinha dos Prazeres, a inicial das installadas nos bairros mais populares e industriaes de Lisboa.

A' porta, hesitei, não por vergonha de entrar, mas por ir alli desfructar, á sombra dos pobres, mais pobres do que eu, vantagens, que só a elles pertencem.

Emquanto me debatia entre a vontade e o direito de comer quasi de graça, os meus olhos descortinaram, em grupo, mãe e filho, como as imagens da Virgem e do Menino. Pela falta de côr, não me pareceram entes vivos, mas, sim, figuras esboçadas a claro-escuro sobre o muro branco que lhes fazia fundo, aureoladas pela transparencia d'um nimbo cruciforme, como que a symbolisar o sacrificio nesse rosto materno, cheio de dôr e de supplica!

A santa figura dirigiu-se para mim, e, á distancia a que a sua fraca voz se podia fazer ouvir, disse-me:

— Póde soccorrer-me, meu senh...

Não a deixei concluir, e propuz:

— Quer vossemecê uma refeição egual á que vou comprar para mim?

— Era uma grande esmola!

Munido das respectivas senhas, entrei na cozi-

nha desassombradamente, com o direito social de ter equilibrado a fortuna dos meus tostões com a ausencia de meios da minha companheira, e encaminhámo-nos juntos para uma das mesas.

Do balcão zincado, luzidio como prata, transportei a *ucharia*, que uma Irmã foi servindo — de magro, por ser sexta-feira—tudo de boa qualidade e de um asseio inexcedivel!

A hora era de pouco movimento: sete pessoas — metendo-me na conta — as quaes se refaziam em differentes pontos do amplo barracão, tranquillamente.

Havia no ambiente o que quer que fosse de estranho, invisivelmente inspirado, que impunha respeito e deixava transparecer bondade! D'ahi a pouco, eu começava a ver o meu similhante sob a mais limpida conciliação, no mesmo sentimento de solidariedade. Vi, symbolisados na tira de luz que cortava a meia-tinta que nos envolvia, e que o sol projectava atravez da vidraça, em cima, na cobertura, em vez de impurezas pairantes na atmos-

phera, num sorriso fraternal — *Amor* e *Humanidade!*

— Diga-me: tem mais algum filho?

— Tive outro, que morreu tisico, aos tres annos. Foi sempre muito infezadinho, assim como este, que estou a vêr quando Deus m'o leva tambem...

— Não ha de ser assim; tenha fé... Não se apoquente, para a comida lhe aproveitar. Quando alguma grande alma — como a da Senhora Duqueza de Palmella — estabelecer em Lisboa uma Maternidade, a tuberculose — a tisica — não hade matar tantas creanças; póde ter a certeza!

— Que é isso de Maternidade, meu senhor?

— E' uma casa onde as mulheres pobres vão ter os filhos. Entram para essa casa dois mezes antes do parto, para se fortalecerem, de modo que os filhos possam vir ao mundo robustos, e só de lá sahem depois de bem tratadas e com saude para poderem crear.

— Ah!...

— Mas o que mais ajuda a matar creanças e a enfraquecer adultos, é a deficiencia dos alimentos de primeira necessidade: o pão, o leite, o vinho, o azeite e outros, que a deshumanidade interesseira e egoista dos usurarios falsifica, com a dupla crueldade de cercearem ao pobre consumidor, que os paga por dois tantos do que deveria pagar, o peso

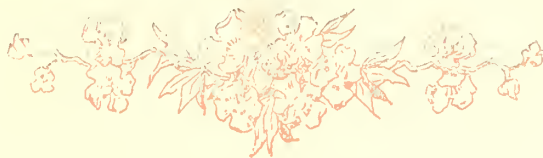
e a medida! Pensa vossemecê que haveria tantas doenças, se o que por ahi se vende fosse tão puro como o que aqui nos forneceram? Para que não fique fazendo uma ideia errada a meu respeito, digo-lhe que tambem sou pobre. Trabalho dez horas por dia. Sou poupado. Pagam-me o meu trabalho, e ando sempre o que se chama *com a borda debaixo d'agua!* Uma de duas: — ou não sei ganhar a minha vida, ou me levam de mais pelo que preciso para viver.

— Tem razão; está tudo pela hora da morte, e o bocadinho de pão que uma pessoa leva á boca parece que não faz proveito!

— Desculpe o eu não esperar que acabe de comer; tenho que ir ao meu trabalho.

— Ora essa! Seja pela sua saude!

— Não me agradeça; agradeça á Senhora que instituiu as Cozinhas Economicas.

Ella, a pobre mãe, ficou beijando o filho, e eu conservei a cabeça descoberta até transpôr o limiar d'essa benemerente e bemdita casa.

Antonio Arroyo

Passada a *Casa da Agua,* ao cimo das Amoreiras, numa casita que, pela sua situação, domina Lisboa, vive Antonio Arroyo.

E' o que se chama uma habitação lavada d'ares e muito soalheira; tectos brancos, e, nas paredes, a meios tons alegres, quadros, esbocetos de pintura, medalhões e bustos de musicos e escriptores de nomeada; estatuetas de artistas celebrados; desenhos á penna e a lapis, que alternam, em disposição equilibrada e despretenciosa, com faianças — na maior parte, das nossas antigas fabricas.

Livros por toda a parte; gravuras, chromos e photographias de humanos cultores das coisas bellas, que foram, são grandes e nunca serão pequenos.

Mobiliario, o indispensavel; ausencia de cortinados, de reposteiros, nas janellas e nas portas, para

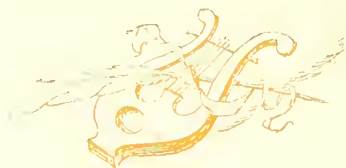
que o ar circule melhor e purifique a atmosphera das divisões, onde se trabalha, onde *se faz* boa musica, onde se vive e se descansa.

Todo esse adorno artistico, que, no aspecto, é sobrio e quasi pobre, dá a impressão de nos querer dizer:

— Vivo, penso e sou feliz.

Raras vezes o meio em que vive o artista deixa de ser a pura expressão da sua alma; e essa excepção não se dá no interior da casita altaneiramente collocada ao cimo das Amoreiras.

Tenho, de ha muitos annos, notas que enchem largas folhas de papel, e dariam para escrever um succulento volume, sobre Antonio Arroyo; e, comtudo, não sei mais do que dizer o ponto da cidade onde elle habita, e esboçar o meio que o cérca.

Este simples modo de me referir a um dos criticos d'arte mais notaveis da minha terra é-me suggerido — penso eu — pela simples maneira do seu viver.

Compensações

A pedido de um meu amigo do Porto (vae fazer bons seis annos), procurei, na sua solarenga vivenda de Lisboa, um homem duas vezes illustre: pela fidalguia e pela sua obra litteraria.

Desempenhei-me da missão, e tive o gosto de vêr o seu *meio,* confortavel e artistico.

Depois de dar o meu recado e de admirar a pesada e severa bibliotheca — como Galland, o celebre decorador aconselhava ornamentar — onde as raridades documentaes, os pergaminhos illuminados, os codices e as chronicas, disciplinadamente perfilados, esperam as consultas, o nobre escriptor dava-me as boas tardes, entregando-me aos ama-

veis cuidados da Senhora da casa, para me mostrar a capella.

— Venha, venha vêr; interessa mesmo até aquelles que não são religiosos.

As pessoas que vivem mais pelo coração que pelo calculo, são, em geral, tardias na resposta, e, como essa demora as faz perder a opportunidade, na mór parte dos casos deixam de ter o que se chama *o prazer dos deuses!*

A minha vingança não podia ser senão muito attenciosa, porque ás senhoras tudo lhes é devido, mesmo quando se enganam. Mas não pude responder coisa alguma, e entrei na capella, cuja ornamentação se filia no caracteristico estylo D. João V, com as orelhas quentes e a garganta sêcca, e não me persignei!

A minha emoção justificava a minha indolencia.

Porque era que essa illustre Senhora, que quasi

me não conhecia, me tratava como um impio? Eu era incluido, decerto, na generalidade, era uma das pessoas para quem os santuarios apenas interessam pelo lado artistico! Sim; não havia duvida! E porque não?

Cumpria eu todas as prescripções da Santa Madre Egreja? Guardava, acaso, os domingos e dias santos, e ouvia todas as missas correspondentes a esses santificados dias? Amava o proximo como a mim mesmo? Não!

Tinha constituido uma familia, como a Santa Lei obriga, para poder dar á Patria quatro rapagões fortes e desembaraçados? Não, com certeza que não! Era um incorrigivel celibatario, um inutil, um homem sem prole, como esteril arvore sem fructo, que apenas occupava espaço na terra! E, á maneira que eu mastigava seccamente estas reflexões, a delicada e crente Senhora descrevia os milagres dos santos, a perfeição das esculpturas, a propria e divina coloração dos seus rostos, a riqueza dos estofos, a candura da pomba, que pairava ao cimo do retabulo, sobre o altar, a meiguice do Agnus-Dei. Exaltava os artistas cujos trabalhos se admiravam—nos bronzes cinzelados das sacras, nas extremidades e no calvario da cruz, d'onde pendia, de uma só peça de marfim, um Christo, admiravelmente esculpido, vertendo das chagas rubis finos, com nimbo e cra-

vos de pedras reluzentes. Indicava-me o bello e delicado ornamento das pilastras, dos capiteis e das molduras, que enquadravam os Evangelistas, télas de Vieira Lusitano. Especialisou, dentro d'um triptyco de molduras d'ebano, tabuas attribuidas a Grão-Vasco, cujas imagens, da Virgem, do Menino Jesus e das santas mulheres genuflectindo, parecem vivificadas, pela correcção do desenho e pela transparencia das tintas.

Discretamente, aqui e alem, tons quentes d'oiro, em volta das imitações marmoreadas do alizar, e, a encher o espaço, de uma pesada lampada a chama doce e quente, que a refracção da vitragem fazia mudar de côr.

Toda essa resada descripção liturgica eu escutei, com a preoccupação do meu atheismo, pisando uma famosa tapeçaria persa, de côres indesmereciveis e captivante.

Quando sahi do rico santuario, tão pouco me lembrei de fazer o signal da cruz! Faltava, pela segunda vez, ao preceito da Fé; havia entrado com impiedade e sahia mal agradecido a Deus!

*
* *

Tempos depois, quando me dirigia ao portal da egreja de Santos, fui tomado por beato!

Os alvaneus que rebocavam a fachada do sagrado templo, tomaram-me como um carola e como um homem sem obrigações!...

Levava na mão um pequeno volume em oitavo, encadernado á moda antiga, com distico e filetes doirados, como um livro de orações — dizendo no frontispicio: *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do suburbio do Rato, e suas annexas, por José Accurcio das Neves.*

Os trolhas, assim que me viram, acotovelaram-se, commentando o *devoto,* preparando a *piada*...

Um, que se distanciava do grupo, perguntou para estes:

— Ó Preguiça, viste para ahi o Beato?...

— Ó homem, está bem á vista!...

D'esta vez, prometti não embatucar e prepareime para lhes dar o troco.

Quando ia a transpôr a portada, de cima, um d'elles chamou a minha attenção:

— Agora não ha culto; os santos estão tapados...

Como parlamentar experimentado em replicas, troquei ao trocista do baileu:

— Venho vêr o que fizeram os homens e não o que fazem os santos...

*
* *

Eis como tão injustamente, eu fui julgado, primeiro como um atheo, depois como *carolissimo* beato e um mandrião!

E assim se escreve a Historia...

Pedro Corrêa da Silva

Ahi por 1871, começavam-se a editar na «Bibliotheca dos Dois Mundos» varias obras: *Bibliotheca do Povo e das Escolas, Historia de França, Historia de Portugal,* e muitos romances, dos quaes fizeram barulho: *O Conde de Monte Christo, Rocambole*, os de Balzac e os de Camillo Castello Branco.

A esta faina de originaes e traducções, de papel, de lettras e de gravuras, que teve o seu inicio na rua do Carvalho — hoje rua Luz Soriano — e acabou na travessa da Queimada, junte-se o *Diario Illustrado,* o *Correio da Europa, A Illustração Portugueza,* almanachs e ainda outras iguarias typographicas, que emanavam da mesma origem, e calcule-se o movimento litterario que desabrochava por aquelle anno e decahia por 1886, pouco mais ou menos.

Dirigia toda a colossal labutação artistica, litteraria e politica, Pedro Corrêa da Silva, um dos homens mais interessantes do seu tempo, cheio de actividade, de conhecimento do seu officio, de raras qualidades de coração e conversador incansavel.

O escriptorio da «Bibliotheca dos dois Mundos» era, por esse tempo, o ponto de reunião dos homens cultos, que intervinham naquelles trabalhos, e os que não tinham interferencia nas publicações ou na politica do jornal, appareciam ao cavaco, alli, na redacção do *Illustrado,* nas salas da habitação particular de Pedro Corrêa, ou nalgum dos gabinetes do Restaurante Club, onde se marcava o rumo intellectual, onde se decidia do destino politico do paiz, onde se fazia a chuva e o bom tempo!

Não é facil lembrar os nomes de todos esses homens de sciencia, artistas, litteratos e politicos, que por lá se encontravam, porque Pedro Corrêa era procurado por todos que havia em Lisboa, porque com todos mantinha relações cordealissimas: Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, Alfredo de Sarmento, Freitas e Oliveira, Osorio de Vasconcellos, Cunha Belem, Sousa Lobo, Carlos Eugenio Corrêa da Silva (conde de Paço d'Arcos), Franco de Castro, Hugo de Lacerda, Andrade Ferreira, José Maria Dantas Pimenta, Barros Lobo, Camillo Castello

Branco, Casimiro Dantas, Eduardo Schwalbach, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Julio Cesar Machado, Guiomar Torrezão, Manuel de Macedo, Julio de Menezes, Luiz A. Palmeirim, Manuel d'Assumpção, Marcellino Mesquita, Pedro dos Reys, Sergio de Castro, Thomaz Ribeiro, Visconde de Monsaraz, Visconde de Benalcanfôr, Dantas Baracho, Gonçalves Pereira, Antonio e José Maria de Lorena Queiroz, Pastor, etc.

Pedro Corrêa foi deputado, par do reino, e, apesar de toda a sua influencia com todas as situações dirigentes, nunca no orçamento do Estado appareceu a verba que remunerasse um logar rendoso, dos muitos que elle podia ter, se os solicitasse.

Sabia dar um sensato conselho, quando lh'o pediam, porque, de moto proprio, não se mettia na vida particular de ninguem. Foi testemunha de muitos duellos, porque todos os homens que iam ao campo da honra empunhar uma pistola ou uma espada, desejavam tel-o a seu lado. Tal era a confiança que inspirava a sua recta justiça, a sua ponderada prudencia, a sua humanidade e a sua dignidade!

Numa das pendencias que apadrinhou, e que se resolveu á pistola, tocou a Pedro Corrêa marcar a distancia ajustada, a que se deviam disparar as armas. Quando as suas largas pernas acabavam de

medir vinte e cinco passos, uma das testemunhas contrarias observou-lhe que havia engano, *para menos!* Pedro Corrêa contou novamente, e, quando parou, estava áquem um metro da bengala com que antes havia extremado o campo. Foi por ella, encurtou a distancia, e, com a maior serenidade, disse:

— Tem razão; estava enganado.

Elegante, attrahente e limpo, era grande cultor do bello sexo, que via pelo prisma ideal da bella fórma. Para elle, as mulheres não tinham qualidades nem defeitos moraes, nem exigia d'ellas agudezas de espirito; desejava-as mulheres e, tanto quanto possivel, delicadas e frageis.

Não queria que lhe inspirassem consideração; desejava apenas que lhe dessem cuidado.

Amava-as e acariciava-as com desvelo. Alfombrava-lhes o *boudoir*, não para lh'o enriquecer, mas para que ellas não maguassem os pequeninos pés. Cobria-lhes de rendas a fina pelle, porque — pretendia elle — «para tão delicado producto da natureza, o mais delicado producto do artificio». — Pedro Corrêa dulia a mulher e olhava para as grades d'um locutorio freiratico com a veneração de um convicto peccador!...

«Amor, Força e Mulheres» — seria a sua divisa, se a tivesse gravada no seu sinete d'aço.

Pelo trabalho, Pedro Corrêa, ganhou duas fortunas e viveu sempre sem dinheiro; mas teve essa incomparavel satisfação de não vêr ninguem pobre ao pé de si, de não vêr soffrer ninguem que o abordasse, solicitando o seu auxilio.

Escrevia cem cartas, se tantas fossem necessarias, para arranjar collocação a um chefe de familia.

Dava as ultimas duas libras que tinha na algibeira, e mandava empenhar os seus sinetes d'oiro para repetir o desembolso.

Numa d'essas occasiões, inesperadamente, e como recompensa de defender uma poderosa companhia portugueza, defesa que o seu jornal tomára com calor, alguem punha sobre o bufete da sua sala de visitas um cheque de mil libras. Pedro Corrêa, com o mais attencioso desprendimento, recusou-o.

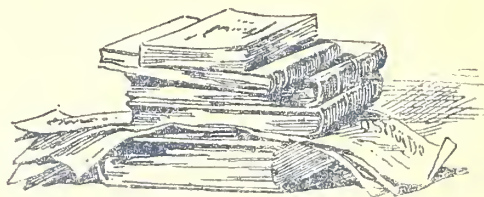
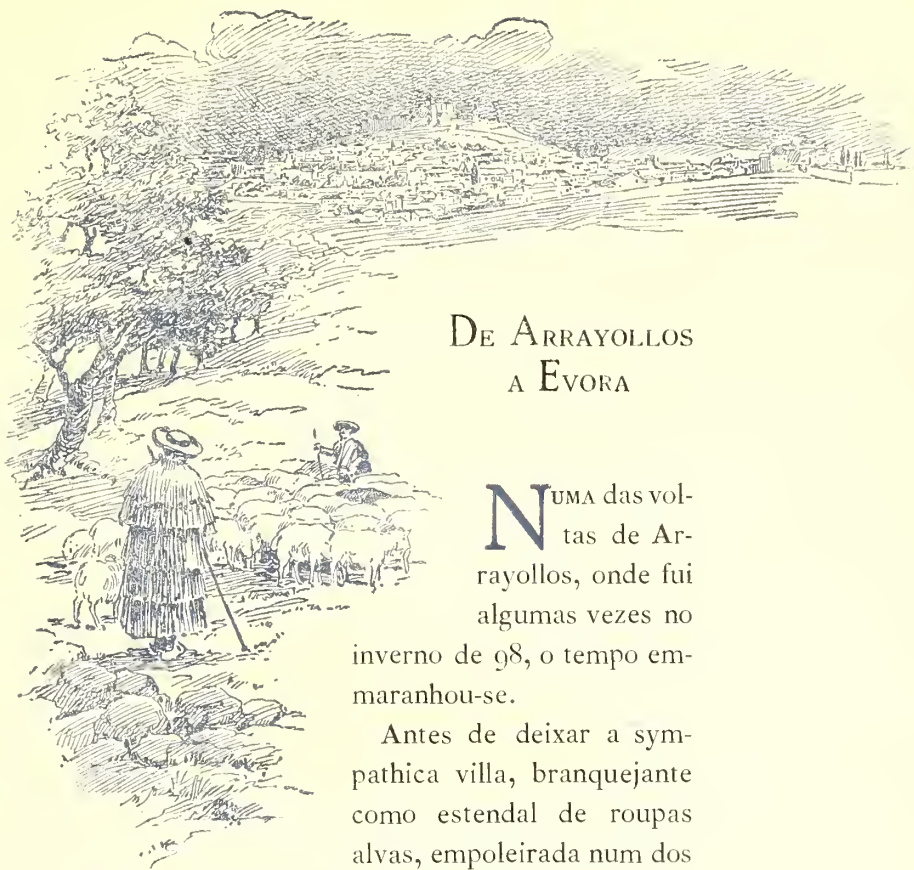
Encontrava sempre qualidades nos outros homens, e duvidava, por principio, das suas.

Dizia-me elle uma tarde, recostado numa *chaise-longue* forrada de chita de côres alegres:

— Crê tu, meu amigo, não ha homens maus nem inuteis: ponto é que se occupem d'alguma coisa. O homem, quando trabalha e produz, perde toda a peçonha.

Não se lembrava elle, ao proferir esta justa sen-

tença, de uma phrase sua (de profundissima observação), que eu lhe ouvira num momento de justificada queixa:

— No mesmo dia em que nasce um homem superior, nascem doze imbecis para o torturar toda a vida!

De Arrayollos a Evora

Numa das voltas de Arrayollos, onde fui algumas vezes no inverno de 98, o tempo emmaranhou-se.

Antes de deixar a sympathica villa, branquejante como estendal de roupas alvas, empoleirada num dos pontos mais elevados do Alemtejo, já o vento soprava em guincho e fazia corrupiar para a direita e para a esquerda as grimpas, nos pincaros das torres e dos mirantes.

As portas e as janellas batiam, os vidros fendiam, os fragmentos estilhavam na calçada com sons arripiadores, desconcertados, corridos com a ventania.

Puz-me a cavallo — como por lá se diz quando

se sobe para um vehiculo qualquer — bati com a portinhola e o rapaz da *cadêra* fez andar a parelha.

O dia começava a declinar, quando o chirrião da caleça começava descendo a estrada para Evora.

Em cima, na espherica cobertura, as nuvens pareciam desafiar a terra, acastellavam-se, illuminadas por electricos tons metallicos, deixando, em pontos diversos, espaços de azul-chumbo.

Por vezes, os austeros agrupamentos dir-se-ia quererem tocar o solo, envolver as azinheiras! Aqui e alem, pelos campos, rebanhos de ovelhas negras e brancas, cabeças pendidas, chocalhos silenciosos, numa solidariedade medrosa, quietas como os torrões que pisavam.

A uma banda, o zagaleto e o cão; da outra, o pastor, espécado, pelo varapau carrasqueiro, do sovaco ao piso. Todos sem movimentos, sem expressão, na espectativa: homens e animaes sentiam-se fracos para arrostar com a colossal imtemperie que ia desabar, e, na sua immobilidade, esperavam o que Deus quizesse.

Repentinamente, o signal do combate rachou em zig-zag a cupula, mostrando pela fenda lume intenso, e, momentos depois, em todo o horizonte troou, saltando de montanha em montanha, um ruido cavo, tenebroso!

Prevendo o auge da tempestade, para que iamos caminhando, o cocheiro prendeu á alavanca do travão o governo da parelha, que continuou no mesmo andamento e, de pé, envergou o gabão, abotoou-o, levantou a gola até ao nariz, entalou as abas da churra veste entre os joelhos, sentou-se de novo na almofada, retomou o governo e alegrou as bestas com vozes e açoite.

Pouco a pouco, a fuzilaria tornou-se mais nutrida, e o tecto abobadado, d'um compacto azul ferrete, baço, estalava mais perto das nossas cabeças. O espectaculo tornou-se então feroz e refulgentemente bello, a ponto de me fazer esquecer toda a precaução. Apenas, instinctivamente, os olhos se me fechavam quando as tiras de fogo caíam do céo, como *rails* d'aço, incandescentes.

Mais d'uma vez o cocheiro se voltou para mim, esperando alguma ordem; mas eu, attrahido e subjugado pelo perigo, ficava immovel, sem poder fallar.

Assim nos encaminhavamos cada vez mais para inesperada bocca d'infernal vulcão, pelas densas trevas da noite...

Vencidos alguns kilometros, as muares estacaram á porta de uma casita á beira da estrada, por cujo postigo se viam signaes de vida. De dentro, abriram. Entrei, e, emquanto o cocheiro accendia as lanternas, fechava a caleça e tratava do gado,

eu aquecia-me ao lume da lareira, que a boa gente da casa me offerecera.

Fóra, os raios illuminavam intermittentemente a paisagem, e o fragor do trovão dava conta da immensidade do espaço, com detonações decrescentes, que pareciam murros de mão gorda em tan-tans, morrendo pouco a pouco e espirando longe, remotamente longe, do meu escutar.

Ao largar o abrigo, batiam os primeiros pedriscos no tejadilho do carro. Mais e mais, foi engrossando o chuveiro de pedra, e, d'ahi a pouco, o chirrião era açoitado de todos os lados pelo granizo, que parecia desfazer em pó a vidraça das portinholas.

A curto trecho, os pacientes animaes quasi não podiam vencer o embate das cordas d'agua; do pouco que se enxergava, tive a impressão de que não era caminho que passavam, mas sim um tunnel d'agua, em desesperada agitação.

Sob a ininterrompida tempestade, seguimos uma hora de assustadora jornada. Subitamente, quasi se volta a caleça! Abri com sobresalto, para saber o motivo de tão brusco solavanco. Não pude sahir: o torrencial chuveiro era mais forte ainda. Tinha-se partido uma das rodas dianteiras e faltava uma legua para chegar a Evora!

A custo, o cocheiro, com a parelha á mão, encos-

tou a caleça a um lado da estrada, desengatou, disse blasphemias e foi por outro vehiculo á cidade.

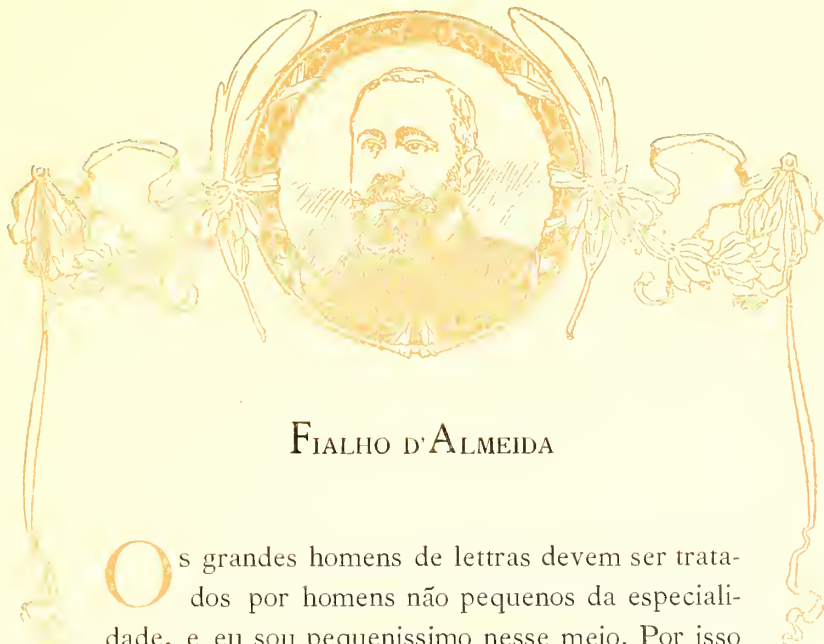
A luz das lanternas amortecia; a trovoada ia corrida ao norte, só se fazia ouvir longe, muito longe; mas a chuva e o vento não cessavam! Este soprava tão violentamente, que despedaçava arvores, arrancava-as do chão, e as mais resistentes, as seculares, vergavam e gemiam como pessoas. Os arbustos, o mato, estalavam com o mesmo estalar das queimadas de agosto. Grandes ramos de folhagem, rolando sobre o macadam, davam ideia de rodas de azenhas em movimento.

Para alem do muro a que o cocheiro havia encostado o carro, as travessas da linha ferrea, illuminadas rasteiramente pelo farol d'uma locomotiva a distancia, pareciam alpondras de açudes alagados.

Entretanto, as rajadas redemominhava e seguiam com velocidade louca.

Os fios electricos davam silvos, como cabreiros, dedos á bocca. Dos mesmos metallicos arames sahiam estridulos gritos afflictivos, sonidos de trombetas esganiçadas, que pareciam prenuncios de morte, o acabar do mundo!

E, sem luz, já perdida a noção do logar, ensurdecido pelos bramidos da bestial natureza, sem vêr nem ouvir na treva absoluta, a imaginação mostra-

va-me, numa acceleração vertiginosa, em linha diagonalmente traçada do céo á terra, convergindo a uma sombra cymbiforme, figuras hirtas, meio inclinadas: o homem, a mulher, seguidos por toda a especie d'animaes, e, na cauda, um gigante fabuloso, bochechas enfunadas, impellindo toda essa semente de futuras gerações.

Fialho d'Almeida

Os grandes homens de lettras devem ser tratados por homens não pequenos da especialidade, e eu sou pequenissimo nesse meio. Por isso a minha impressão sobre Fialho d'Almeida será, como factura, tal como a minha estatura litteraria.

Para mais, outros, com melhores barbas do que as minhas — que bem ralas são — têem desenrolado opiniões, uma vez que outra, com seguridade, que mostram, evidentemente, de pé, o real valor do homem de lettras em questão; e, se assim não fosse, á falta desses cabelludos criticos, o proprio escriptor o havia feito, com comedimento e verdade, no seu volume *Á Esquina,* nalgumas paginas sob a epigraphe *Autobiographia.*

Mas, se os humildes não applaudissem os grandes e se não se acercassem d'elles, estes teriam um restricto publico. Não é verdade?

Propositadamente, estive para solicitar do Jose Valentim permissão, para, a seu respeito, pôr no papel as linhas que vão seguir, só para ter — estou d'aqui a ouvil-o — esta resposta, repetindo as palavras do Divino Mestre:

— Deixae vir a mim os pequeninos...

Em geral, os homens perdem por não serem conhecidos, para poderem ser devidamente apreciados, e Fialho d'Almeida é um d'elles.

E' uma creatura exquisita, que toda a gente vê, mas com quem pouca gente communica.

Um homem mais baixo que alto, mais forte que fraco, com o estomago um tudo nadinha prolixo, de quem muito escreve, muito lê e pouco anda.

No entanto, o alemtejano de Villa de Frades é robusto, não a ponto de aviltar os fracos com a sua robustez, mas a ponto de poder com o proprio talento, que não pesa pouco!

Fronte ampla, como intabellamento dorico, planispherico. Os olhos, mais pequenos que grandes, investigam com serenidade altiva, como a do soberbo leão, que, na maior curiosidade, quasi não move as pupilas. Nariz regular, boca meio encoberta pela barba sedosa, com bastantes brancas, que lhe dão aspecto de um verdadeiro vaticinador, inspirado superiormente!

Sem preocupação, as palavras saem-lhe nitidas,

envolvidas numa consonancia agradavel, com as quaes elle consegue, sem esforço, dar volume, fórma e côr ás situações mais oppostas. Exteriormente, vejo-o assim.

Quando por ahi andava, nesta Lisboa que elle tanto admira, dava-se com um restricto grupo de homens: escriptores, artistas e os seus companheiros da Polytechnica e da Escola Medica, d'onde sahiu Doutor.

Veiu numa epocha em que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, de uma maneira vivamente moderna, espalhavam conceitos novos, repassados de ironia, e essa maneira ironica foi, e é ainda hoje, tomada como arma aggressiva.

E' claro que Fialho, seguindo o mesmo filão na sciencia de escrever, brocou mais fundo; e, se aquelles que tomou por mestres picaram com *As Farpas,* Fialho prolongou as feridas das figuradas garrochas com as figuradas unhas dos seus *Gatos!*

A sociedade portugueza, que, até Camillo, não estava habituada a essa *ordem de ideias,* fez, da ironica maneira, *carapuças*, e ainda agora toma o auctor dos *bichanos,* mais como *chapeleiro,* que como escriptor de espirituosa verbação ironica.

Quer isto dizer que a maneira de escrever, de Camillo para cá, é toda de impressões colhidas na natureza e do natural, e, sendo assim, num paiz

pequeno como o nosso, no que toca aos modelos vivos, estes estão continuamente vendo as suas pessoas, nem sempre desenhadas a seu contento. Por isso o escriptor humanamente verdadeiro é tido por um mau, por uma creatura que *faz pouco* das outras, em vez de ser tomado por um artista da actualidade!

E egualmente por outras originalidades é censurado o auctor do *Paiz das uvas*. Alguem, de pudicos ouvidos, perguntou a Fialho d'Almeida a razão por que empregava *palavras mal sonantes*.

— Não se escrevem sujidades com palavras limpas...

Fialho d'Almeida é um d'esses privilegiados a quem a natureza deu sensibilidade rara. Vê as coisas mais subtis, e valorisa-as de modo a tornal-as evidentes. De um assumpto que, á vista da maior parte dos viventes, pareceria banal, Fialho faz uma obra de arte, pela maneira scintillante de a descrever ou de a expôr com a sua fluente palavra, porque o *Doctor* não é menos empolgante conversando, no que é incansavel, do que nas paginas dos seus livros, nas folhas das revistas e das gazetas onde se tem exhibido.

Ha momentos em que a exposição é tão grandiosa, que Lisboa, vista atravez das suas palavras, nos parece ser a mais bella e monumental cidade

do mundo, que os pequenos arbustos se transformam em altaneiras e copadas arvores seculares!

Os seus ditos espirituosos, os seus *à double-sens* andam por ahi em varias edições, e até, por vezes, a fazerem reputação de obras cujos auctores não citam o auctor!...

Alguns escriptores da camada que lhe succedeu chamam-lhe *o Mestre*.

Manuel Penteado chama-lhe *o grande e horrivel escriptor*. Trata-o assim, diz elle, por não conhecer maneira mais significativa de exaltar uma pessoa ou um facto. Outros, ainda, commentam — na ausencia — «*Mal empregado talento!...*»

No meio de toda a sua anormalidade de homem de valor, nos differentes aspectos da sua personalidade, ha dois cujo contraste o define: o forte, o indomavel, e o fraco, até á timidez; o homem que ri com sarcasmo e o que chora com a sentimentalidade dos que mais sentem! Ao mesmo tempo que, com incisiva critica, castiga, chora-lhe o coração ao presenciar o infortunio alheio! Quando lhe citam uma desgraça, Fialho mostra, na careta que o transtorna, toda a vibração angustiosa dos seus nervos; soffre, como bom que é!

Tem as indecisões dos homens desprevenidos, a ponto de o mais pequeno obstaculo lhe parecer uma barreira invencivel.

A primeira vez que sahiu de Portugal, em companhia de dois amigos — um delles o dr. José Gentil, o outro não me recordo agora do seu nome — com destino á Castilha Velha, Fialho e os seus dois companheiros tinham prevenido todas as hypotheses: as malas na estação, bilhetes comprados, guia official, jornaes, recommendações; nada faltava.

Quinze minutos antes de o comboio se pôr em marcha, um extemporaneo aguaceiro ia fazendo com que o auctor dos *Gatos* não partisse!

— Sim — dizia elle — vocês comprehendem: esta coisa de partir para Salamanca, Valladolid, etc., a chover, é uma sensaboria insoffrivel!

Datam d'esse setembro de 901 — em que Fialho comprou em Valladolid, um *paraguas, por dos pesetas, por se acaso*... — os seus estudos sobre a Hespanha, que todos os annos visita, merecendo-lhe particular attenção as provincias da Galliza — trabalhos concernentes á historia da Arte e, sobretudo, ao caracter regional d'esse interessante paiz, cujas aguas cantabricas continuamente banham o nosso torrão minhoto, trabalhos, que já hoje devem ser importantes, porque Fialho d'Almeida desenvolve o mais possivel os apontamentos, em presença do original. É uma grande obra, apenas dependente, creio, de alinho litterario e de pequenos retoques.

Para este fim, tem Fialho, de ha bons sete annos, preparado uma superabundante bagagem de publicações, desde o *in-folio* ao folheto, desde a gravura á photographia.

Mas deixemos a futura obra do escriptor, que, por agora, só a elle pertence, e voltemos á do seu passado.

Oiço dizer que Fialho d'Almeida não tem uma grande obra litteraria, ou, antes, que nunca escreveu um grosso volume, cujo assumpto occupasse todas as suas paginas — um livro de sciencia, de historia, ou um romance.

As obras d'um escriptor não se medem aos palmos; alem de que, os grandes livros são muitas vezes salvos por pequenos trechos. Trezentas laudas de typo miudo e compacto não conseguem muitas vezes dizer o que o auctor deseja, emquanto que meia duzia de linhas nos podem dar nitida impressão da grandiosidade do mundo e da pequenez dos seus habitantes.

Dos raros artistas das lettras, uns, avaros do seu talento, dão-nol-o em pequenas doses, em extensas descripções; outros condensam-no em curtos folhetos. Fialho está neste caso, e, portanto, não me parece que tenha dado menos aos leitores do que aquelles, em maior ou menor quantidade de trabalho. Assim succede nas vinte e seis paginas de

Los de Manganeses, cheias de caracter local, e d'esse aroma que as mulheres e os cravos rescendem, no ar calido estremenho; nas vinte paginas da lugubre jornada á luz de brandões, que foi o transporte do cadaver do rei D. Luiz para o templo dos Jeronymos, espectaculo que, pela descripção, dá ideia de um friso repuxado, bronzeo-serbuno, com toques de luz mortiça, estendido ao longo da margem, desde Cascaes até Santa Maria de Belem; nas trinta e seis paginas d'essa bacchanal do café de *lepes* á Moiraria, onde acabou, saturado de piteira, o grande violoncellista Sergio da Silva, e nos *Ceifeiros*.

Quando li os *Ceifeiros*, — quinze paginas apenas, onde se condensa uma das obras mais extraordinarias da litteratura portugueza — foi á hora da minha primeira refeição. Assorda, ovos e chá — tudo me pareceu gelado; quente, só essa narrativa empolgante da vida rural alemtejana! Nada que mais intensidade possua, que mais impressione, que mais constranja! E' o quadro de labutação humana mais vivamente representado, onde se detalham os movimentos e onde o olfacto sente e define toda a misturada de essencias e resinas, que ressuma da estéppe alemtejana!

Pouco a pouco, estava metido na faina, empunhando a foice, já sem força, sem ar, para poder

soccorrer os desgraçados ceifeiros, asphyxiados sob um escaldante sol de 44 graus *ás nove horas da manhã!*... E como Fialho nol-o descreve!

«Começa então o pavoroso espectaculo da natureza e do homem, torturados a fogo para expiar o crime de uma ter dado fructo e do outro insistir em viver d'elle!»

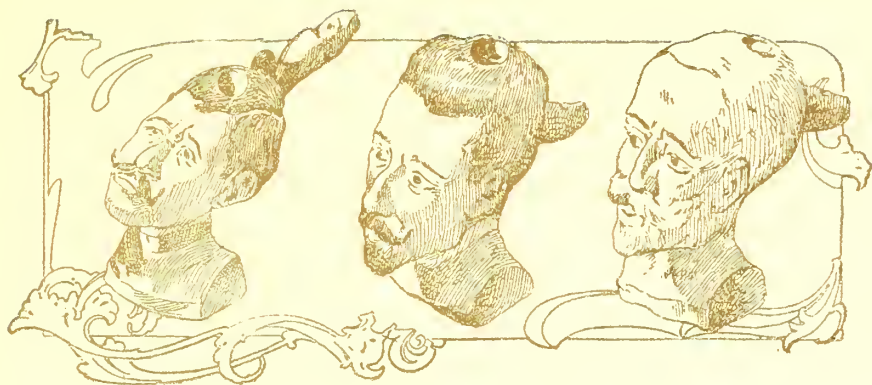
Aqui, sim; aqui, está justificada e evidentemente mostrada, com todo o poder d'uma observação sem limite, a dura phrase — «*A lucta pela vida*». Aqui, reflecte-se com inexcedivel nitidez, a teimosa ambição da fraca humanidade, que se mata na esperança de vencer a robustissima e invencivel morte...

Quando tentei enxergar a côr d'essa paisagem infernal, que Fialho parece ter apontado á margem com tintas quentes, pareceu-me observal-a no proprio local, pareceu-me vel-a, não atravez das bagas de suor que me cobriam os olhos, mas atravez de chumbo derretido, que me cahia da fronte, e a polychromia mostrava-se monotona, fôsca, como metaes amollecidos ao lume!

Por esse mesmo prisma vi todo o horror dos pacientes fragueiros, que soffrem sem protesto e sem supplicas, com as linguas sêccas, como as dos cães sequiosos. Fallar seria morrer!

Como é que se chega a escrever assim?! Não

digo bem: como é que se chega a vêr tão perfeitamente?!

Quando acabei a leitura, olhei um pão, que, antes, me parecera nutritivo e sympathico, e senti o asco que se experimenta quando se olha para a tranquillidade de um assassino sem remorsos.

Assobios de Barro

No julho de 1908, em dia de festa, ou, antes, de pretexto para festa, encontrei entre a minha correspondencia, sobre a mesa do almoço, a carta de um amigo, nessa occasião em Paris, para onde partira, deixando Lisboa, havia duas semanas.

Dizia d'este teor:

«Sinto não estar ahi para o grande abraço! No dia da minha partida, deu-me o Victor Ribeiro, para si, o nome de um barrista, que encontrará aqui incluso. Este nome não vem no seu livro *Ceramica Portugueza*.

«Se não temesse incommodal-o, pedia-lhe o favor de me comprar no Chaves os bustos-assobios do João Franco, Affonso Costa e Bernardino Machado, que não tenho na minha collecção, nem os vi nunca á venda; mas existem, porque o Ribeiro já os viu».

—«Nada mais interessante para quem se occupa de *cacos*, do que procurar bonecos de barro em dia festivo». Foi o que respondi, na volta do correio, ao meu amigo, para o Grand Hotel de Russie — Rue Drouot.

Passava das 11 horas, sob uma atmosphera pesada e quente, d'essas que ameaçam enredar o tempo, quando tomei um electrico no Conde Barão.

Ao dar o pataco, recommendei:

— No ponto mais proximo do Pateo do Junça, á Fonte Santa.

Poucos minutos depois, o carro imbicava pela Pampulha e parava mais adiante, ao signal de um toque sêcco de campainha.

— E' aqui, lembrou o conductor.

Apeei-me, e, pela rampa que leva ao palacio real, subi, e, commigo, um correio de ministro, homem alto e forte, d'esses homens que, em vez de *caixa,* possuem alentado *bahu* thoracico, cinco vezes honorificamente condecorado, limpo, bem posto, calça enrugada sobre a espora. Dirigia-se a palacio.

Do sol, cada vez mais quente, abriguei-me sob a grata protecção da folhagem verde e viçosa de uma arvore, enraizada fortemente no jardim fronteiro á habitação do rei, tirei o chapeu, como que saudando a bandeira vermelha, côr de sangue, que

tremulava, presa á haste alta e branca, na fachada da regia habitação.

Depois de mitigar a fadiga e crear animo para meter-me á soalheira d'esse meio dia de julho, agradeci á rainha dos vegetaes a sua meiga sombra, olhei mais uma vez a bandeira côr de sangue, e parti em busca do Franco, do Affonso Costa e do Bernardino Machado.

Ao cimo, onde o muro da tapada real faz angulo, um sympathico garoto, a quem pedi indicações, contestou-me:

— Bem sei, meu senhor; o Pateo do Junça, onde foi a fabrica da louça; venha comigo.

Rebocado pelo amavel piloto, de nome José — os Josés são sempre amaveis!... — lá me deixei ir, certo de abordar a bom porto. E, agora, sem a preoccupação de me perder naquellas *aguas,* fui recordando factos da minha mocidade, de amigos que já não vivem e jazem bem perto d'aquelle sitio e d'aquelles cyprestes que eu ia vendo, attrahido pela sua ramaria verde-negro, robustos e crescidos naquelle campo de eterno somno, onde só elles vigilam, unico campo onde os homens são eguaes, unico campo onde se encontra a Verdade!

Bem perto d'alli tambem, outro campo, mas de alegria, a contrastar com esse outro, que a ironia chama *dos Prazeres*, onde tantas vezes — com sau-

dade o recordo — eu e os meus companheiros, á porta da tasca do *Doirado*, olhando as estrellas, cantavamos ao som de bem tocadas guitarras. Então, subitamente, recordei algumas quadras d'esses tempos:

> Oh morte, cruel tyranna,
> Contra ti todos tem queixas!
> Quem has de levar não levas,
> Quem has de deixar não deixas!

Outra quadra, que não foi acolhida com applauso, pela incisiva ironia do seu conceito, berrada por um dos poetas, que as noites de pouco dinheiro punham de mau humor e systematicamente na contraria:

> Do sebo faz-se a vela,
> Da massa faz-se aletria;
> Faz causar febre amarella
> Do fado a semsaboria!...

Os *fadistas* d'esse tempo, tantas noites juntos debaixo do parreiral do *Doirado,* deram distinctos officiaes de marinha, generaes e outras patentes superiores do exercito, posições elevadas no nosso meio social e até diplomatas!

— E' aqui, meu senhor, disse o meu amigo José, ao chegar ao Pateo do Junça.

Parámos no arqueado corredor que leva ao pa-

teo, para tomarmos uma provisão de fresca sombra, e d'ahi desfructei o desolador aspecto, conjuncto de architectura de grandiosidade reles, de que não é facil explicar o desconcertado motivo.

Creanças sujas, de pernas tortas, chafurdavam na terra, como bacoros sem pastor, cêrca de portas abertas, que servem habitações como antros, onde se adivinhavam, na escuridão, mães que labutavam, praguejando, e ás quaes o chorar dos filhos já não faz móssa.

Dentro, um largo recinto quadrado, como um claustro em ruina, com arcarias cujos espaços, um que outro, são fechados, quente pela pasta do sol, que sobre toda a área cahia a prumo. No angulo opposto ao da entrada, debaixo d'um dos arcos abertos, uma escada de madeira rompe ao cimo, em alçapão, o pavimento.

— Vamos a isto, amigo *Zé* — disse ao meu *cicerone,* indicando-lhe a travessia.

O bater das nossas rapidas passadas sobre o solo que nos queimava os pés, como se passassemos o lar de um forno aquecido, fez correr uma osga, que naquelle silencio claustral se deliciava, espalmada na parede branca.

Em cima, perto do alçapão, encontrámos o artista que eu procurava ; mas — oh surpresa! — o artista, o Chaves, era um conhecido de infancia.

— Pois é você o auctor dos assobios?!

— Eu e meu filho; responde, apontando para o fim da officina.

— Via-o por ahi com ar de pensador, de philosopho! De resto, julgando assim, não me enganava por muito; os artistas soffrem todos de uma pontinha de philosophia... Pois, amigo Chaves, aqui me tem, neste dia quente e de festa, para comprar o João Franco, o Affonso Costa e o Bernardino Machado.

E, emquanto o Chaves Junior ia pelo caixote em que guardava as celebridades politicas, dei uma vista d'olhos ao casarão, que, desde a entrada, me havia impressionado pelo desalinho, pela diversidade de objectos e pela côr inexplicavel do conjuncto: fôrmas, ornatos de pasta, suspensos por cordas, cavallos de verga, revestidos de pasta, destinados a picadores de vara larga — um baio, um castanho e um russo — com os membros pintados em saiotes de linhagem, que a corrente d'ar que circulava fazia mover lentamente. Pelo chão, proscenios de theatrinhos de *marionettes*; desenhos de animaes e projectos de scenario para *ateliers* photographicos; cabeças de toiros, de leões, de cavallos; aves, festões de flores, corôas, bustos, medalhões — sendo um d'elles o perfil do conde de Paris, com dedicatoria e assignado pelo artista

— «*Chaves fecit*» — molduras e muitas outras coisas que surgiam de misturada com ferramentas: teques, martellos, formões, tijellas, esponjas e trapos pelo chão e sobre taboas sujas de tinta e de gesso, que as engrossava irregularmente, espécadas por cavalletes. E, após este casarão, succedem-se outros, em completo abandono, despidos de mobiliario, e cujo accesso é por meio de arcos.

A este exame accrescentava o amigo Chaves algumas descripções, lentas e ponderadas, empregando toda uma estranha technologia, tratando cada coisa pelo seu verdadeiro nome.

Ao tempo, já o Chaves Junior, de joelhos, em frente do caixote, collocava sobre o soalho os assobios. Postos de parte, lá estavam o Affonso Costa e o Bernardino Machado.

— E o Franco? perguntou o pae Chaves.

— Parece-me que não ha nenhum feito; respondeu o novel esculptor.

— Aqui está para que serve ser notavel: para passar á posteridade em assobio de barro! Que dirão os vindouros, d'aqui a um seculo, se fizerem chilrear estes monos?

E, emquanto eu ruminava esta conjectura, o pequeno Chaves ia pescando, ás apalpadellas, outros monos na serradura, mas nada de João Franco! Ao mesmo tempo, o meu velho conhecido chamava

tentativa a esse genero de esculptura, que promettia apurar para o futuro, visto não se ter dado mal.

— Imagine que fiz mais republicanos do que *Joões Francos* e enganei-me nos calculos, pois vendi trezentos do dictador, e dos democratas menos de cem!

— E o meu amigo *Zé?*

— Esse não fizemos; esse, só o auctor dos seus dias...

— Como?! O auctor dos seus dias?!

— O grande Bordallo!

— Tem razão, sim; só elle lhe soube imprimir espirito! Mas não é esse. O meu amigo *Zé*, o amavel garoto que me trouxe aqui?

— Ha que tempo se foi!...

— E eu que tinha deliberado fornecer-lhe capitaes para uma sessão d'animatographo!

*
* *

Quando de novo pisei o Pateo do Junça, ainda abrazador, uma nuvem negra tapava o sol, pondo mancha pardacenta no terreiro, e, no corredor arqueado, os cabellos d'uma creança, que equilibrava os indecisos passos, abrindo os bracitos magros, parecia quererem fugir-lhe da cabeça, açoitados por improvisado golpe de vento, que levantava, em giro doido, o lixo, á flor do piso.

Em baixo, na Triste Feia, subia de encontro a mim um anão, que me pareceu de barro:—curto e de cabeça grande, como os bustos que eu acabava de escolher para a collecção do meu amigo.

Caminhava com desenvoltura e garbo pela ladeira acima, certo de chegar ao seu destino, apesar de ter que andar o dobro do que qualquer homem de mediana estatura.

Parei, para verificar se de facto elle seria de carne e osso, se de barro, como os assobios do Franco, do Affonso Costa e do Bernardino Machado, e, depois de mirar o aborto, recolhi-me de novo ás minhas recordações, agora bem tristes, em confronto com as da mocidade, que me envolviam absolutamente e me faziam olhar de um modo vago o caminho que ia trilhando.

Ao chegar a Alcantara, voltei-me instinctivamente, como quem deseja despedir-se d'alguem que lhe fica seguindo os passos; e, lá no cimo do monte, sobranceiro e negro, um cypreste oscillou, como que promettendo-nos uma tira de sombra, naquelle campo silencioso, que eguala todos os homens...

João Chagas

Dizem que João Chagas é um politico d'acção! Eu não sou d'esse parecer, porque não vejo no auctor da *Posta restante* mais do que um homem de lettras, e um homem de lettras é, incontestavelmente, um artista, e, em geral, um politico, na nossa terra, é tudo quanto ha de mais brigão com a arte!

Não conheci, nem conheço, os dois periodos politicos de João Chagas: o das suas verduras, e o ultimo em que está metido, porque a politica não me interessa, tenho-lhe medo, e ainda porque os homens, atravez da politica, me parecem algumas vezes tigres e eu receio conhecel-os no campo das feras!

Alem d'estas razões, João Chagas, com quem me dei mais affectuosamente boa parte dos annos de 905 a 907, nunca me deu a impressão de um

furioso politico; bem pelo contrario, pois que, de tudo quanto tive occasião de observar sobre a sua pessoa, não conclui senão que elle era um homem duas vezes apaixonado — pelas lettras e pelas mulheres!

Ora, estas duas predilecções, antagonicas, segundo oiço dizer, com o servir um deus irrequieto e aggressivo, occupam o melhor da vida de um homem, o qual, se não fôr diligente e activo, tem que deixar muitas vezes as lettras pelas mulheres ou as mulheres pelas lettras!...

Dada esta fatal verdade, como é que a João Chagas fica tempo para *politicar?*

Nenhum, com certeza!

No periodo a que me refiro, era assim, porque o auctor das *Minhas razões* andava demasiadamente litterato e sobremaneira *amorudo!* Pelo menos, as apparencias — e só por ellas, é claro, eu podia julgar — auctorisavam essa conclusão.

O que é certo, é que João Chagas, por esses tempos, tudo via atravez de esplendido humor, para tudo sorria, tudo desculpava, tudo lhe parecia bom!

Entrava no Gremio Litterario, de tarde ou á noite, cuidado na *toilette,* saudava com palavras aveludadas os *habitués,* sentava-se num *fauteuil* commodo ou á mesa de escrever. Ao traçar a perna,

mostrava a meia de seda, salpicada de phantasias de bom gosto, palpava a gravata, mirava as unhas, tratadas com pericia, e exhalava da sua pessoa um perfume fino e delicado — aroma que se adquire no contacto de perfumadas rendas, junto á pelle assetinada de um corpo fragil, que enleia e faz viver ditosamente!

Quando o criado se demorava com as tiras de costaneira, com os sobrescriptos *sem o timbre do Gremio,* João Chagas, tinha sempre uma desculpa, que envolvia numa expressiva benevolencia, em perdão.

A seguir, esboçava a chronica para o *Janeiro,* ou traçava rapidas linhas em papel pequeno e rico, uma carta que, ao terminar, relia com expressão de completa felicidade, que metia, estampilhada, no bolso, sobre o coração, ou que lacrava e fazia partir na mão d'algum portador diligente e discreto, como que a levar um intimo agradecimento d'uma caricia inolvidavel, ainda quente!

Depois do grato expediente, deixava-se cahir com doçura sobre as costas da cadeira, e, com beatitude, olhava e erguia os braços para o tecto da sala, como se lá estivesse representada, nalguma flor do ornamento, a sua divindade, e assim ficava alguns instantes. Num letificante impeto de actividade, pedia os jornaes, cuja leitura por vezes interrom-

6

pia, para chamar a attenção dos presentes com observações criticas:

— Olhem vocês!... Vejam vocês!...

Das gazetas, das illustrações, das revistas, fazia derivar animadas cavaqueiras, divergentes opiniões, que tumultuavam, mas que se desfaziam pouco a pouco, com as espiraes fumantes dos charutos, porque, em geral, estavam todos de accôrdo. D'estes debates, ficavam retumbando por algum tempo, entre os vidros das livrarias, ditos espirituosos e picantes, que os desvanecidos auctores sublinhavam desdenhosamente, pedindo um copo d'agua para refrescar a *gorge,* ou uma *sandwich* para entreter a debilidade.

A' noite, na mesma sala, lá estavam o Chagas e os *habitués,* grupo resumido, affectivo. Na mesa da janella para a rua de S. Francisco, Augusto de Mello riscava as cartas para o Rio; na mesa fronteira, Marcellino de Mesquita retocava alguma scena d'amor *á portugeza,* de peça entre mãos para o *Normal,* ou embrulhava meia duzia de cigarros para a viagem de Lisboa a Pontevel; ao lado d'esta, a mesa que Chagas preferia para redigir a sua conceituada prosa, e, na da entrada, algum adventicio, que, na mór parte das vezes, ia com a escripta a outra parte, reclamando socego; e nos *fauteuils* ao meio da sala: Teixeira de Queiroz, Motta Veiga,

Manuel Duarte, Marques da Costa e mais dois ou tres dos nocturnos.

Nesse cenaculo de ethereas refeições intellectuaes, discutiam-se as artes e os artistas, os livros e os escriptores, as peças de theatro e os dramaturgos, a critica tumultuava, intervinha a jurisprudencia, a porta da sala pejava-se de espectadores, e João Chagas pedia tréguas para terminar a chronica para o *Janeiro,* que o correio do norte transportava fatalmente cada dia, ao mesmo tempo que Augusto de Mello, certa noite, citava o nome do paquete que deixava as aguas do Tejo na manhã seguinte, com esta concludente phrase:

— Meus caros amigos, o portador não espera...

Passados alguns quartos de hora, concedidos aos *escrevinhadores,* como os impacientes lhes chamavam, voltava-se á cavaqueira do assumpto suspenso.

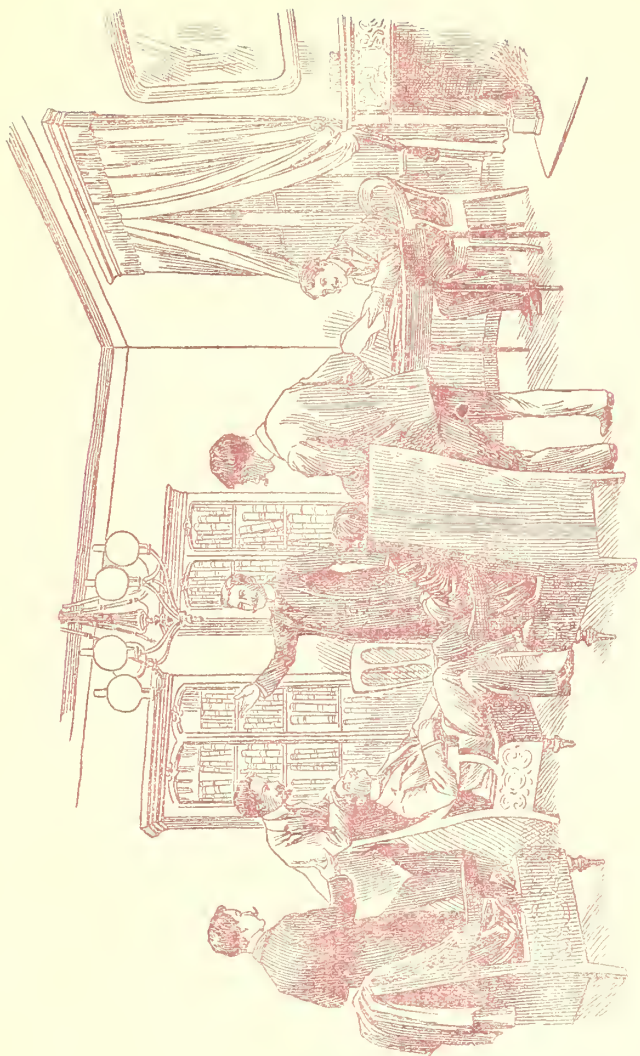
Então, em espirito, cada um fazia passar num cortejo triumphal, sobre a tapeçaria vermelha e fôfa do pavimento, os idolos das suas crenças, idolos cujos nomes assignam obras que se impõem: citavam-se dos poemas os versos notaveis; synthetisavam-se as obras-primas das artes plasticas; fallava-se dos grandes musicos, notando-se os trechos mais apreciados das suas composições; recordavam-se, pesadamente, as conceituosas phrases dos grandes tribunos. Como impellido pelas molas da

cadeira em que estava sentado, um dos jurisconsultos exclamou:

— O grande feito de Marco Antonio é o ter no Forum, com o maravilhoso poder da sua palavra persuasiva, dissuadido o povo romano da falsa ideia de que o haviam convencido os algozes de Julio Cesar. Quando o cadaver do vencedor dos Nervios deixava a praça onde se decidiam as contendas magnas, o povo vingava a injusta morte de Cesar, incendiando as habitações dos assassinos! A Palavra e a Justiça podem tudo!...

Alli, como num animatographo, se faziam passar os paizes mais adeantados do mundo, com as suas subdivisões mais cultas e mais em evidencia. Não esquecia o valor do trabalho pertinaz dos historiadores, dos archeologos, que continuamente evidenciam os nomes gloriosos dos grandes homens d'outras eras. Aqui, João Chagas protestava contra as velharias, queria coisas modernas, ideias novas — protesto frequente da sua opinião, mas que em nada alterava o bom humor das animadas cavaqueiras.

Quasi sempre a melhor parte d'esses serões era absorvida pelo ideal litterario de João Chagas — a obra do Eça — e, nessas occasiões — *El dos de mayo,* como dizem os nossos vizinhos!... Mal se alludia a este escriptor, o diapasão do vozerio au-

gmentava! Todos tinham uma opinião prompta, solida, que a um tempo queriam expôr e defender! Um tiroteio cerrado! Os nomes de Herculano, Castilho, Ramalho Ortigão, Julio Diniz, Rebello da Silva, Fialho d'Almeida e outros, troavam como sons de descargas electricas entre montanhas; ninguem se entendia, tudo misturado, nada de nitido, vozerio a que acudiam os frequentadores da sala de leitura, assomando á porta, com as revistas na mão, o Dr. Ansur, Silva Bastos, Sousa Pires, Manuel Carneiro, Seruyas e outros, espavoridos.

E, vai-se a vêr, a algarvia resultava apenas da febre explicativa e da exuberancia de argumentos irrespondiveis, e concluiam accordando: — «que as qualidades de cada um d'esses escriptores eram grandes, mas differentes, portanto sem comparação plausivel; que era balda entre nós comparar o valor intellectual dos homens, como se d'estes se medisse a força physica, e que isto de ter mais ou menos talento não se podia avaliar como socos em dynamometro, como egualmente o instrumento não marca qualidades compensadoras, e, emfim, que, completo, só Deus».

Nalguns destes serões, tão vividos e *solicitamente* litterarios, sem programma nem reclames, Chagas e Motta Veiga faziam a leitura de artigos magistraes de Eça de Queiroz, ainda por arrebanhar

em volume. Chagas, quando lhe tocava a vez de exprimir prosa do auctor de *A Reliquia,* illuminava-se, como theista a converter tribus descrentes com os dizeres das sagradas sentenças do seu deus!

Após estas justas e reflectidas homenagens, outras vinham coroar os iniciadores de enormes feitos scientificos e, por fim, a critica censurar as injustas criticas das *aves* de curtas azas e comprido bico, que tentam picar aguias e outros empennados de vôo largo, com detracções mal*piadas,* e que, quando Deus queria — dizia o orador — cahiam sem alento sobre monturos.

A estas palavras, applaudidas por todo o auditorio, outras se seguiam, não menos certeiras e como dardos, assim atiradas:

— Deixem-me dizer-lhes, meus amigos: isto succede em toda a parte; e, se com mais frequencia nos paizes pequenos, como o nosso, devido é, principalmente, aos escriptores ciumentos, que vêem um concorrente em cada homem de lettras, e, sobretudo, aos *litteras* cuja obra nunca chega a ser grande, nem mesmo a de diffamação. D'elles, as comparações entre livros da mesma indole ou de assumpto congenere, para fundamentar accusações de plagiato, a que, como sabem, nem o Eça escapou; d'elles, a cançada mas deprimente asserção: que tal escriptor poderia valer, *se escrevesse*

em portuguez; d'elles, o verem na obra alheia a imitação da sua maneira; d'elles, as estafadas classificações de *cretino, mediocre* e outras semelhantes, com que tentam desqualificar o trabalho dos que não fazem parte da sua envenenadora grey. E, quando não podem blasphemar, rebentam, como bolhões pestiferos. Meus amigos, ponho ponto, porque não quero sahir da norma estabelecida: Aqui não se criticam processos.

Assim duraram essas inolvidaveis noites até á primavera de 907, em que João Chagas começou a rarear no Gremio Litterario.

Pouco a pouco, as ausencias espaçaram-se mais e mais, e os do cenaculo interrogavam-se:

— Onde estará metido o Chagas? Que é feito do Chagas?

Escrevia-se ao Chagas, o Chagas não respondia, e apenas noticias suas se obtinham, pescadas nas entrelinhas das chronicas do *Janeiro,* chronicas que iam perdendo, dia a dia, a feição litteraria e adquirindo paulatinamente o sabor politico. Posto que, para alguns, a ausencia do homem de lettras era mais questão de *femea concreta*, que de *femea abstracta,* para outros era caso decidido que o presidente das sessões de S. Francisco estava novamente atacado da maldita doença eruptiva, que já havia apanhado quando mais novo...

— Não ha duvida, dizia um. Está outra vez politico. E' mais uma fera e menos um artista!

— Eia! o que ahi vae!...

— O maior mal da nossa terra vem da politica; a politica atrophia tudo e todos. Só consegue desenvolver-se o que vive longe d'esse mal damninho. Os homens, nesse meio são poucos os que se não prevertem, são raros os que não perdem o caracter, e rarissimos os que conseguem sahir d'esse tenebroso mar sem maculas dos cachopos onde batem, mar onde nunca ha bonança, onde as aguas nunca são cristalinas. Meus caros amigos, a politica é como a praga dos gafanhotos que destroem as searas do pão. Enfraquece os homens, como o escalracho enfraquece os arbustos e os mata, por mais viçosos que sejam os rebentos, em terras fortes. A politica tem garras que fazem feridas nos homens e no paiz, que não ha unguento que as sare...

— Homem, você socegue; se assim é, o Chagas, ao menos, para os amigos, sempre ha-de encolher as unhas.

— Maldita politica, que acabaste com as nossas deliciosas cavaqueiras!

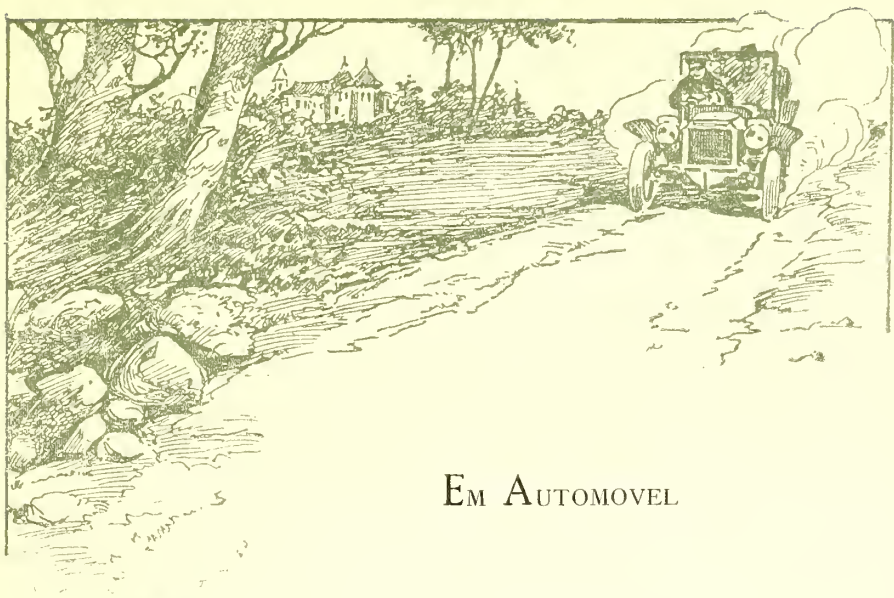
E continuou, cheio de rhetorica sentimental:

— Oh Patria, Patria, mãe de mães, tu, que tão carinhosa tens sido para com teus filhos, pede-lhes,

com a tua doce expressão, illuminada pelo teu brilhante sol, que se entreguem só a ti, que bem precisas dos seus affagos; pede-lhes, sim, a recompensa do muito que lhes tens dado!

Quando concluiu a *tirada* declamatoria, voltou-se para um dos *habitués*, que mais sabia ouvir, do que bem fallar:

— Que diz você, que não via em João Chagas mais do que um homem de lettras, um artista?

— Inda persisto na minha...

Em Automovel

Ao meio dia, embarcavamos, eu e um amigo, no Caes do Sodré.

O *landaulet* entra facilmente para a coberta do vapor, que faz a travessia entre Lisboa e Cacilhas, de meia em meia hora.

Dia de Reis, festivo, lindo creador!

O barco larga da ponte, numa trepidação agradavel, corta as aguas, aproando ao pontal da outra banda.

Gaivotas abanam-se com seus leques de pennas brancas, ou estendem as guias nos vôos largos. Pairam umas, outras embicam á babugem da pescaria incauta, outras, ainda, descançam da faina no balançar suave das gordas ondulações do Tejo, que, áquella hora, rebrilha, como cristal liquido num tanque immenso.

Da curta viagem atraca o *Lisbonense*, e, após o desembarque dos passageiros, o *landaulet* subiu a prancha e seguiu num andamento modesto, emquanto cobriamos os joelhos e se marcava a hora — doze e vinte minutos.

— Extraordinario dia! Glorioso dia! exclamámos. Eu, não sei com que expressão; a do meu amigo era radiante.

— Dias como este — proseguiu elle — nunca os vi, nem na Europa nem na America!

Não se imagine que a apreciação é d'um portuguez.

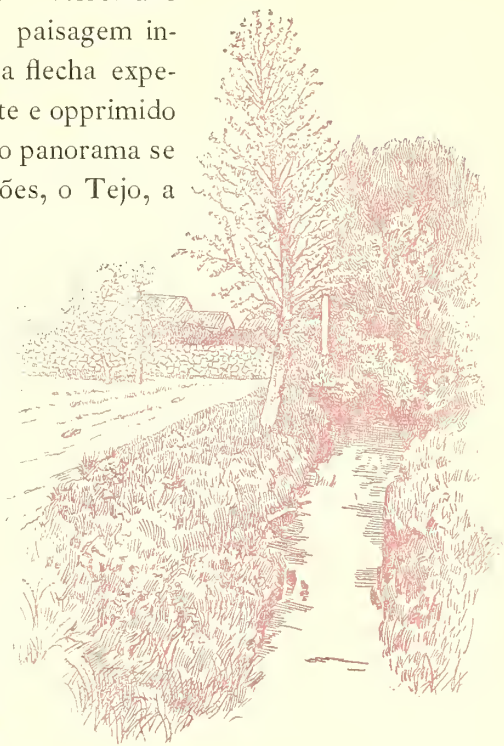
A pouco e pouco, a marcha do vehiculo augmenta.

Passada a Cova da Piedade, a paisagem attrahe, exuberante de viço e de frescura.

A estrada, como faixa de linho crú, serpenteia pelo meio de perfis que projectam sombras caprichosas. Por toda a parte, sob o azul immaculado e luminoso do ceu, matizes de harmoniosidade tenue, sem perderem a intensidade dos seus grandes valores. De um lado, serras alcantiladas, gigantescas e avermelhadas saibreiras, sulcadas d'alto a baixo; do outro, terras quentes, verduras baixas. Oliveiras de um verde acinzentado, em disposição casual, descem as collinas, e, nos promontorios, perto como longe, erguem-se pinheiros, perfilados como columnas de exercito.

Esta symphonia de cambiantes, luz e sombras dá refracções opalinas, como seda furta-côres.

Mas logo outros aspectos surprehendem, tão rapidamente, como rapida é a velocidade do transporte, furando a paisagem intima com a rapidez de uma flecha expedida pela expansão de forte e opprimido arco, emquanto, ao longe, o panorama se deixa admirar sem turbações, o Tejo, a alvejante casaria de Lisboa, aldeias e logarejos, isolados ou reproduzindo-se nos espelhados braços do rio, que entram no Seixal, na Arrentella, povoações mais abundantemente banhadas, quando nas aguas vivas.

Depois, nas planicies, vastos pinheiraes, dando arrendadas sombras, derramando pura seiva, ou choupos altos, ladeando rectos kilometros de planos e suaves caminhos, cuja perspectiva parece observar-se atravez d'um cano de espingarda, e que o automovel transpõe como uma bala, para caminhar mais veloz, em campo aberto.

A vista percorre os campos; não ha terras maninhas; tudo arroteado. Raro vêr selvas bravias, raro as que ficam de pousio, raro o arbusto maninho; tudo cresce e se avantaja.

Com suas casitas brancas, dominadas por campanarios brancos, lá se vêem a Aldeia de Paio Pires, Coina, Corroios e outros grupos de albergues ruraes, cercados de arvoredo e palissadas, tal qual repregos scenographicos.

Seis de janeiro, e já, nos prados, precoces florinhas amarellam e branqueiam, como prenuncio de primavera! O ambiente ri, com um riso que convida a viver risonhamente.

E serem tão poucos — digamol-o — os lisboetas que conhecem e gozam os variados aspectos d'esta estranha e empolgante paisagem, a pouca distancia da capital!

— O' alfacinhas, isto de *fazer a Avenida* periodica e obrigatoriamente, numa atmosphera poeirenta, exhalando aromas de excremento de bestas e de censura pegada, é asneira, faz mau sangue, irrita o espirito e enruga a testa. Vós, que tendes magnificos meios de transporte, tirados por soberbos cavallos e possantes motores, largae o *picadeiro* e vinde vêr a natureza purificadora e bem criada, pois, ahi, até a passarada vos desconsidera...

Nestas considerações nos levava o automovel in-

truso, producto moço do engenho humano, e se internava, pesquizando o que o mundo tem de mais velho, com roncos d'um som inarticulavel com a sua mocidade, prevendo e prevenindo, arrogantemente, numa curva, algum viandante serrano, alheio ao progresso e despreoccupado.

O meu companheiro mandou parar. Estavamos em Azeitão.

Subimos alguns degraus, que dizem para o terreiro do velho palacio dos duques de Aveiro, com seu pelourinho.

Uma hora de historia, de profundas recordações! Foi aqui preso, numa negra noite de novembro, D. José Mascarenhas, oitavo duque de Aveiro,

decapitado no caes de Belem, no janeiro seguinte de 1759, como se sabe.

Lá está na fachada principal do palacio, sobre a janella predominante e central, arrasado, o escudo da nobre familia, que tinha o direito de nomear, senhores de baraço e cutello, e que, por implicada no attentado contra a vida de D. José I, Pombal tentou exterminar.

Na sala de baile e no guarnecimento de interessantes azulejos, talvez dos fins do seculo XVI, ha, num dos vãos, entre duas janellas, a falta de nove azulejos, que completavam a parte central da composição, onde presumo estaria, antes do sinistro espectaculo de Belem, o escudo a que alludi.

A caracteristica vivenda, que tem passado por differentes vicissitudes, pertence actualmente ao sr. Oliveira Boal, cujos filhos nos receberam com amabilidade e nos mostraram os azulejos d'aquella e das mais salas do historico palacio.

D'aqui mais uma vez os cumprimento, muito agradecido.

Nessa Cintra do Alemtejo, como lhe tenho ouvido chamar, com acerto, está a decrepita Bacalhôa, antigo e solarengo retiro dos Condes de Mesquitella, hoje vasio d'almas, mas ainda cheio de arte.

A este museu ceramico de azulejos e esculptu-

ras, ao palacio do sr. Boal, á artistica vivenda que habitou o grande homem de sciencia, Manuel Bento de Sousa, conservada por seu filho, o dr. Antonio Formigal de Sousa, e cujos azulejos que decoram as salas são notaveis; á casa de Calhariz, e outras mais, perimetro que comprehende a Villa Fresca e a Villa Nogueira, para onde, outr'ora, nobres de Portugal iam abrigar-se e descançar, fugidos aos calores da capital e ás cerimonias da côrte, juntem-se extensas e bem amanhadas terras, arvores de fructos finos, arvoredos sombraes de grandiosa ramaria, e veja-se quanto é aprazivel a extremenha e dominadora Azeitão.

De novo nos installámos na commoda *carrosserie,* subindo a manta sobre os joelhos. A' cautella, concheguei o chapeu, e, emquanto o meu amigo praticava os mesmos cuidados, o pelludo *chauffeur* punha em andamento o automovel, com tres roncos de corneta, para afastar do trilho uma *pennosa*, amarella e estupida.

Proseguimos, cortando o ar, ao mesmo tempo que a paisagem corria para nós, com reciproca ancia.

De Azeitão a Setubal, desce-se, mais ou menos. A' mão sinistra, sobre a montanha, a capellinha das Necessidades, branca como veste de noiva, e, num plano mais afastado, sobre o pincaro d'outra

montanha, o Castello de Palmella, ostentando as suas ruinas, envolto numa meia tinta azulada.

D'este ponto, o mais elevado da estrada, vê-se uma vez mais Lisboa, agora coroada pela serra de Cintra, num tom fulvo, que parece vêr-se por transparente gaze d'um azul claro.

A' mão direita, o inconfundivel sello da paisagem portugueza, num que outro cabeço, como cristas brancas, vélas em cruz, gordas de vento, moendo pachorrentamente o pão de cada dia, ao som de harmoniosa e interminavel zoada.

O caminho ajuda; e, tão depressa como o dizer, se transpõe o Valle de Alcube.

Rapido, começam a apparecer vestigios d'agglomeração humana, modestas notas de civilisação: — adultos, creanças, estendaes de roupas variegadas, animaes domesticos á gandaia, que se assustam e balburdam; o gallinaceo, azas abertas, corre indeciso; os *condemnados* grunhem; os cães ladram e levam-se como lebres, á estribeira do automovel; começam a apparecer vendas escancaradas, o bulicio augmenta, veem as ruas, a cidade—Setubal!

Esta é atravessada em solavancos, voltas rapidas, curvas apertadas, que os pneumaticos suavisam, com a sua elasticidade. A corneta ronca com teimosia, a garotada grita, gesticulando, atirando com os *bonnets* e barretes á passagem do vehiculo

e com tal expressão o faz, que deixa em duvida se a manifestação é amiga, se hostil!

O *chauffeur*, sem hesitar, enfia pela estrada que leva a Outão.

Quando nos defrontámos com a magestosa e tranquilla bahia do Sado, que parecia dormitar sob uma cobertura de vidro coalhado, o meu solicito amigo, de pé, braço estendido, indicou meio circulo, com que abrangia todo o scenario, e gritou:

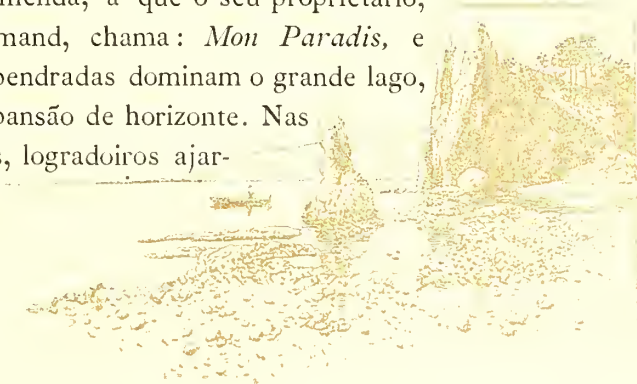
— Qual Nice ou Route da Corniche, qual lago de Como, qual phantasia, qual historia! Isto é uma parte do Paraiso, isto é, simplesmente, a gloria, num clima de 15 graus *em Janeiro!*

E, com duas palmadinhas da sua mão esquerda no meu hombro direito, accrescentou:

— Vocês nem sabem o que teem!

E o incansavel *Brazier*, com força de vinte cavallos e folego de outros tantos gatos, cortava a pittoresca paisagem, pela estrada, a meia encosta, que margina docemente o lindo Sado.

Depois, numa situação invejavel, sobre as aguas, a Casa da Commenda, a que o seu proprietario, o conde de Armand, chama: *Mon Paradis,* e cujas galerias alpendradas dominam o grande lago, numa ampla expansão de horizonte. Nas terras adjacentes, logradoiros ajar-

dinados e um vasto viveiro de palmeiras, verdes, com reflexos frios, azulados.

Após mais algumas curvas pela declividade da estrada, estavamos em Outão, *terminus* da nossa ida.

A volta fez-se d'uma só tirada.

Logo ao primeiro kilometro, cruzámos com um *Peugeot*, cheio de senhoras, e fóra, ao lado do machinista, um senhor. Estavam como numa tribuna, admirando o supresito glorioso que o Creador deixou ás creaturas, com a sua grande obra — Agua, Terra e Luz!

O meu instruido amigo, que rende culto á Arte, que entende de medicina e de mechanica, disse:

— São galantes, o homem é medico, a machina de força superior á do nosso *Brazier* — trinta cavallos. Vieram de Lisboa e voltam para lá, como nós.

— Quanto a ter o motor mais força, pouco importa; se não tem *folego de gatos,* não passa adiante! Estive para responder, o que não fiz por prudencia...

Num estremecimento quasi ligado, os pneumaticos rolavam pelo macadam tão acceleradamente, que davam a illusão de tambores mechanicos a puxarem por larga correia d'anta, a cujas orlas se prendia toda a paisagem proxima.

E assim corriam para a minha observação, invertidamente, os motivos aldeãos e campestres que, pouco antes, se tinham insinuado tão grandemente. Ao fundo, o Tejo e toda a sobranceira casaria, esse vasto burgo, o meu burgo, scintillante de vidrarias, dispunham-se para vir ao nosso encontro, como columna de couraceiros, num sopeado e surdo passo, sobre tapete azulado.

Quando deixavamos Villa Nogueira e desciamos para os brejos de Azeitão, senti que a velocidade do automovel era desusada e que tendia a accelerar-se ainda mais.

Com a expressão d'um fugitivo, o *chauffeur* olhou para traz. De tal maneira me impressionou o seu olhar, que me voltei, cheio de curiosidade. Era o automovel com que haviamos topado á sahida de Outão que nos seguia, e se propunha tomar a dianteira.

Então, nas rectas, nos caminhos planos e pelas descidas, tive a impressão de que o nosso *landaulet* não tocava no solo, voava! Horrorisei-me tre-

mendamente! Lembrei-me de que o travão podia partir-se, os pneumaticos podiam rebentar e, de que, em qualquer d'estes casos nem a alma se me aproveitava, e maldisse o ter-me conciliado com tal meio de transporte! Recordei a minha recusa ao automovel e á companhia de Frederico Bettencourt, quando este amigo, amavelmente, veio a Lisboa, para me levar para Santarem, e eu, por precaução, optei pelo ronceiro mixto das 9 e 20 da manhã.

Aterrorisado por uma sobreroda, que me deslocou desagradavelmente, balbuciei:

— Ai! meu rico Pai do Ceu, Nossa Senhora, valha-me Deus! Jesus, Maria José! E, por achar insufficiente a minha breve e atrapalhada supplica, evoquei o dia um de novembro, com exaggerado requerimento.

Convencido do grande susto em que eu ia suspenso, de repente, com uma cotovellada, o meu amigo berrou:

— Um azulejo naquella parede: 1751, Corroios. Tome nota!

E continuou a troçar de mim com judiarias, concluindo por attribuir o meu receio á minha fraqueza. Que o que eu tinha era fome; e, certo da recusa, passou-me para as mãos o cartucho das *brioches*, inda por encetar, que, com surpresa sua, eu — es-

perando a morte — comi, desde a primeira á ultima!

Quando acabei de devorar os apetitosos e fôfos bolos venezianos, declarei ao meu amigo:

— Isto é de familia. Houve uma senhora da minha gente que, quanto maior era o desgosto, mais a apoquentava a vontade de comer!

O destro *chauffeur* volta-se uma vez mais, procurando vêr atravez da nuvem poeirenta que a vertiginosa carreira do vehiculo levanta, e nada de *Peugeot!*

Momentos depois, o furioso *Brazier* encosta os pneumaticos á cancella do embarcadoiro de Cacilhas.

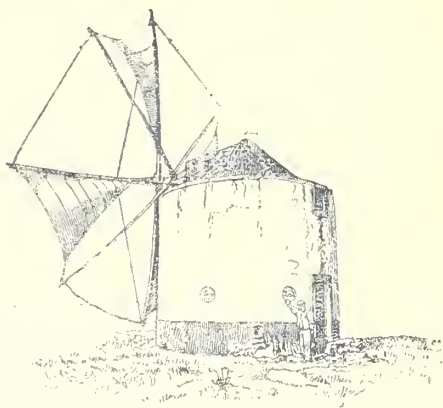
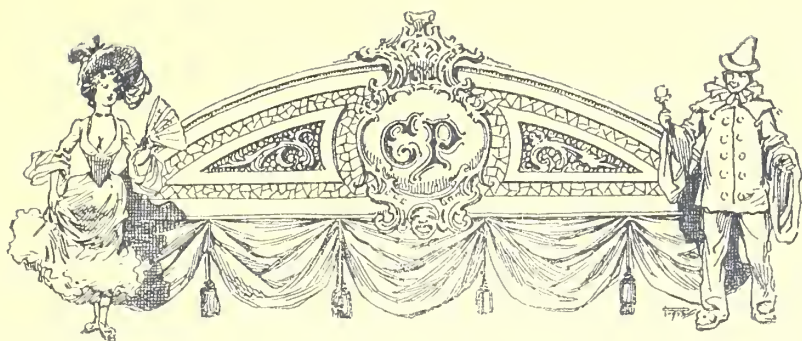
Ao entrarmos no vapor, o radiante sol, o sol portuguez — o *meu sol,* como eu lhe chamo, porque nunca o vi tão resplandecente e meigo fóra de Portugal — descia a beijar o Oceano; e, quando o *Lisbonense* se poz em marcha, atravessando o soberbo Tejo — na imponente Natureza dois quadros surprehendiam, deslumbravam.

A' esquerda, o horizonte, como um diadema de fogo, marcado ao centro por um rubi enorme, sanguineo, de brilhantes e tremulos raios, reproduzia-se em cada ondulação do mar palpitante, numa orgia d'oiro derretido!

A' direita, a lua, palida, contrastava, sahindo va-

garosa das aguas. Parecia uma medalha de prata fôsca com lavores fôscos, desprendendo-se de um comprido fio de perolas, que se balouçava á tona d'agua, descrevendo uma entrecortada recta, do disco até ao costado da embarcação. O espectaculo era tão grandioso, que até os aturdidos fazia exaltar.

Uma passageira, que decerto jantára de *garfo* na Cova da Piedade, dizia para os seus alegrados companheiros, num riso alvar, gargalhado até ás orelhas:

— Isto é *munto* ca...ti...ta!

Na Abertura de um Casino

Abriu, ha dias, nas salas da Empreza Liquidadora, onde, durante alguns annos, se venderam raridades archeologicas e objectos d'arte, o Grande Casino de Paris.

O negocio das *antiguidades* cedeu o logar ao negocio das *modernidades*. As salas modificaram-se, a ornamentação renovou-se, e, de tudo que era velho no espaçoso estabelecimento das onze portas na Avenida da Liberdade, apenas ficou o emprezario, que foi o Liborio de hontem e que é o Liborio de hoje.

Este emprehendedor, que, ha pouco mais de tres mezes, ao dirigir do alto da sua tribuna as vendas em leilão, dava as tres pancadas no *tan-tan* das adjudicações, ordena agora electricamente o principiar de uma *sessão,* com musica, bailes, monologos e cançonetas.

Esses espectaculos, exhibidos por artistas de va-

rias raças, entre os quaes ha mulheres bonitas, frescas e fascinadoras, dão expressivamente conta da vida dos cafés cantantes da capital franceza, onde se vive muito em pouco tempo, com embriagante alegria.

Isto se propôz o Liborio dar-nos em Lisboa, com a nova casa de diversões, que se inaugurou no dia 27, ás 4 horas da tarde, com bello sextetto, chá e uma galante polyglotta, subida no seu *comptoir*, donde domina os homens e onde folheia um romance de Bourget.

Passadas as primeiras, barulhentas, impressões, o escrevinhador d'estas linhas, descança a uma das mesas do restaurante, toma uma chicara de chá com leite, a convite de um amigo, a quem agrada o conjuncto da installação, e, entretanto, divide toda a attenção pela lucida critica do amavel companheiro e pela parte decorativa que embelleza o recinto.

Tudo simples, de uma tonalidade clara e agradavel. Espelhos em profusão, com ornatos de cristal pendentes da parte superior, e cujas borlas e pingentes são outros tantos fócos electricos, que as reproductoras chapas multiplicam.

O palco, pelo qual o Liborio promette fazer passar todas as celebridade cantantes, dançantes e papagueantes, das quaes já estão contractadas: La

Bella Juanita, Las Pastor's, La Camargo e Nadege, é fechado por um farto cortinado de velludo vermelho, emmoldurado por uma elegante decoração de relevados ornatos e mascaras, a branco e oiro.

Nesta altura da nossa observação, perguntei ao amavel companheiro:

— Não acha que, do mesmo modo que está decorado o proscenio, devia estar toda a sala?

E, ainda para me fazer comprehender melhor, chamei egualmente a sua attenção para o bem que fazem os simples lavores dos capiteis, nalgumas das columnas que sustentam as grandes esteiras do tecto.

— Certamente, respondeu o amphytrião. Um friso junto á sanca, um simples alisar e a substi-

tuição do papel que forra as paredes por ligeiras pinturas em meias tintas ficaria melhor; não ha duvida.

E, proseguindo:

— Deixe-me dizer-lhe, meu amigo, o que está feito não é desagradavel, e, servindo-me da phrase que usamos na provincia: «está muito asseado!» Ainda assim — se o negocio pegar — o Liborio tem ideia de enriquecer a decoração.

— Saiba que estou com vontade de jantar cá e de ficar para a noite. Desejo vêr a illuminação, que deve fazer bom effeito, e o espectaculo. Dizem-me que o Marques do Chiado, que é quem fornece o bufete, tem vontade de servir bem; vamos vêr o *menú*.

— O *menú* e a polaca.

— Qual polaca?

— A polyglota.

— E' interessante.

— Tem o porte de uma estatua classica, apesar de a figura ser *mignonne*.

— Costas direitas, perfil impeccavel, peito firme e proporcionado.

— Veja, no espelho a que está encostada, a voluptuosa nuca.

— Sabe *posar*!

— Ella vende livros?

— Não; lê Bourget, quando não quer vêr os admiradores...

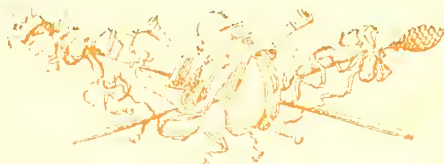
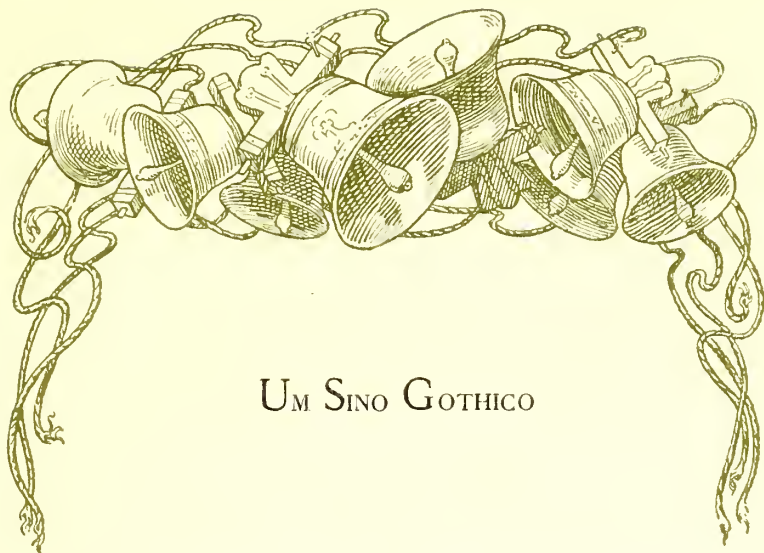
— Começou a lêr...

— Vamos jantar!...

Emquanto procuravamos mesa d'onde dominassemos todo o movimento do restaurante, interroguei o meu viajado amigo:

— Lá por fóra, estas *polyglottas* devem ser muito caras...

— Conforme. Isso depende menos do dinheiro do que da edade dos homens que as pretendem. Alphonse Karr disse, parodiando a phrase evangelica: «Aos pobres de dinheiro, pertencem os reinos do amor...»

Outubro 1905

Um Sino Gothico

Um dia de outomno, depois de as primeiras aguas haverem limpado a paisagem e feito brotar flores; uma ermida caiada, reverbante de sol, com seu luzidio registo de azulejos, recortando-se na atmosphera intensa de anil; Bellasdonas, como lirios arroxados; os vermelhos Casadinhos; os brancos Junquilhos; as Maravilhas-do-meu-velho; as Cantarinas, amarellas como oiro; as Despedidas-de-verão, que apparecem a agradecer as primeiras gotas dos brandos chuveiros, tepidos pelo estio que abalou; um sino, badalando no respectivo campanario; foguetes, chamando, com seu estalar sêcco, á festa rija — são, em conjuncto, elementos de alegria, que só a villa portugueza póde offerecer. Sem o sino, todo o colorido arraial perderia metade do seu valor. «Festa sem sinos, em Por-

tugal, não é festa». Assim o ouvi dizer a um portuguez illustre.

Ninguem para tocar sinos, como os portuguezes; ninguem para os comprehender, como nós, portuguezes. Creio, mesmo, que jámais houve paiz que gastasse tanto dinheiro em sinos, como Portugal, nem monarcha algum, como D. João V, que tanto dispendesse em adquirir sinos, chegando a mercar dois carrilhões para o mosteiro de Mafra, por não achar bastante um só.

Haverá algum luzitano, que não tenha ligado ás recordações da mocidade certo repicar de sinos do bairro onde passou os verdes annos? A mim, não me esqueceram ainda os da torre de S. José, em que o sineiro exhibia, entre as modinhas do seu reportorio, a *Maria Cachucha!*

Que contraste, o dos sinos, segundo a hora em que se fazem ouvir! Nada de mais risonho que as torres parochiaes de Lisboa, avisando a população de que o dia é commemorativamente festival, nem de mais profundamente pavoroso que o toque a rebate, depois de o sino haver indicado o local d'um grande incendio, em noite negra e desabrida!

Nada, como os sinos, para traduzir os dois aspectos fundamentaes da humanidade — a vida e a morte.

Ha, porventura, no dia, momento mais respei-

toso, mais cheio de poesia, que aquelle em que Millet se inspirou para pintar a sua obra-prima, *L'Angelus,* hora da Annunciação, hora da *Ave Maria?*

Essa hora, que, mal o disco transpõe o horizonte, é recordada aos portuguezes por tres badaladas que os sinos tangem, e cujas harmonias, pouco a pouco, se vão extinguindo no caminho do sol, é a hora em que acaba a labutação dos campos e a luz solar, é a hora que annuncia a vinda do Senhor.

O sino gothico não tocava, não dizia nada, e creio que haveria muitos annos que o não faziam soar tristezas nem regosijos. Absolutamente discreto, em attitude de gymnasta, fazendo o *christo.*

Ha doze annos, quando olhei para a torre do extincto mosteiro de S. Bento, a dois kilometros de Evora, vi um sino, que, apesar de ser do feitio dos outros sinos, fez-me bater o coração!

Não foi sem custo que consegui approximar-me d'elle. Então, fiquei maravilhado: era um sino gothico, de bello e delicado lavor, que a distancia a que o havia visto não deixava apreciar.

Que larga historia esse formado bronze não nos poderia contar! Quasi *cinco seculos* estavam ali representados, como o attestava a data, nitidamente relevada! Toquei-lhe levemente, com o lapis com que copiava a era, que marca o ultimo periodo da

interessantissima e religiosa arte gothica. Respondeu-me baixinho, prolongadamente, como se repercutisse um côro beatifico de monjas, arrecadado por muitos annos:

— Ainda aqui estou, porque sou pesado e vivo fóra da facil acção dos vandalos...

Eis os dois desenhos que tirei:

Mais haveria que estudar, se não tivesse sido surprehendido e não temesse chamar a attenção para tão extraordinaria reliquia. Desci, com ideia de voltar, o que não pude fazer até hoje.

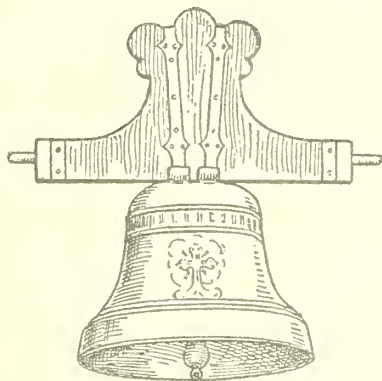
O mosteiro de S. Bento, de freiras de S. Bernardo, foi fundado em 1196, e deve ter sido terminado no tempo de D. João II, epoca posterior á fundição do sino — o mais bello que tenho visto.

Embora da fabrica não restem vestigios gothicos que se imponham a uma rapida visita, é de crêr que

existam, tanto d'este, como do periodo romanico, em que o convento foi fundado.

Recommendo a algum curioso, que viva mais perto do mosteiro de S. Bento, este exemplar, que é digno de ser estudado em todos os seus pormenores—não vá o diabo derretêl-o, ou *cosa por el estilo*.

Por conseguinte, peço, a quem mais directamente competir, vigilancia sobre este documento, que representa um valor, muito mais alto para a historia da arte, que para reduzir a moeda corrente. E' tempo de acabar com o habitual desleixo. Os que nos succederem, têem o direito de vêr dentro do seu proprio paiz alguma coisa de bello e de estimavel do que possuimos.

Perto do sino, objecto d'esta descripção, ha ainda um outro, datado de 1753.

Amor?...

A’ mesa do restaurante, mais do que comiam, como pombo e pomba arrulhavam. Elle, um ingenuo portuguez; ella, uma formosa andaluza; elle, dominado; ella, dominadora.

Cabellos negros, olhos negros, cercados de pestanas e sobrancelhas negras. Uma leve e assetinada pennugem avelluda-lhe a tez morena: um completo tição d’amor escaldante. Feições soffregas, expressão insaciavel.

Os dedos das suas delicadas mãos pareciam fusos para torcer homens.

O seu fallar harmonioso dizia: — Assim melopeiam canticos os anjos nas regiões celestiaes.

Tinha tregeitos qne enredavam, e, com o arfar do peito, levemente encoberto, quasi deixava sem respiração o moço, cheio de mollura.

Porquê? Porque era que a *muchacha* enlaçava com tanto ardor e seducção esse portuguez, que não era — para que digamos — nem um bello moço, nem um homem forte?

Como se explica tanta volupia, tão cerrado cêrco, a um dengoso sem attractivos, sem fogo, emquanto ella recordava a lenda do sugante vampiro?

Quando — ao fim d'essa refeição, composta de vida e de fraqueza, ou, talvez, melhor: de fome e pouca vontade de comer — o fraco mancebo surgia do torpôr em que jazia, bateu palmadas, pediu a conta, e, nesse momento, no dedo minimo da sua mão esquerda, scintillou um diamante, de fina agua...

ARTE
APPLICADA

No livro «Ceramica Portugueza», ha pouco publicado, commetti uma falta que, apesar de não ser importante, carece de explicação.

Na segunda chamada da pagina 65, quando tratei da Real Fabrica do Rato, prometti fallar, na parte III, dos azulejos da quinta acima referida — o que, por esquecimento, não cumpri.

Era meu proposito pagar a divida num additamento áquella obra. Reflectindo, porém, resolvi satisfazer desde já o compromisso, liquidando com os leitores da «Ceramica Portugueza» a alludida falta.

O que então tencionava dizer, era um resumo do que hoje escrevo sobre a quasi desconhecida, mas importantissima, obra de azulejos, que, com toda a sua sumptuosidade, vive recatada, sem fingida modestia, dentro de muros, no Paço do Lumiar.

*

* *

As creaturas que se dedicam ao estudo da arte, em qualquer das suas expressões, têem momentos de goso, que fortemente compensam do trabalho mental gasto em comprehendel-a!

Estar, pois, em contacto com uma obra de arte, tanto monta familiarisar-se com os segredos das mais delicadas manifestações de espiritos superiores. E' viver remunerado superiormente!

Sem me dar a pretenção de estar absolutamente identificado com todos os ramos da arte, é certo que não me são extranhos, pois que em volta d'elles tenho vivido, e quasi exclusivamente a elles tenho dedicado o melhor quinhão da minha actividade. Por isso, como humilde perscrutador das obras de arte, da mais elevada á mais subalterna, tenho experimentado a sublime sensação de as comprehender.

Antes de descrever os azulejos do jardim d'essa quinta, é necessario dizer como fui alli parar:

Ha tempo — tres annos talvez — batia eu á porta do sr. Visconde de Castilho, para que me ensinasse o caminho mais direito que me levasse ao fim de uma das minhas pesquizas sobre a velha Lisboa.

A porta abriu-se, e tudo me foi explicado, com

aquelle interesse e sinceridade com que os grandes sabedores elucidam quem de facto deseja e precisa saber.

Depois de uma larga conversação, sempre interessante, pela parte do erudito portuguez — um dos maiores patriotas que me tem sido honra conhecer — sahimos em direcção ao Paço do Lumiar, que dista da casa do auctor da *Lisboa antiga* um kilometro, approximadamente.

Pelo caminho, o Visconde de Castilho explicou as festas a que tinha assistido na sua vizinha *Quinta dos Azulejos,* referiu-se á amabilidade dos donos da casa, e alludiu com enthusiasmo aos azulejos do jardim.

Momentos depois, estavamos em presença do mais extraordinario conjuncto de arte decorativa, e eu experimentava a mais bella impressão que póde offerecer a polychromia esmaltada da faiança presa ornamental!

Durante algum tempo, não pude articular uma palavra! Deparava-se-me, realmente, todo o scenario que d'antemão havia phantasiado, e corria em todas as direcções, na possibilidade de encontrar um só ponto d'onde se divisasse, em conjuncto, o esplendoroso effeito. O meu introductor, e a gentil Senhora a quem havia sido apresentado, seguiam-me, para me dizerem alguma coisa.

Cansado, como acontece sempre a quem muito quer vêr em pouco tempo, esfreguei os olhos, para recomeçar exame meticuloso, quando ouvi á possuidora de toda aquella maravilha:

— São hollandezes.

Contestei, reverentemente:

— São portuguezes, minha senhora [1].

Por que phases terá passado a minha imaginação para, como alem disse, poder antever obras de arte que jámais havia admirado?

O silencio, devido á lucta com o meu espirito, no primeiro quarto de hora na *Quinta dos Azulejos*, não foi motivado por estranhar o espectaculo a que me vou referir; teve, pelo contrario, como causa o não me parecer aquella a primeira visão!

---

[1] Azulejos hollandezes, em Portugal, só se encontram com relativa facilidade os de motivo isolado — em cada azulejo um assumpto. Dos de larga composição, cujos assumptos abrangem porção maior ou menor de azulejos, só tenho como indiscutivelmente hollandezes os que forram a parte inferior das paredes da egreja do convento dos Cardaes de Jesus, em Lisboa. Estes, não só estão authenticados na faixa, junto ao pavimento, do lado da Epistola, com a assignatura (até agora inedita), tal como vae reproduzida, como differem absolutamente dos das nossas fabricas, pelo caracter e pela maneira de compôr e de pintar.

J; Van; Oort:
H. Amsr: fecit:

G. 1—Galeria d'entrada.

Por que poder suggestivo me não surprehendeu tão grandioso espectaculo? Não communicarão os homens que rendem culto á arte com espiritos sobrenaturaes, hariolos, adivinhões, para presentirem o que d'elles vive occulto? Não o sei, nem me pertence a mim estudar a psychologia de taes phenomenos. O que é certo, é que não foi a primeira vez que tal me succedeu!

Noutros pontos, fóra da minha terra, por onde jámais havia passado, em frente de obras de arte com que jámais havia communicado, ellas não me fallaram com intimidade. Este phenomeno é semelhante ao que se dá com as creaturas. Quantas vezes as não presentimos atravez de muralhas, para, momentos depois, depararmos com a realisação d'esses presentimentos? Não se chamará a isto adivinhar?

Quantas occasiões abordámos artistas pela primeira vez, para nos separarmos d'elles como velhos amigos! E' que a arte une os seu devotos, faz com que elles se cordealisem e vivam com tal intensidade, que poucos momentos bastam para lhes dar a noção de uma longa vida, d'uma intima convivencia!

«A arte é dos artistas» — palavras d'um devoto das minhas relações!

Mais tranquillo, passada essa primeira agitação, que não é facil dominar, perguntei a mim mesmo:

— Quem seria o feliz mortal, de tão fino gosto, que ha mais de cem annos mandou edificar este Eden?

Nestas conjecturas me demorei. E, então, vi o desfilar do periodo aureo do reinado de D. José I! Entre todas as figuras gradas e tafues, a que mais se salientava era a do Marquez de Pombal. Decerto elle teria ido alli rever-se no resultado da sua iniciativa, pois, como é sabido, foi o grande estadista quem, no meado do seculo XVIII, fez reviver entre nós, com melhoramentos importantes, a ceramica. A breve trecho, tão feliz como os que haviam desfructado a festa inaugural — talvez — estava eu agora; e, identificado com o meio, julguei-me transportado áquella epoca, e todo o deslumbramento me pertencia, era meu e só para mim, para me distrahir da lucta continua em que me encontro desde que desperto, logo de manhã, — a mór parte das vezes, sem que o somno terminado tenha reparado, sequer, as menores contrariedades do dia anterior, — para me separar do mundo banal e mesquinho, para me fazer esquecer tudo e viver algumas horas em absolutas cogitações, em que o meu semelhante de hoje desapparece, para só vêr o que os homens de outras eras genialmente produziram!

Nesta febre de ideias, vi toda a elaboração da tarefa: O projecto, a largos traços, em grandes folhas

de papel, e toda a actividade de um homem que manda, e de muitos outros que lhe obedecem. Alvaneos construem o casco architectonico, que, pouco a pouco, cresce sobre os alicerces; a pedra, o tijolo, o aviamento, tudo se me representa num bulicio em que a ausencia absoluta de rumor contrasta com a nitidez dos movimentos, como se a minha observação se verificasse atravez de uma espessa muralha de limpido cristal.

Ao mesmo tempo, todo o afan d'uma duzia de homens que, dentro de muros, debaixo de telheiros, manipulam o barro, dosejam-n'o, apuram-n'o, calcam-n'o, e cortam-n'o por uma bitola; da mesma espessura, os quadrados succedem-se, estendidos em camadas sobrepostas, como pequenas pedras de crescidos castellos. E assim se conservam durante alguns dias debaixo de telha, pois que a enxuga é feita á sombra.

Sêcca a pasta, e mettida no fôrno, a tomar a primeira cozedura, está completada a parte mais rude da manufactura do azulejo.

Depois, os quadrados são banhados no esmalte, de modo que este lhes não cubra mais do que a face destinada á pintura; e, das mãos do artifice, passa ás mãos do artista.

Vimos, então, collocar unidamente os ladrilhos sobre pranchetas, conforme o tamanho do trecho a

decorar,— segunda e difficil phase por que passa o azulejo, a pintura sobre o esmalte em crú.

E' como que aguarellar sobre uma camada de farinha humida, camada que se desaggrega, ao ser tocada pelo pincel, quando o seu manejador não é habil e expedito.

Finda a pintura, os azulejos são collocados mais uma vez no fôrno, e submettidos a elevada temperatura; e eis o grande elemento a collaborar com o pintor que, ancioso, espera o imprevisto resultado de toda a larga trabalheira, que, *quando o fogo não quer,* é totalmente perdida!

A phantasia não me deixa reflectir por muito tempo no mesmo ponto! Agora, já estou vendo os azulejos apparecendo nos seus definitivos logares, perfeitamente coloridos, brilhantes e frescos, como espelhos orvalhados. E, ao mesmo tempo, um homem alto, sêcco, typo accentuado d'um portuguez de fina raça, diligente, o mesmo que me tinha apparecido a iniciar a tarefa, com o projecto de tão interessante obra, dirige a sua conclusão, que, ao terminar, me parece posta de um jacto nesse encantador recinto!

Subito, como numa transformação theatral, vi todo o festim da inauguração: Donas e casquilhas, senhores e arrebicados alfenins. Umas e outros, com ademanes galantes, cortejavam-se, num marulhar

de quentes attractivos, como a preparar um abraço ao jogo da cabra-cega, ou no confuso e estreito caminho d'um labyrintho; e, se não dançavam o *lun-dum* em moda, quebrando-se lascivamente, se as damas não tufavam as saias com os delicados dedos, e em graciosas mesuras, partindo a cinta, não cadenciavam um minuete, ao som da gemedora espineta, era porque o não permittiam a pragmatica e o logar. Mas pautavam os passos, deixando nas restrictas pégadas signaes dos talões doirados, e promettendo nos languidos olhares perfumadas gentilezas.

Essas encantadoras e artisticas mulheres do seculo XVIII estavam alli chamando a attenção com provocadoras verdades e fingidos pigarros, atravez de lenços, por cujas rendas deixavam vêr os labios, pedindo amor, espargindo aromatica seducção!

Liberto d'essa abstracção sonhadora, em que a imaginação admira e os olhos cegam, passei á realidade, em que os olhos vêem e a imaginação descança.

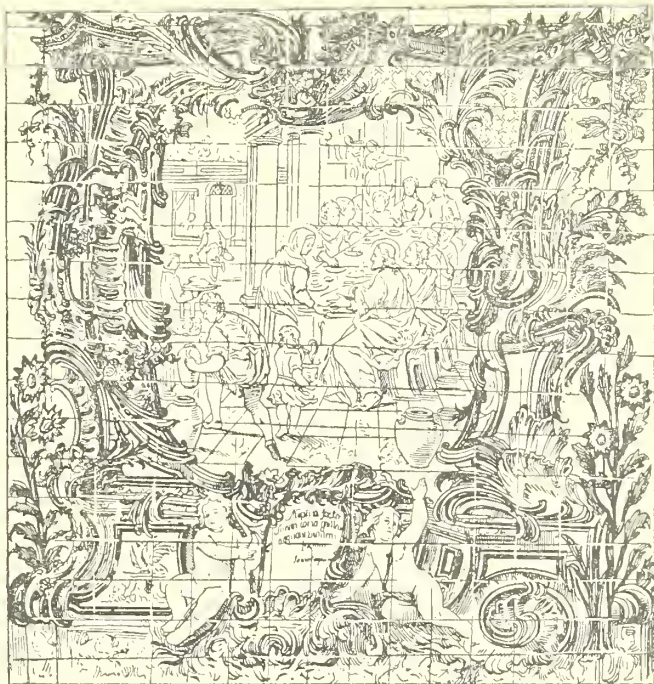
Reconduzido á fachada da casa, vi que ella não prepara para o que se passa no jardim, entre flores e arbustos, sob altaneiras e copadas arvores, que põem sombras desordenadas nos multiplos planos da architectura.

Nada de vetusto, nem um só pequeno elemento

decorativo da suggestiva e delicada arte do seculo XVIII a denunciar o que vae pelo jardim!

Interessa transcrever aqui a obsequiosa noticia, junta a uma amavel carta, que nos dirigiu o sr. Visconde de Castilho, dias depois da nossa visita ao Paço do Lumiar:

G. 2 — Bodas de Canná.

«A quinta dos Azulejos, cujos titulos primitivos não existem, parece ter sido fundada na primeira metade do seculo XVIII por um Antonio Collaço Torres, ourives em Lisboa, nascido nos primeiros annos d'esse seculo na freguezia de S. Julião, e, antes do terremoto, morador na rua Nova dos Ferros, filho de Luiz Collaço da Cruz, ourives, e de Caterina Josepha de Torres, ambos de S. Julião; neto paterno de Domingos Collaço, ourives, de S. Lourenço de

Carnide, e de Maria da Cruz, da Conceição de Lisboa; neto materno de Manuel Jorge, de Vianna do Alemtejo, e de Maria do Espirito Santo, da Sé de Lisboa.

Em 1753, com o fundamento de ter agenciado enxoval, ou joias, para a Rainha D. Maria Anna Victoria, foi Antonio Collaço Torres agraciado com o grau de Cavalleiro na Ordem de Christo.

A sua quinta do Paço do Lumiar, denominada *dos Azulejos*, por causa dos lindissimos e deslumbrantes azulejos, uns da celebre fabrica do Rato, outros de pincel estrangeiro, mas todos de primeira ordem, era muito fallada e apreciada; muita gente a ia visitar, inclusivamente as Pessoas Reaes. Em 3 de Novembro de 1753, ahi foram el-Rei D. José e a Rainha D. Maria Anna, segundo se lia n'um padrão de azulejo que o dono mandou collocar na frontaria. O azulejo dizia assim:

S. MAG.DES FIDELISSIMAS
FELIZMENTE REINANTES

O S. D. JOZE 1º E A R.A N. S.

FIZERÃO A ESTA CASA A SUBLIME M.CE DE
SE SERVIREM D'ELLA EM 3 DE NOVEMBRO
DE 1753 E LHE REPETIRÃO A MESMA
HONRA COM TODA A FAMILIA REAL

V. R. T.

O AGRADECIMENTO DO SEU OBRIGADIS-
SIMO E HUMILISSIMO CREADO ANTO-
NIO COLASSO TORRES P.A SE ESTABELE
CER NA DURAÇÃO DO MARMORE
FEZ GRAVAR ESTA ME-
MORIA EM 1760

Parece ter sido filho de Antonio Collaço Torres um Antonio Collaço da Silva, droguista no largo de S. Julião; era esse, nos principios do seculo XIX, o proprietario e morador da quinta. Tinha de sua mulher dois filhos, nascidos nos ultimos annos do seculo anterior: Maria Amalia Collaço da Silva e João Antonio Collaço da Silva.

Em 1805, adoecendo gravissimamente o pequenino de cinco annos Antonio Feliciano de Castilho, em consequencia de uma queda, sua mãe levou-o a passar umas semanas de convalescença na Quinta dos Azulejos, com cujos donos mantinha estreitas relações de amizade, e tão estreitas, que por gracejo se tratavam por primos.

Toda essa villeggiatura infantil do moço Castilho vem primorosamente narrada no seu livro *A chave do enigma.*

Hoje, a *quinta* é apenas um vasto jardim; antigamente, communicava com terras adjacentes, onde havia eira, a que se refere o Poeta. Depois de passar, por compra, a varios donos pertence hoje ao sr. Henrique Scholtz.»

(Extratos da obra *Memorias de Castilho,* por Julio de Castilho, tomo I).

A entrada é servida por dois portões, sendo o da esquerda o que conduz ao pateo, d'onde se passa immediatamente ao jardim, por uma pequena porta. Transposta esta passagem, em que se divide ao meio uma estreita rua, o espectador tem, immediatamente, a extranha impressão de estar no Oriente, sob a civilisação europeia do seculo XVIII!

Essa rua *(vide a primeira gravura)* ou galeria, ladeada por columnas, pilastras, bancos e alegre-

tes, é rematada nos topos por cascatas com pequenos tanques de pedra, altos e amisulados, anichados em arcos de volta redonda, cujo perfil de faiança se liga á decoração azulejada até ao ponto mais elevado, terminando por classicos vasos, tambem de faiança.

Exceptuadas as estatuetas, a branco, e as composições de figuras, molduras marmoreadas e allegorias, nas paredes, bancos e canteiros, a tinta azul ou roxa-avinhada — os azulejos são, aqui, do mesmo modo que nas demais ruas que contornam o jardim, rectangular, polychromos.

Nas quatro composições sacras, a azul, no muro da pequena porta por onde entrámos, que, alternam com egual numero de quadros profanos, lêem-se na parte inferior das respectivas molduras as seguintes legendas:

Joannes uiam
Domino preparauit
in eremo Agnum
Dei demonstrauit
et illuminauit men-
tes hominum

*

Premium sal-
tatricis mors est
Prophete.
Amb. lb. 3.

*

Accepit Iesu panes
& cùm gratias
egiſſet diſtribuit
discũbentibus.
Joan. cap. 6.

*

Nuptiæ factæ
sunt in cana galilææ
aaquam vinum
factam.
Joanes, cap. 11.
(Vide g. 2)

*

O lado opposto compõe-se de columnas e bancos isolados e alinhados, até os dois porticos que lhe ficam nos extremos, e que dão passagem a duas ruas, que fazem angulos rectos com a anterior. Estes porticos, solidos e elegantes, têem, sobre os arcos, vasos em gommos, no terço meeiro. As columnas, cujos fustes octogonaes resaltam no terço baixo, com toros, talões e bases da mesma fórma, têem capiteis, com folhagem pintada, e ábacos da ordem corinthia, sobre os quaes poisam vasos com plantas.

Intercalam com estas aprumadas peças os refe-

ridos bancos de assentos e espaldar em semi-circulo, flanqueados por plintos redondos, encimados por vasos. Do estranho effeito d'estes differentes motivos em conjuncto, de que seria difficil dar perfeita impressão sem auxilio da correspondente gravura, passamos á galeria que fica voltada ao nascente, por um dos porticos de que acabei de fallar.

Percorrida até ao meio esta rua, que é, como a anterior, ladeada de identicos motivos, topa-se com o mais rico e sumptuoso conjuncto de azulejos, guarnições de faiança em cheio, peças soltas, figuras, etc., em exhibição architectural. Fica centralmente collocado, em relação á mesma galeria e, por conseguinte, ao meio do jardim, ponto onde se abre uma clareira arredondada, o que dá logar a desfructal-a mais commodamente.

Um grande portico de pilastras e molduras resaltadas, de cêrca de sete metros de altura, envolve uma cascata pedregosa e florida, com seu bojudo tanque; tudo completo e desenvolvido em todos os seus detalhes, proporcionado, e delicadamente decorado.

O fecho do arco tem uma carranca em relevo. Mais acima, lê-se a palavra EUROPA, dentro de um espaço fechado por moldura de fórma oval, com sua allegoria figurada, tendo como remate — na

G. 3 — Hemicyclo.

parte cimeira de todo o intablamento — um busto, tamanho natural, banhado de esmalte lacteo [1].

Ladeiam este grandioso trecho architectural, nas paredes dos canteiros, pouco visiveis, devido ás sardinheiras que as encobrem, allegorias pintadas a azul, denominando-se as scenas, como recordam as designações rotuladas na parte inferior de cada uma das composições *(sic): Cigno, Andromeda, Perseo*, *Pleades, Icoro, Eco, Narcizo, Alfeo, Aretuza, Liandro, Ero, Ariam, Scilla,* e *Procopo.*

Defronta-se com este bello motivo outro, mais bello ainda, que reentra em hemicyclo na parte ajardinada, e cujo singular intablamento dá ideia de uma sanefa com oito regulares bolsos, pendente da continua cimalha que o termina. *(Vide gravura terceira).*

A base, um corrido banco, sustenta a columnata, cujos sete vãos são preenchidos, até meia altura dos fustes, pelos espaldares dos bancos, que têem ao centro, como emblemas, um dragão, ou, em grupo, a massa de Hercules e a pelle do leão, sua victima.

Entre o hemicyclo e o grande portico, sobre o solo, um lago para peixes, com seu repuxo, constituindo todo o espaço um d'esses aprazíveis loga-

---

[1] Os elementos que compõem a cabeça do presente capiulo são tirados do portico em questão.

res, onde, outr'ora, as familias passavam as tardes dos mezes calmosos, onde trocavam ideias, onde se lia e cabeceava ao som do continuo bater da agua caída das cascatas, dos complicados jogos d'agua, do zumbido dos insectos, do susurrar das doces abelhas.

Na rua opposta e parallela á que acabei de citar, a ornamentação é só de um lado, sobre o muro; mas, ainda assim, offerece muito interesse pelo que representam os azulejos, pela fórma irregular dos bancos e canteiros, e das pilastras, sobre as quaes poisam estatuetas com esmalte lacteo.

Os azulejos, alem da figura humana, dos ornatos e das flores, exhibem uma variada collecção zoologica — animaes admiravelmente pintados a tinta avinhada, dentro de molduras polychromas.

Entre a profusa bicharia, notam-se leões, aguias, avestruzes, bufalos, veados, corças, cabras montezes, grandes e pequenos macacos, pêgas, pavões, patos, papagaios, e ainda alguns mais de que não conheço os nomes.

Remata esta rua um portico semelhante aos dois da galeria que primeiramente esbocei, e, passado elle, continuam os azulejos revestindo a parede até uma pequena porta cortada no muro, que dá para a estreita azinhaga da Fonte Velha.

Ha ainda, noutros pontos, azulejos, onde se vêem

pintadas figuras orientaes, que a fabrica do Rato tanto usou nas suas decorações.

Resumindo, direi que tudo é bom: azulejo, peças relevadas, de applicação e soltas. Conservação, em geral, muito satisfatoria. Desenho largo, caracteristico e correcto. Tintas frescas, vigorosas e transparentes: azul, verde, côr de vinho, amarello claro, e amarello quente. Esmalte brilhante e bem distribuido. Caracter da factura da Real Fabrica do Rato — 1770 a 1780 [1].

Os quadros representam assumptos sacros, scenas ruraes e de interior, marinhas, galanteios, differindo os pintados a tinta côr de vinho dos pintados a tinta azul, que evidentemente não são do mesmo pincel, sendo a maior parte d'elles copias de gravuras, que, pelos trajos das figuras e alguns accessorios, reproduzem typos e coisas do Norte, razão talvez, por que lhes chamam azulejos hollandezes.

*
* *

Visto tratar-se da Real Fabrica do Rato, aproveito o ensejo para completar o estudo sobre o Dr.

---

[1] Nalguns pontos, encontram-se, pintados sómente a azul, azulejos anteriores vinte annos, pelo menos, aos que estão dentro das referidas datas.

Joaquim Rodrigues Milagres, que esbocei na *Ceramica Portugueza,* com dois documentos interessantes, de que só tive noticia depois de aquelle meu trabalho estar publicado, e que veem augmentar os subsidios para a historia da ceramica em Portugal.

O primeiro é um trecho de um artigo que o incansavel escriptor e erudito archeologo, o sr. Dr. Sousa Viterbo, escreveu no *Diario de Noticias* de 3 de fevereiro de 1899, sob o titulo *Ceramica Portugueza,* a proposito de um valioso documento publicado e annotado pelo sr. D. José Pessanha, sobre aquella fabrica, trecho em que o tenaz investigador dá conta da naturalidade e filiação do Dr. Milagres.

O segundo, que me foi indicado pelo esclarecido bibliophilo, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, é uma representação dirigida a D. João VI, em 10 de setembro de 1817, pela Direcção da Real Fabrica das Sedas e Obras de Aguas Livres, que vem publicada a pag. 386 da *Memoria sobre chafarizes*, de Velloso d'Andrade (Lisboa, 1851), e pela qual se prova que o Dr. Milagres dirigiu a fabrica de louça do Rato, e que d'aqui sahiram productos ceramicos de seu invento, o que era duvidoso.

Seguem os documentos:

«Quem era o doutor Milagres? Eis o que pudémos averiguar.

A' primeira vista suppozemos que elle seria, como José Bonifacio, algum naturalista, formado em philosophia, mas os documentos vieram-nos provar que a hypothese era infundada.

Joaquim Rodrigues Milagres tinha-se formado em Canones na Universidade de Coimbra, pouco anteriormente a 1787, pois nesse anno habilitava-se elle para fazer leitura na Mesa do Desembargo do Paço, a fim de seguir a carreira judicial. Pelos papeis de habilitação se vê que elle, a esse tempo, morava defronte da Moeda.

«Era natural de Villa Rica, Minas Geraes, no Brasil, sendo filho de Luiz Rodrigues Milagres e de Eufrasia Maria de Jesus. Pelo lado paterno, era neto de Antonio Rodrigues e de Paschoa Lourenço, e pelo lado materno de Francisco de Sousa Lima e Maria Gomes de Oliveira, todos naturaes do Brasil».

REPRESENTAÇÃO

"Senhor. = Em observancia das Reaes Ordens de Vossa Magestade, tem esta Direcção da Real Fabrica das Sedas e Obras de Aguas Livres feito laborar debaixo da Administração do Doutor Joaquim Rodrigues Milagres a Fabrica da louça do seu invento, e despendido com ella em dinheiro de contado a quantia de *desassete contos trezentos e cincoenta e cinco mil quatro centos e cincoenta e um réis*, que he o desembolso liquido, como se vê da demonstração numero hum, alem do valor da mobilia e utencilios da Fabrica da antiga Louça, que se mandarão entregar ao referido Administrador; e do producto das vendas, que todo elle tem retido, e dado conta de o haver empregado na mesma laboração. = "

"Da sobredita quantia tem-se applicado um conto cento e noventa e tres mil cento e cincoenta e um réis, para a Ajuda de custo de quatro centos mil réis annoaes ao Administrador; e suppondo as contas deste tres contos cento e doze mil oito centos e sessenta réis para reparos do Edificio. Foi authorisada a Direcção para tirar estas Addições do Cofre das Aguas Livres pelas Portarias do Governo, que sahem por copias numero dois, e numero tres, de treze contos e quarenta e nove mil quatro centos e quarenta réis, convertido na laboração da Louça, porque ainda Vossa Magestade não determinou de donde deve sahir. Tem-se tambem tirado este dinheiro do mesmo Cofre, nem havia outro a que podesse recorrer-se, sendo impossivel distrahir quantia alguma da Real Fabrica das Sedas, que não seja para o seu proprio custeamento pela atenuação em que existe; mas ainda se acha em suspenso, e escripturação interina, porque sem ordem de Vossa Magestade não pode passar a credito effectivo daquelle Cofre. = "

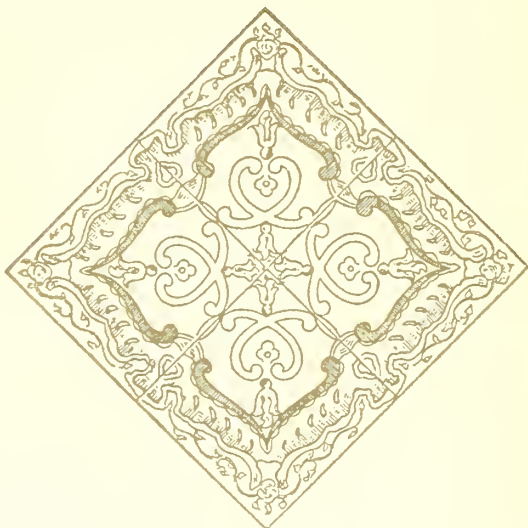
"E porque a Direcção deseja conformar-se em tudo ás Reaes Ordens, e evitar o embaraço que resulta á escripturação e regularidade das contas, de se continuar este methodo de tirar dinheiro em suspenso. = "

"Parece á Direcção, que Vossa Magestade Haja por bem authorisa-la para fazer lançar em credito effectivo ao Cofre das Aguas Livres, não só a referida somma já dispendida, mas tambem as mais que se forem dispendendo com a Fabrica da Louça; ou Determinar-lhe donde deve sahir esta despeza".

"Vossa Magestade resolverá o que for do seu Real Agrado. = Lisboa dez de Setembro de mil oito centos e desassete. = Cypriano Ribeiro Freire — Presidente. = José Antonio de Sá. = José Accurcio das Neves. = José Barbosa d'Amorim. ="

Permitta-se-me ainda uma observação. No alludido artigo, pergunta o sr. Dr. Viterbo:

«Poria, acaso, o Dr. Milagres alguma marca nos seus trabalhos, por meio da qual se distinguissem dos da Fabrica do Rato? Eis um problema que conviria apurar, e para o esclarecimento do qual convidamos a boa vontade e a pericia dos ceramistas portuguezes».

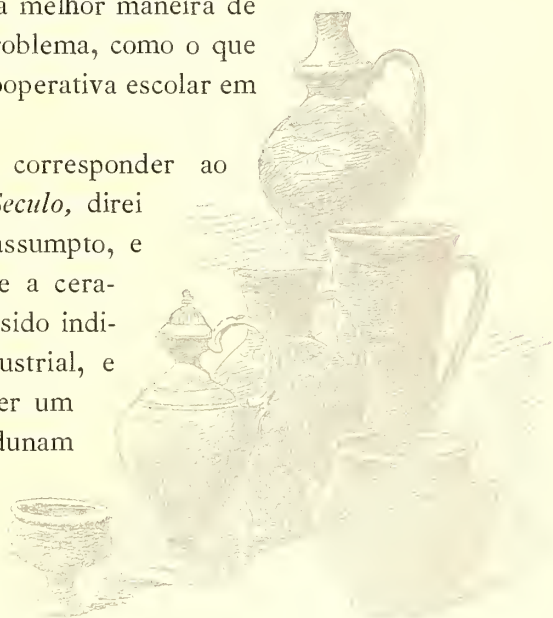
A interrogação do sr. Dr. Sousa Viterbo está agora respondida na *Ceramica Portugueza,* onde, de pag. 70 a 73, trato do Dr. Milagres, reproduzindo, no *Diccionario de Marcas,* sob os numeros 233, 234, 235 e 236, as que fundadamente attribuo áquelle ceramista.

ENSINO PROFISSIONAL

Uma Cooperativa Escolar em Sacavem

A CERAMICA

Depois do auctorisado parecer do sr. Antonio Arroyo, publicado na imprensa, pouco poderei eu indicar sobre a melhor maneira de resolver tão difficil problema, como o que se relaciona com a cooperativa escolar em Sacavem.

No entanto, para corresponder ao amavel convite do *Seculo,* direi o que sei sobre o assumpto, e particularmente sobre a ceramica, visto haver-me sido indicado este ramo industrial, e ainda por me parecer um dos que mais se coadunam com a indole do artifice portuguez.

Pretende-se, se

bem comprehendo a ideia inicial do sr. Anselmo Braamcamp Freire, crear na proxima aldeia um meio technico e, tanto quanto possivel, artistico, para desenvolver as aptidões dos operarios da localidade e encaminhar de seu principio os obreiros futuros.

A ideia é boa, e o local magnifico, por mais de uma razão. Sacavem, alem de ter a vantagem de estar a dois passos da capital, é, ha muito, um centro industrial de nomeada.

Actualmente, tem o grande movimento que lhe dá a Real Fabrica de Louça e Azulejos, que, no genero, é a mais importante do paiz, com raizes de cincoenta e sete annos. A tradição da estamparia das chitas, em que foi celebre, contribue tambem para aquella nomeada.

Os alicerces não podem ser melhores para edificar a cooperativa escolar; mas falta, segundo se diz, o material para tão complexo monumento, ferramentas, machinas e mais utensilios, e a creação de um museu onde se encontrem, de preferencia, moldes inspirados ou calcados nos nossos mais caracteristicos typos de arte, ou da arte acclimada ao nosso paiz e á nossa maneira de viver, com relativa superioridade, e onde, alem da arte culta, esteja representada a arte popular, aquella em que o *progresso* não tenha posto o dedo, e que tão rica é em Portugal, no vasilhame de serviço caseiro.

Depende o ensino industrial de providencias que estão descuradas no paiz; e o que é mais para reparar, é que taes lacunas foram já menos sensiveis, do que o são presentemente.

Se assim não fosse, a cooperativa teria agora onde orientar-se, o que seria de grande importancia para a realisação do seu objectivo.

São ellas: a falta de um museu industrial, como o que esteve installado no edificio dos Jeronymos (Belem), que imprudentemente foi desbaratado, quando da reforma do sr. Elvino de Brito, que Deus haja, e como o que ainda se encontra no Porto, por ter escapado ás providencias do alludido ministro, graças aos esforços do seu director, o sr. Joaquim de Vasconcellos; o caracter que tomaram as escolas industriaes, organisadas por Antonio Augusto de Aguiar e pelo grande Emygdio Navarro, e que, em vez de servirem o ensino technico dos differentes officios mechanicos, estão actualmente, com poucas excepções, transformadas em lyceus parciaes, erro (creio bem) devido a circumstancias alheias á vontade do seu inspector; e a falta de uma aula de arte decorativa, que ha muito devia contar-se nas Academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, falta que não póde admittir-se na epoca em que vivemos, pois que d'esta base fundamental parte todo o ornamento que se applica á ceramica, com que se enri-

quecem as peças de metal, que decora as madeiras e que enfeita outros materiaes de que se fazem tantissimos objectos indispensaveis á vida das creaturas; aula onde se ensinasse de dia e á noite, por meio de elevada atmosphera de saber, a transcendencia das fórmas, o equilibrio nas composições, a resultante da approximação das côres e das suas differentes gradações, onde, em resumo, se evidenciasse, com justa precisão, o accôrdo necessario entre os diversos elementos de uma obra, de modo a constituir um todo a um tempo agradavel, por si proprio, e em harmonia com o meio a que se destinasse.

A' mingoa d'estes primordiaes elementos, que deviam estar estabelecidos, e tão accessiveis, ou mais, como o jornal de dez réis, de propaganda politica, estão irresolutos os mais interessados na organisação do referido estabelecimento.

Juntarei, pois, ás notas que deixo ligeiramente frisadas, indicações que julgo aproveitarem á cooperativa do arrabalde, ideias geraes, e algumas reproducções de fórmas da ceramica nacional, que se me affiguram impeccaveis.

No que diz respeito ao fabrico da louça ou utilisação do barro, parece-me de toda a conveniencia que a cooperativa se afaste completamente do genero e processos da grande fabrica de Sacavem, porque, com a mesma indole, nunca poderia com-

petir com esse colosso, que, pela sua enorme producção e longa experiencia, se acha estabelecido, não só de modo a não permittir concorrencia, tal como se encontra, mas a poder tornar mais accessiveis os seus artigos, no caso de outrem lhe fazer estorvo.

Portanto, sem sair do campo da ceramica, conciliando interesses e evitando prejuizos, que recairiam, decerto, sobre a cooperativa, deverá esta empregar o barro em productos totalmente differentes dos da fabrica real.

Produzir arte para o povo é, a meu vêr, a missão da cooperativa escolar, fazendo renascer, neste ramo, o vasilhame e a esculptura popular, com absoluta ausencia de fôrmas.

O *progresso* (profiro quasi sempre esta palavra, receoso e sem convicção) tem acabado *progressivamente* com a nossa arte popular, e o mais extraordinario é que o desapparecimento se torna mais evidente á maneira que nos afastamos das mais reconditas villas de provincia para os centros de maior movimento e mais *civilisados!*

Dada esta aberração, o operario portuguez está actualmente privado, em muitos pontos do paiz e, sobretudo, na capital (com bellas fórmas) de uma jarra para as flores em dias festivos, de uma bilha para encher d'agua, de um pucaro, de uma almo-

tolia, de uma vinagreira e de uma caçoila, que, ao ser posta sobre o altar da mesa, com a sopa fervida, á refeição da tarde, não represente apenas para elle, ao voltar do trabalho, o receptaculo do alimento compensador, mas lhe sirva tambem, com as suas linhas, uma boa impressão de estabilidade e de elegancia — *força e arte* — qualidades imprescindiveis nos objectes que acompanham o homem quotidianamente. Os olhos do trabalhador tambem comem. Nem só de pão vive o homem...

A par d'estas e outras vasilhas, que devem levantar na tradicional roda oleira, e cujas incomparaveis fórmas — faz bom humor vêl-as — vivem na aptidão harmonica dos oleiros de Molellos, Villar de Nantes, Lordello, Prado, Beira, districtos de Aveiro e de Coimbra, e outras regiões, poderão fornecer, os futuros esculptores-barristas de Sacavem, uma figura regularmente modelada, um pittoresco boneco colorido, esmaltado ou exclusivamente da côr do barro, para collocar sobre a commoda, que entretenha o espirito popular, recordando um facto glorioso da historia patria, mostrando um *costume* de uma distante provincia nossa ou, em grupos, representando a vida rural, a labutação do lagar, as notas mais caracteristicas do lar portuguez.

Para a parte da olaria propriamente dita, deixei

indicadas as origens a que de preferencia a cooperativa tem de recorrer para constituir o museu de fórmas; e, a mais d'este auxiliar, será proficuo que os seus dirigentes façam com que os seus alumnos visitem o Museu Ethnologico de Belem, onde estão expostas, profusamente, a origem e a filiação do alludido vasilhame.

Convem lembrar aqui que a região mais proxima, a produzir louça com caracter popular, é a do concelho de Mafra. Das quarenta e oito officinas estabelecidas em duas freguezias — Mafra e Santo Izidoro — os productos chegam até Lisboa; mas são raros os capazes de attingir o fim desejado.

Para a officina de esculptura popular, deverão os vindouros barristas de Sacavem inspirar-se no Museu das Janellas Verdes, Madre de Deus e presepios da Estrella e da Sé de Lisboa.

Para concluir, peço, reverente, licença para lembrar á cooperativa escolar o que julgo da maior vantagem para o seu principio e seguro para a sua prosperidade: — começar modestamente, não ter pressa de chegar, e ter, em alto grau, o culto da profissão. Na França, na Inglaterra, na Allemanha, o operario não trabalha exclusivamente *para cumprir:* tem amor ao trabalho. São esse culto e esse amor que não só garantem a estas nações a existencia, como lhes dão a sua grande força moral.

N. B.— No grupo da louça preta, na primeira pagina d'este capitulo, está uma bilha que não faz parte das peças de Villar de Nantes, como as restantes, nem tão pouco póde ser considerada louça popular.

A referida bilha, com tampa e de faiança, é producto da Real Fabrica do Rato, da epoca do regente portuguez, Sebastião de Almeida (1771), e recommenda-se pela sua bella fórma.

Do *Seculo* de 10-V-1908

A ARTE NO FERRO

Em tudo ha arte — dizia-me um amigo, alludindo á gravata e á maneira de a pôr ao pescoço. Que duvida!

Desde que á materia prima, que a natureza creou, se deu uma fórma, uma côr e se enriqueceu com um ornamento qualquer, logo a arte interveiu, não só na gravata, complemento da vestimenta do homem, mas até no par de peugas, quando ellas não representam apenas isoladores entre a pelle e o coiro das botas.

Levar-me-hia muito longe lembrar como a arte liga a gravata com as meias, as meias com as botas e as botas com o chapeu, se o fim d'estas linhas fosse resenhar a parte economica da arte; mas não é este precisamente o ponto onde desejo chegar. Em tudo ha arte, na mais absoluta extensão da phrase!

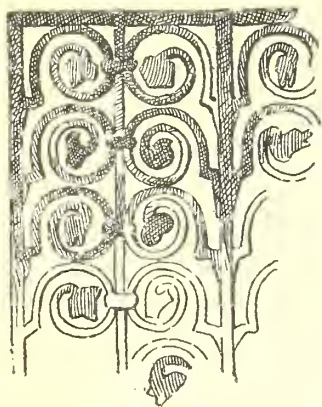
A arte é a representação synthetica da verdade, como póde traduzir tambem a maior e mais crassa mentira.

Fazer pura arte é como falar elevada e puramente verdade; dar impressão da verdade mentindo, é tambem uma expressão de arte, incontestavelmente.

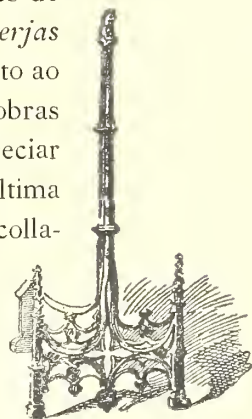
A critica cognominou *pintor da verdade* o grande Velasquez; e Eleonora Duse é tão grande artista mentindo, que faz esquecer com a sua mentirosa arte o que é absolutamente falso!

O mais fino metal, o fio de seda assetinado e branco, são elementos quasi indifferentes ás creaturas de eleição, quando a arte os não prefere para as suas obras, dando-lhes fórma, burilando o oiro, tecendo e adamascando a seda; e de tal maneira é elevada a arte, que faz com que um lenço de chita meta a um canto um lenço de seda e com que o oiro seja supplantado pelo ferro!

E' da arte neste duro metal que desejo dar algumas noticias.

Tenho pelo ferro artistico mais admiração, que pelo oiro artisticamente trabalhado; paro com muito mais interesse defronte do sepulcro do Anaya, que me deteriam as ricas joias do Shah da Persia, se as puzessem em frente dos meus olhos. Mas, para justificar a minha predilecção pela arte do ferro, não é preciso ir buscar essa obra-prima do ferro forjado, que se encontra na cathedral de Salamanca e outras que se admiram na cidade do Tormes,

Grade, capella da charola, sec. xv (?) — Sé de Lisboa

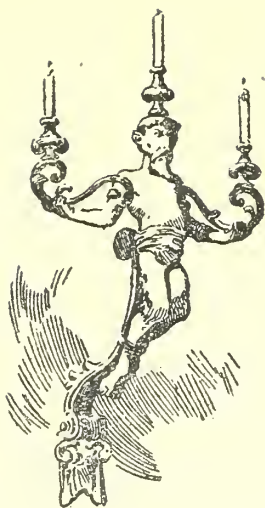
como são a porta da bibliotheca da Universidade e as grades que guardam as janellas do segundo pavimento da Casa das Conchas; nem citar a maravilhosa escadaria da porta chamada *Alta* ou *Coroneria*, que, pelo lado do Evangelho, dá accesso á cathedral de Burgos; nem lembrar as ricas e bem trabalhadas *verjas* que fecham as capellas lateraes do mesmo templo; nem recordar, de Toledo, a *verja* de *San Juan de la Penitencia* e, de tantos outros pontos da Hespanha, obras de ferro como as vedações das casas de Zaragoza, das sepulturas dos Reis Catholicos em Granada, da capella da cathedral de Cuenca, das cathedraes de Avila e de Pamplona e as famosas *reja* e *verjas* da janella da casa de Pilatos, das capellas junto ao côro da cathedral, a que fecha a capella-mór, obras *platerescas* da Renascença, que se pódem apreciar na maravilhosa Sevilha, sendo auctor da ultima Fr. Francisco de Salamanca, que teve como collaboradores Diego de Udrabo, Juan de Lopez, o mestre Esteban e Juan de Cuvillana.

Mesmo dentro do nosso paiz, em que estes

Trasfugueiro (?), sec. xv, chaminé da sala dos Cysnes, Paço de Cintra

trabalhos não abundam, devido, em parte, ás extraordinarias catastrophes dos seculos XVI e XVIII, que, a par do muito que destruiram, meteram debaixo da terra quasi tudo que Lisboa possuia de bello, e são mais modestos, não trocaria pela melhor joia do Leitão a porta do baptisterio da Sé de Evora (fim do seculo XV), encimada pelo escudo dos duques de Cadaval, nem pelos mais caros aneis do Canongia daria, se me pertencessem, os papagaios que enfeitam algumas das sacadas da mesma cidade alemtejana, nas ruas de Alconchel, da Sellaria e outras.

Segundo a opinião do sr. dr. Camara Manuel, a grade de Evora remonta a 1484, sendo então bispo da diocese D. Affonso de Portugal. O escudo, tal como está na porta do baptisterio, não só foi usado pelos Portugaes, como tambem pelos Braganças, Alvares Pereira, Cadavaes e Vimiosos. No celebre e caracteristico solar — *Agua de Peixes* — edificado no ultimo terço do seculo XVI (?), ha, sobre a verga da porta que dá accesso ao pateo, este mesmo brazão em azulejos do principio do seculo XVII, e dentro, ao cimo da escada principal, vê-se o mesmo escudo em marmore, trabalho de quando a casa. (Na *Ceramica Portugueza*, alludo a estes brazões, quando descrevo o solar, noticia até então inedita). Ainda em Evora, nos Loyos, attribuido á casa Vimioso, se encontra o mesmo brazão.

Porta do celleiro, fim do sec. xv — Bibliotheca de Evora

Quantas vezes, admirando pequenas peças, uteis e ornamentaes: ferrolhos, aldravas, abraçadeiras, fechos, taramelas, fechaduras, escudetes, argolas, chaves, pingentes, escoras de bancos e de mesas e um sem numero de pregos historiados, que os forjadores, os serralheiros, os cinzeladores e os lavrantes da Edade Media, da Renascença e dos seculos XVII e XVIII bateram, cortaram e moldaram, limaram, cinzelaram, burilaram, puliram, quantas vezes, repito, não os teria preferido a pedras preciosas, se me dessem a escolher entre o immenso

Candelabro, Paço Real de Villa Viçosa

valor d'essas raridades minerias e o incomparavel merecimento do labor artistico dos homens na materia rija do ferro!

E' assim a arte: o brilho de um diamante, a candura de uma esmeralda ou a suavidade de uma perola, não teem fulgor nem attractivos para supplantar o ferro, como outra qualquer substancia rude, quando mãos habilissimas, ao serviço do genio, lhe dão encantadora fórma, lhe dão delicadeza!

Além das peças de Evora, que notei, entre outras, inda ha pouco alli existiam as grades do pavimento terreo da cadeia, na praça do Geraldo, de simples ornatos, trabalho tosco, mas pouco vulgar entre nós, visto marcar o seculo XV — reinado de D. João II.

Na mesma Sé a que acima alludi, ainda alguns ferros forjados se nos deparam, tendo talvez mais caracter, como, por exemplo, uma suspensão lampadaria do meado do seculo XVI, collocada ao lado esquerdo da nave central da egreja.

Tambem muito interessantes são as guarnições

da celebrada porta do celleiro da bibliotheca de Evora, estylo do ultimo periodo da arte gothica.

Mais ou menos, por todo o Alemtejo se encontram vestigios dos ferros brincados do seculo das conquistas, periodo da nossa maior riqueza e do ideal da arte, e d'ahi ao reinado de D. João V, segundo periodo faustoso e de requintada arte em Portugal.

Na escada principal do Paço de Villa Viçosa, ha um candelabro, cujo motivo predominante representa um satyro. Em Elvas, como em Evora, havia algumas airosas sacadas de janellas, trabalho dos seculos XVI e XVII.

Neste genero, um dos mais interessantes exemplares existe no Museu Nacional de Bellas-Artes e foi encontrado em 1876 a quatro metros de profundidade, ao pé do Arco Grande de S. Paulo, naturalmente alli subterrado pelo terremoto de 1755.

Em Vera Cruz, egreja do Santo Lenho, ha uma capellinha, cuja porta de ferro ostenta, entre os ornatos da parte cimeira, o escudo dos Almeidas sobre a cruz de Malta e conjunctamente a seguinte inscripção: *D. Lopo de Almeida. Anno de 1729.*

São vulgares por todo o paiz, nos frontões, nas torres e campanarios dos templos sagrados, as cruzes e os cataventos rendilhados, com figuras e animaes, e, interiormente, nos mesmos edificios, são

variadissimas, na fórma e no desenho, attingindo muitas vezes enormes proporções, as suspensões lampadarias.

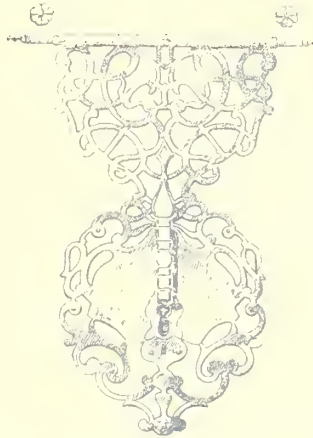
A que sustenta as lampadas que alumiam as capellas de S. Jeronymo e Santa Maria de Belem, no monumental templo d'esta invocação, mede approximadamente, entre as extremidades do seu braço, cinco metros, e é centralmente encimada pela symbolica esphera armilar de D. Manuel, ponto onde se liga á polé, fixada ao muro.

A da Sé de Lisboa, d'onde pendem tres lampadas (como quasi todas, de fórma triangular), é tambem de grande tamanho. Em geral, com seus ornatos cobertos a oiro, estas peças, vistosas e decorativas, fabricaram-se do meado do seculo XVII até ao reinado de D. Maria I.

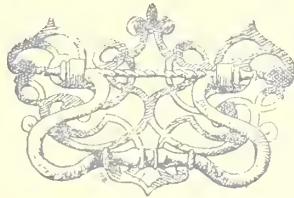
A grade mais apreciavel pela sua antiguidade é sem duvida a que fecha uma das capellas affonsinas da charola da mesma Sé. De rudimentar lavor, mas rarissima, por documentar as obras da serralharia da primeira metade do seculo XV (?).

Nesta egreja, como na de Belem—resto de maior numero—são ainda visiveis alguns tocheiros de ferro forjado, do seculo XVII.

Do anterior, são o gradeamento que veda a galilé da Sé de Braga e o de Santa Cruz de Coimbra, a que mais adeante alludo.

Do seculo XVIII, as grades mais importantes são as da basilica de Mafra e as de S. Vicente de Fóra, com applicações de bronze, as da capella do S. Jesus da Boa Sentença (com os attributos da paixão cobertos a oiro), no claustro da Sé de Lisboa, e as da capella do sacrario na egreja da Encarnação, sendo estas dos ultimos annos d'aquelle seculo.

Ferragem de uma arca, sec. XVII — Collecção do auctor

Mas, deixando a ornamentação presa e os especimens da alfaya sacra dos templos religiosos e re-

parando só para os ferros de uso domestico, notaremos, alem dos já citados, o trasfogueiro (?) da sala dos cysnes do paço de Cintra, que guarnece a chaminé, e que, como arte, epoca e dimensão, não se envergonharia se o collocassem ao pé dos *landiers* do Museu de Cluny. E' peça que deve alcançar os ultimos annos do seculo XV.

A mais caracteristica brazeira que conheço, com a maneira accentuada dos trabalhos bragantinos do seculo XVI, pertence ao museu das Janellas Verdes.

Os serralheiros trasmontanos forjaram, e forjam ainda hoje, com o sabor da Edade Media, os trasfogueiros, que, a um tempo, ornamentam, guardam do lume e amparam a lenha, e nos quaes os nossos antepassados assavam o lombo de porco, os cabritos, os leitões e outras peças da culinaria portugueza. Encontram-se em muitos dos lares das cozinhas das provincias do norte de Portugal estas guarnições, e tão vulgarmente, que d'ahi veiu decerto o adagio:

Não ha dona sem escudeiro
Nem fogo sem trasfogueiro.

O sr. Ramalho Ortigão tem uma d'estas peças, feitas em Bragança, nos ultimos vinte annos, na chaminé da sua casa de jantar.

As tradições das ferrarias bragantinas e conim-

Porta do baptisterio, fim do sec. xv — Sé de Evora

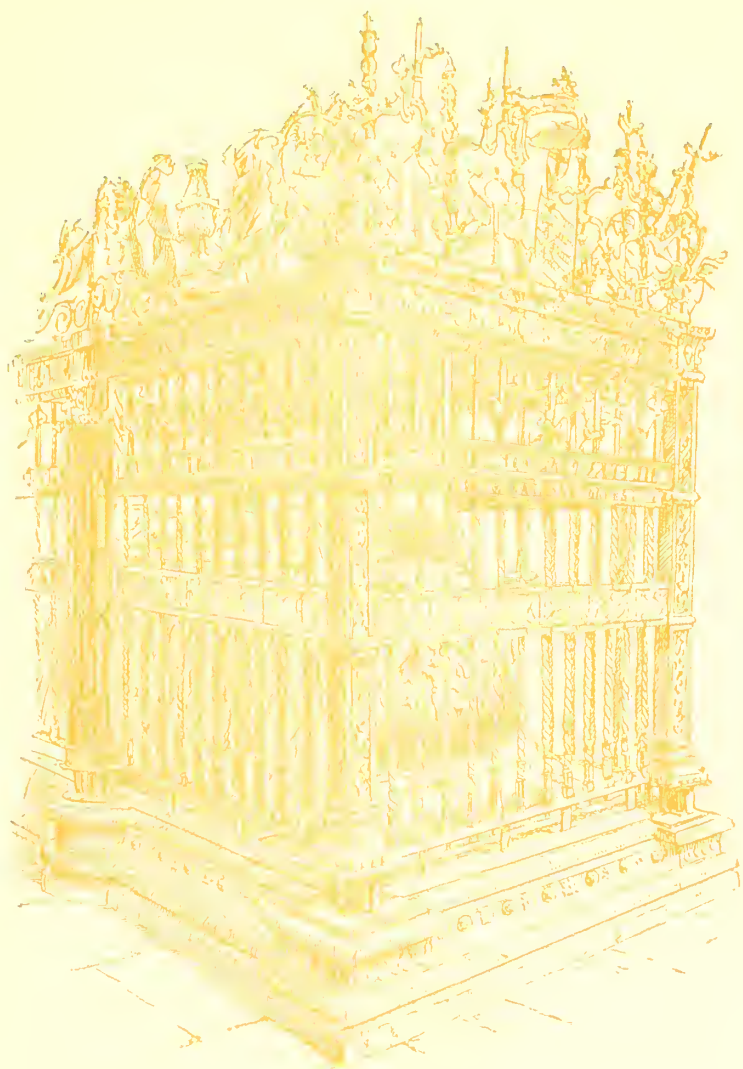
bricenses, como a das grades de Santa Cruz, cujo auctor se chamou Antonio Fernandes; dos ferreiros bracarenses, dos ribatejanos, dos de Lisboa e outros pontos de Portugal, assignalaram-se, não só

nas mesmas localidades, mas ainda noutras terras do nosso paiz.

Não ha muito que essa tradição se manifestou na cidade do Mondego. Coimbra apresentou em exposição, em 1906, peças delicadas e bem compostas, como as que então reproduziu a *Illustração Portugueza*, acompanhadas de um elucidativo e interessante artigo do sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

E' certo que a educação dos auctores das referidas obras, sem duvida a mais superiormente dirigida no paiz, influiu preponderantemente para o exito obtido; mas noutras terras onde não ha mestres da envergadura do sr. Antonio Augusto Gonçalves, sob modestas direcções (como a minha), os serralheiros portuguezes affirmam de um modo evidente o engenho e habilidade dos nossos mestres d'outras epocas.

Em tudo ha arte; e a arte prodigalisou uma boa parte do seu encanto nos braços de balanças. Nestas obras de ferro, foram mestres os serralheiros

Esphera armilar, sec. XVI—Coimbra

Sepulcro do Anaya, sec. XVI — Cathedral velha — Salamanca

do seculo XVIII e entre elles se luziram os portuguezes.

Assim os classificamos com toda a propriedade, porque só mestres podem elaborar instrumentos tão delicados e tão precisos, como os que servem para differenciar pesos minimos dos productos de pharmacia, do oiro e das pedras preciosas.

As balanças de mais apurado acabamento e as mais ricas, artisticamente fallando, eram as destinadas ás boticas, ás joalharias, e aos estanques ou lojas de capella, para pesarem o rapé que os nossos viciosos avós cheiravam e o retroz com que suas mulheres bordavam.

Scientificamente, a physica tem modificado mais ou menos a balança antiga e, pouco a pouco, creado novos modelos, no sentido da simplificação; mas, ao passo que o progresso mechanico lhes abrevia a construcção e facilita a maneira de pesar, a decoração, parte agradavel d'esses instrumentos, vae desapparecendo, para ficar sómente o objecto, util, sem duvida, mas apparentemente insipido.

Nos seus variados systemas, encontram-se as balanças propriamente ditas (as que se fundam no principio da alavanca): *Ordinaria, Romana, Decimal,* ou *de Quintzen, de Roberval* e *Hydrostatica,* a destinada á medição das forças magneticas e electricas, que, entre outras denominações, é conhe-

cida por balança de Coulomb, *Aerostatica (baroscopio), Elastica (dynamometro)*, etc.

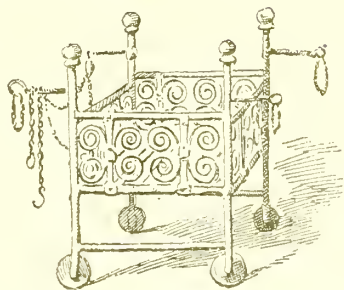
Arte, só a tenho encontrado nos typos chamados *Ordinaria* e *Romana*.

As seis peças que as gravuras reproduzem, constituem dois terços de uma collecção que me pertence — pequena no numero, mas rara na qualidade dos exemplares, de differentes procedencias, na maioria portuguezes.

Attribuo parte a uma antiga serralharia, que ainda hoje trabalha em Lisboa, e de que ha noticia existir, no mesmo local, já no meado do seculo XVIII.

Refiro-me á officina do Romão, ás Cruzes da Sé.

O mais remoto dos seus donos ou mestres é um tal Romão, que dizem ter morrido com 103 annos e que deu o nome á celebre officina. D'este, não sei se como representante da familia, se como continuador do supposto fundador, a casa passou para Nicolau Antonio Fernandes, natural da villa de Oleiros, ahi pelo segundo terço do seculo XVIII. Fernandes falleceu em 1848, deixando tres filhos: Domingos Antonio Fernandes, Antonio Joaquim Fernandes, que foi forjador do Arsenal do Exercito, e Antonio Romão.

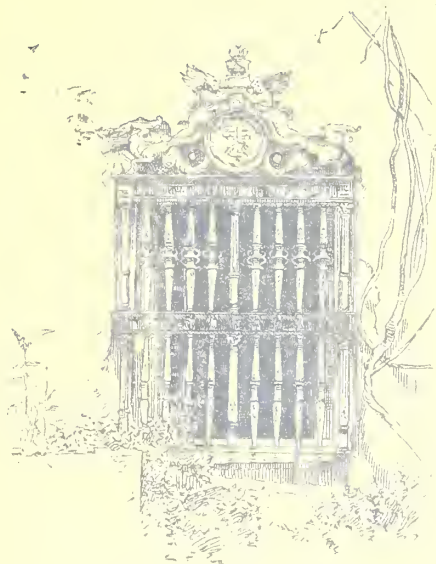
Os netos de Nicolau, João Antonio Fernandes e Romão Antonio

Brazeira, sec. XV. Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa

Fernandes, são os actuaes proprietarios e gerentes da tradicional ferraria.

A não ser d'estes, não posso offerecer aos leitores, de outros fabricantes, senão poucas e ligeiras indicações, e, no entanto, facil é comprehender que não deve ter sido unica em Lisboa a serralharia do Romão, como outro tanto se deve ter passado noutros pontos do paiz, isto é, que, se porventura os productos d'esta officina chegaram, mais ou menos, a todas as provincias do continente, ás ilhas e ao Brasil, a razão não foi, em absoluto, a falta de outros productores congeneres.

Assim é que, entre a grande quantidade de braços, marcados e não marcados, do Romão, tenho encontrado productos d'outros fabricantes, com typo accentuado de industria nossa, alguns talvez de José Rodrigues, habil serralheiro do seculo XVIII, de quem tratarei no fecho d'esta noticia; mas a maior parte sem authenticação, como succede com as obras dos primeiros tempos da officina da Sé.

Não tirei apontamentos de todas as balanças marcadas, porque nenhuma d'ellas tinha nos seus braços interesse artistico e porque procuravamos exclusivamente os ferros do Romão.

Ainda assim, tenho notas de dois braços, com iniciaes do auctor e data da producção. O mais an-

Reja da casa de Pilatos, sec. XVI — Sevilha

tigo vi-o em 1888 no mercado de Evora, tendo em uma das faces: I MR B 1684. O outro está á venda ha bastantes annos no mercado de S. Bento, em Lisboa: P F 1756.

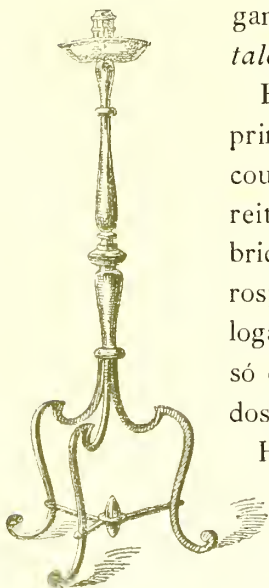
Qualquer d'estes braços, pelo seu aspecto, não indica ter mais de 50 a 60 annos. Friso este ponto, por dois motivos: primeiro, para pôr de sobre-aviso quem tenha de avaliar a edade destes ferros, apenas pela sua apparencia; segundo, para lembrar que, do seculo XVII até ha bem poucos annos, assemelham-se muito os braços de cruz feitos em Portugal.

Nalgumas mercearias, talhos e mais estabelecimentos da capital e provincias do reino, que vendem a peso, encontram-se ainda bons exemplares, que as officinas do Romão forneceram aos seus antigos freguezes; alguns (raros) datados de 177... e muitos outros marcados: Romão & Comp.ª. Citarei a perfumaria dos Mendonças, a mercearia da calçada do Combro, 31, que pertenceu ao pae d'es-

tes commerciantes; talho n.º 5, rua Larga de S. Roque, com a data 1843; talhos a S. Paulo (balanças de balcão, de 20 a 30 pollegadas), a botica da Chamusca, etc.; e, em poder de particulares, os que pertencem aos srs. drs. Fidelio de Freitas Branco e João Luiz da Fonseca.

Tambem se vêem, nos armazens que vendem por grosso, as de táras de madeira, suspensas por correntes ou cordas, que pendem de *cabeças* de dois ganchos, conhecidas por balanças *quintaleiras* ou *de arrobar*.

Foi na officina do Romão que pela primeira vez entre nós (1850) se fabricou a balança decimal, tomando a direita, como construcção e solidez no fabrico, aos eguaes productos estrangeiros; como foi alli sempre e em primeiro logar que se obstou á concorrencia, não só d'aquelle, como d'outros typos vindos de fóra.

Hoje mesmo, é a mais importante casa, no genero, de todo o paiz; occupa um pessoal de vinte operarios e é ella que produz as poucas balanças de grande preço, quando os *extravagantes* se lembram de fazer-lhe alguma encommenda artistica.

Tocheiro, sec. XVIII

Até 1824, não se limitaram os ferreiros das Cruzes da Sé ao trabalho das balanças: fizeram tambem relogios de torre. O do velho templo de Lisboa, que tão perto do laboratorio que o contruiu sôa as horas, tem no mostrador interno: *Romão & Comp.ª o fez em Lx. no anno de 1824.*

Vi, não ha muito, a machina, que é de ferro e metal amarello, e o desenho de toda a fabrica, que os actuaes gerentes da referida officina conservam. Dizem estes obsequiadores artistas que a porta de ferro principal da velha egreja dos *alfacinhas,* feita depois de 1755, é obra da sua ferraria.

A collecção de que acima fallo, deve, a meu vêr, classificar-se da maneira seguinte:

Gravura 1—Braço de cruz, de ferro forjado, ultimo terço do seculo XVI. Alcovas (no fim vae a nomenclatura) da navalha central, cabeças do cutello, vigia do fiel e tornel ou argola superior, fórma circular. O fiel é preso ao travessão por dois parafusos, e por parafusos tambem são unidas as hastes, pela parte inferior, sendo a distancia guardada por uma peça de metal ama-

Papagaios
do fim do sec. XVIII
Evora

rello, em fórma de balaustre. Está privada dos reguladores, que enroscavam nas espiraes que extremam o cutello, peças que serviam para conservar em perfeito equilibrio o travessão e que deviam ser de metal amarello, torneadas, completando e decorando os referidos pontos.

São muito raros os exemplares d'esta epoca. — Mede, de navalha a navalha, 0^{m},64.

Gravura 2 — Braço de cruz de ferro forjado, trabalho rendilhado, perfilado e concluido á lima. Primei: a metade do seculo XVIII? E' o mais antigo braço que tenho visto e um dos mais bellos trabalhos da serralharia portugueza: attribuo-o ao periodo aureo da dynastia dos Romãos.

A exuberancia ornamental, em todos os seus detalhes, dá-nos o direito de o julgar uma peça especial.

Apesar dos maus tratos que levou, como o provam a lingua do fiel, partida, e de estar já picado da ferrugem, por pouco cuidado de limpeza, ainda se vê perfeitamente o carinho com que as mãos do artista trataram o mais insignificante dos seus detalhes. A harmonia na factura foi de tal maneira observada, que não se percebe, á primeira investigação, se o tornel da corôa e as pequenissimas peças que embellezam o caparacho, foram feitas simplesmente á mão ou com o auxilio do torno! Todas estas qualidades justificam a nossa presumpção.

Póde mesmo tratar-se de um d'esses exames a que se submettiam os artifices no seculo XVIII, quando passavam de officiaes para mestres.

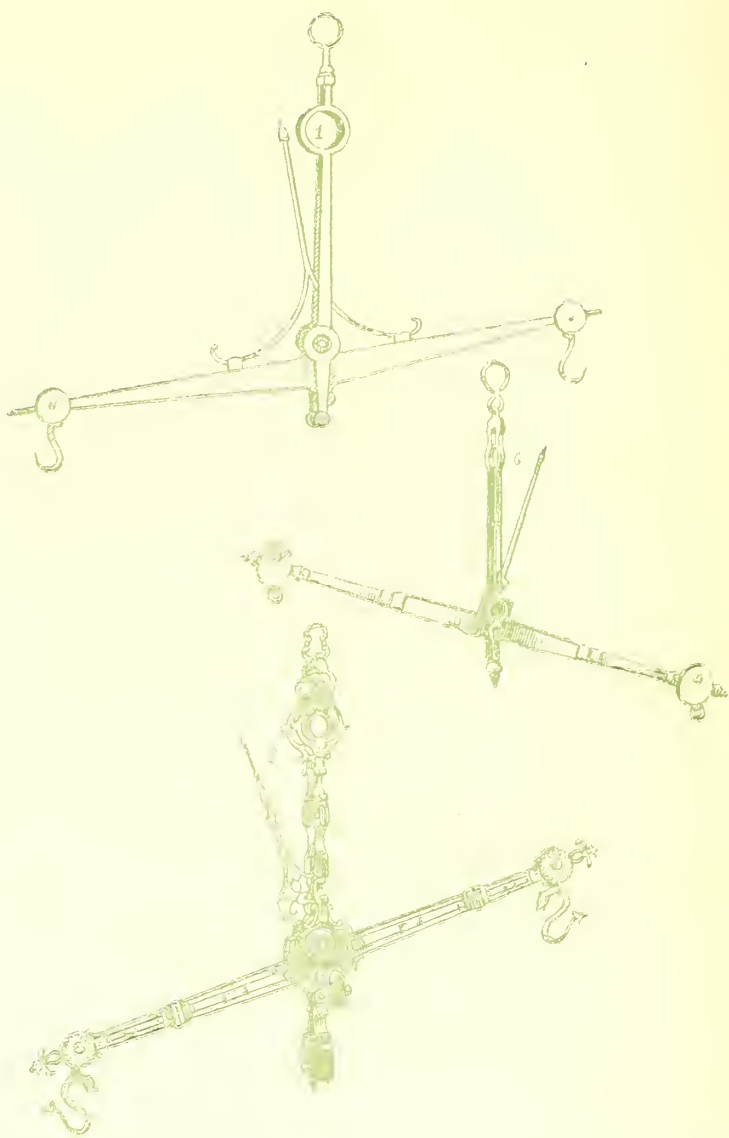
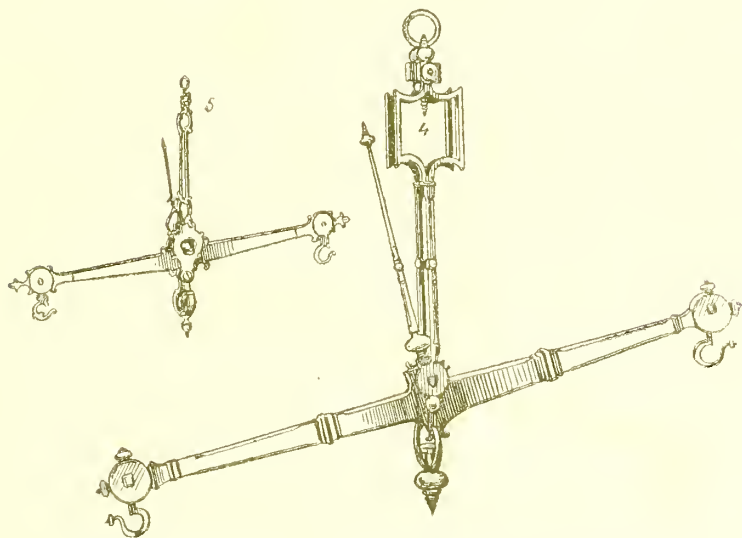
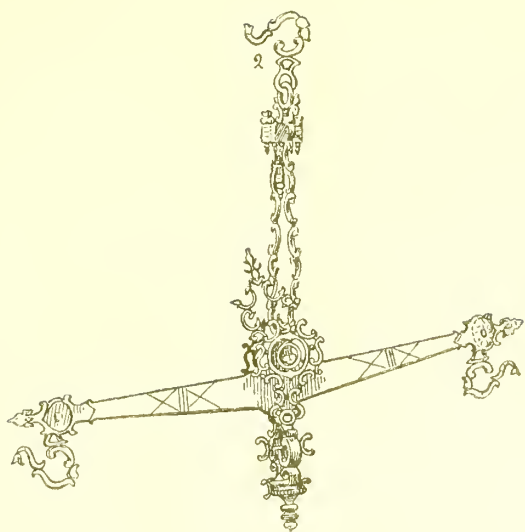
Não ficaria por aqui a encarecer este admiravel exemplar, se o competidor que se segue não fosse tão terrivel!

Ainda assim, classificado como producto de serralharia, como unicamente é, posso chamar-lhe de primeira ordem! Medida entre as navalhas dos ganchos — $0^{m},29$.

Gravura 3 — Braço de cruz, ferro forjado, ornamentação relevada e burilada. Epoca?

Não é sómente um dos trabalhos de serralharia dos mais completos e perfeitos; é tambem attestado de um insigne artista cinzelador, que collaborou para o bello conjuncto d'esta obra-prima. Tem a singeleza das obras classicas, no todo e, ao mesmo tempo, a graciosidade da perfumada decoração que enriqueceu delicadamente a arte franceza do ultimo terço do seculo XVIII.

Escudete de uma porta da Cartuxa, sec. XVIII. Evora

O cinzel trabalhou com proficuidade e sem exagero as rosetas de folhagem, sobrepostas, que decoram as cabeças do travessão e os ganchos serpentinos, que d'estas pendem. Nos demais pontos, foi o artista apparentemente sobrio, manejando com virtuosidade admiravel o buril. No fiel, onde não

Braços de balanças — I, sec. XVI — 6, sec. XVIII — 3, sec. XVIII (?)

Braços de balancas — 2, sec. XVIII — 5, 1810 — 4, sec. XVIII

ha, quasi, espaço, pela sua agudeza, o burilador conseguiu perfilal-o com filetes e abrir e modelar ornatos floridos! Assim se repete com a mesma delicadeza o ornamento, nas hastes, no caparacho, no centro do cutelo e nos motivos que terminam horizontalmente esta peça.

Não é facil dizer a epocha em que foi feito. Não ha nelle um estylo caracterisado. As suas linhas geraes recordam o fim do seculo XVII, ou o estylo de Luiz XIV e, por vezes, me tem parecido documento das repetições de estylos anteriores, que se fizeram no reinado de Luiz Filippe, em França. Mede $0^{m},24\ ^{1}/_{2}$.

Gravura 4 — Braço de cruz, ferro forjado, ornamentação facetada. Segunda metade do seculo XVIII?

Trabalho inglez, feito á lima. Não apresenta toda a perfeição da mão d'obra, porque a espessa camada de tinta que o cobria completamente não está de todo tirada, razão por que a nitidez dos seus bem acabados perfis e rincões não realça com luzimento. Boas linhas, forte, sobrio e relativamente delicado. Tem, ao centro do cutelo, a marca do fabricante:

SAM.L FREEMAN—LONDON

Mede $0^{m},57$.

(N. B. — No estabelecimento de alfaiate-paramenteiro do sr. Miguel Carneiro Pinto, na travessa

de Santa Justa, ha uma balança, cujo braço é da mesma procedencia e genero; maior, mais rico e com doirados).

Gravura 5 — Differe do antecedente apenas no tamanho, sendo este o mais pequeno braço que conheço da officina do Romão. Mede 0^{m},14.

Gravura 6 — Braço de cruz, de ferro forjado, ornamentação facetada. Fim do seculo XVIII ? Braço estrangeiro, typo inglez. Mede 0^{m},21.

Gravura 7 — Mesmo trabalho, origem e epoca do anterior. Braço estrangeiro, sem navalhas nos extremos do cutelo, caparacho quadrangular. Mede 0^{m},13.

José Rodrigues foi insigne fabricante de balanças. A que está actualmente no edificio da Contrastaria é exemplar perfeitissimo e de uma sensibilidade extraordinaria, chegando a accusar o peso de uma estampilha. Braço de cruz, de ferro forjado, com applicações, taras e correntes de metal amarello, medindo, entre as navalhas, cêrca de 0^{m},90 e mais de um metro de corrente.

Supportada por uma columna d'este mesmo metal, suspende-se por meio de uma alavanca, para pesar.

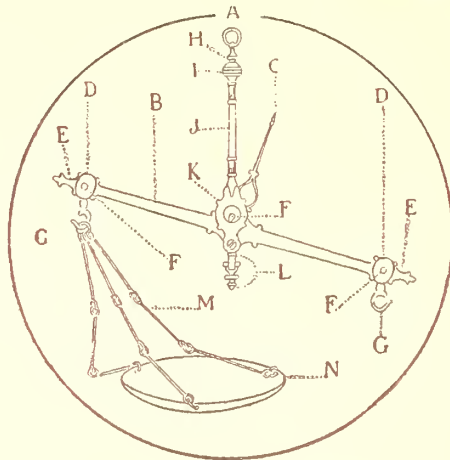
Tem, a mais do nome de José Rodrigues, primitivo constructor, a data em que este mestre a elaborou — 1782 — nomes e datas dos artifices que a concertaram em 1822 e 1857 — respectivamente, José A. Haas e João Frederico Haas (sobrinho).

Parece-nos que, antes das «reformas, melhoramentos e reparações» (assim diz o distico junto), não seria tão profusa a applicação de peças de latão, que hoje exhibe. Do lavor que se vê neste metal, especie de *guillochis*, póde deduzir-se que, se na primitiva, era tão guarnecida de peças amarellas, estas foram, se não todas, quasi todas, substituidas. Assim, os compensadores são de uma fórma que nos parece estranha ao trabalho de José Rodrigues, como nos parece egualmente estranho o caparacho, hoje fóra do seu devido e primitivo logar.

NOMENCLATURA

A, Balança ordinaria, de alavanca, de cruz, etc. — B, Cutelo, travessão. — C, Fiel, lingua, indicador. — D, Cabeças. — E, Logar dos reguladores ou compensadores. — F, Navalhas. — G, Ganchos. — H, Tornel. — I, Corôa. — J, Haste. — K, Alcova (espaço onde entra a navalha central). — L, Caparacho. M — Correntes ou cordas. — N, Taras, pratos, conchas.

*

* *

Do «*Livro dos Regimentos dos officios mecanicos da mui excellente e Sempre leal Cidade de Lisboa reformados per ordenãça do Illustrissimo Senado della pello Licenciado Duarte Nunes de Liam*» em 1572, codice que se guarda no Archivo da Camara Municipal de Lisboa, transcrevo o preambulo, e algumas disposições do capitulo x, que se refere ao «*Officio dos ferreiros de Obra grossa e Delgada*».

Em consequencia d'esta remodelação no modo-de-ser das corporações de artifices, accentuou-se, por esse tempo, o progresso das artes e officios, entre nós. Creio que foi esta (na essencia, ao menos) a organisação que se manteve até á extincção da *Casa dos Vinte e Quatro,* com a implantação do constitucionalismo, estabelecendo-se então a desordem, a arbitrariedade, a anarchia, no aprendizado e no exercicio das artes e officios, até á iniciativa de Antonio Augusto de Aguiar, no tocante ao ensino profissional, tentativa que, como noutro logar frisei, não tem dado tão proficuos resultados como seria para desejar — não obstante a competencia e boa vontade dos dirigentes d'esse ramo de ensino.

PREAMBULO

No mes de Janeiro de cada hũ anno os offiçiães do offiçio dos ferreiros assi de obra grossa como delgada se ajuntarão em hũa casa q̃ elles para ysso ordenarem, e os Juizes que então acabão cõ o escriuão do offiçio de seu cargo presente darão Juramento dos Sanctos Evangelhos a todos os que presentes forem que bem e verdadeiramente sem odio nem affeição dee cada hũ sua voz a dous homẽs que aquelle anno hão de seruir de Juizes e examinadores do dito offiçio, e hũ delles seraa offiçial de obras do mar e outro de obras da terra e sendo assi dado Juramẽto aos ditos offiçiaes, os ditos Juizes cõ o dito escriuão se apartarão para hũ cabo da dita casa onde terão posta hũa mesa e aly perguntarão a cada hũ dos ditos offiçiaẽs per si sob cargo do dito Juramẽto que receberão a quem dão sua voz para aquelle anno vindouro seruir de Juizes e examinadores do dito officio; e o que cada hũ disser em segredo o escriuão o escreueraa e acabado assi de perguntar os ditos offiçiaes elles Juizes alimparão a pauta cõ o dito escriuão e em outro papel poerão per letra aquelles dous offiçiaẽs que mais votos tiuerem para aquelle anno seruirem de Juizes e examinadores do dito offiçio, e para que não aja differenças entre os ferreiros de obra grossa e os de obra delgada açerca da eleição dos ditos Juizes hũ anno a farão na ribeira e outro na ferraria. E esta ordem se guardaraa sempre.

. . . .

2

E o offiçial que sair por examinador hũ anno não seruiraa o mesmo cargo dahi a tres annos contados do dia em q̃ acabar seu anno.

Seguem-se 26 artigos, com responsabilidades, multas e castigos, por faltas dos examinandos ou dos examinadores, dos quaes aqui transcrevo os numeros: 4, 5, 20 e 23, para demonstrar quanto eram rigorosos os preceitos naquella epoca.

4

E todo o offiçial que se examinar quiser de obra do mar saberaa fazer ferragem para bestas[1] e seu crauo[2] tudo muy bem feito, e esta seraa a primeira peça de sua examinação.

Item. saberaa fazer hũ grilandeo.

Item. huã Ancora de quintal e meo até dous quintaes.

Item. saberaa fazer huã gouernadura de nao bem feita e acabada.

Item. o offiçial que se quizer examinar de obra da terra hade saber muy bem caldear o ferro e aço para aquellas obras q̃ delle ouuer de fazer e conheçer a natureza delle se he agro se doçe para que conhecendoo lhe dee a calda segundo for necessario.

Item. sabera fazer muy bem toda a ferragem para bestas e crauo para ella, e esta seraa a primeira peça de seu exame.

Item. saberaa fazer hũ machado alto de carpintr.º da ribeira e hũ machado frageiro.

Item. saberaa fazer hũa enxoo e hũ martello de carpintr.º

Item. saberaa fazer hũ poodão e hũa fouçe e hũa enxada e hũ ferro darado.

---

[1] *Béstas.* — Instrumentos bellicos de arremessar pedras, ou de atirar settas.

[2] *Cravo.* — Argola cravada no arco (?).

5

E ao que assi for examinado na maneira sobredita e for hauido por habil e pertençente pera poer tenda lhe passarão sua carta de examinação assinada pelos examinadores e feita pelo escriuão do dito cargo. A qual leuarão aa camara para la ser vista e cõfirmada e se registrar no liuro em q̃ as taes cartas se registrão.

20

It. os Juizes do dito offiçio terão cargo de trinta en trinta dias visitar as tendas dos offiçiaes e fazer correição cõ o escriuão de seu cargo. E assi todas as mais vezes que necessario lhes pareçer. E as obras que acharẽ que não são feitas como deuem as tomarão e leuarão aos almotaçes das execuções para se fazer nisso o que for Justiça e se dar o castigo ao offiçial conforme a culpa que lhe for achada. E esta diligençia farão sem odio nem affeição nem otro algũ modo ou espeçie de maliçia. E os Juizes que nas ditas obras engano e falsidade acharem e a dissimularem per qualquer via que seia e não fizerem diligençia para se fazer a dita execução contra os culpados pagarão dez cruzados a metade para as obras da Çidade e a outra para quem os accusar.

23

E nenhũ offiçial do dito offiçio seraa tam ousado q̃ tome nem recolha em sua casa aprendiz nem obreiro que estiuer cõ outro offiçial enquanto durar o tempo q̃ o tal obreiro ou aprendiz for obrigado a estar cõ seu amo, nem lhe falle nem mande fallar per outrem sob pena de qualquer q̃ o contrº fizer pagar dous mil réis a metade pera as obras da Çidade e a outra pera quem o accusar, e o tal obreiro ou aprendiz tornara para casa de seu amo.

Como é natural, não se allude nestes exames a obras de arte, pois a praxe, como se está vendo, sómente obrigava á execução de ferramentas e objectos que as prescripções referem, isto no que respeita aos exames para officiaes. No entanto, desde o seculo XV até á extincção da *Casa dos vinte e quatro*, vê-se, pelas grades, mais ou menos monumentaes, peças fixas na architectura e de applicação ao mobiliario, que ainda existem, escapadas á deterioração dos tempos, a catastrophes e ao vandalismo destruidor, que, nos exames para contramestres e mestre de officina, os objectos para tal selecção não podiam consistir unicamente em peças de ferramenta, utensilios de lavoira, simples armas e rudes ferros para embarcações.

Corroboram esta deducção, peças avulsas de complicado ornamento artistico e de impeccavel acabamento, como o braço de balança que acima notei e outras com que temos topado, de differentes prestimos.

Nomes de mestres ferreiros, têem-nos apontado, em face de documentos, os srs. D. José Pessanha e dr. Sousa Viterbo, que, na sua interessante monographia «Serralheiros e Ferreiros», cita dezoito nomes, e que noutra monographia, egualmente valiosa, «A Armaria em Portugal» — Primeira e segunda serie, 1907, 1908, apresentadas á Academia

Real das Sciencias de Lisboa — nos falla de grande numero de artistas, a alguns dos quaes se devem certamente as verdadeiras obras-primas, no genero, que ainda entre nós se encontram, no museu do Arsenal do Exercito e nalgumas collecções particulares.

Ferrolho de uma arca. — Sec. XVI

Indice